

UM EXTENSO CONTINENTE

Título**Um Extenso Continente**

Antologia de homenagem a António Salvado

Organização

Maria do Sameiro Barroso
Maria de Lurdes Gouveia Barata
Alfredo Pérez Alencart

Prólogo

Ricardo Marques

Pintura e desenhos

Miguel Elías

Design

Carine Pires
Rogério Ribeiro
RVJ - Editores

Edição

RVJ, Editores, Lda.
Av. do Brasil, n.º 4 r/c | Apartado 262 | 6000-909 Castelo Branco
Telf. 272 324 645 | Fax. 210 112 063 | Telm. 965 315 233
www.rvj.pt | email. rvj@rvj.pt

ISBN

978-989-8289-32-2

Depósito Legal**Data**

maio 2014

UM EXTENSO CONTINENTE

Antologia de homenagem a António Salvado



Organização

Maria do Sameiro Barroso

Maria de Lurdes Gouveia Barata

Alfredo Pérez Alencart



Angel Elias
2/11/2013

Poeta
Antonio
Salvado

Poeta António Salvado pintura de Miguel Elías, 2013

POESIA PARA O POETA

Que maior, mais poética, ou mais apropriada distinção se pode fazer a um poeta que dedicar-lhe uma Antologia de Homenagem?

A ideia nasceu, talvez entre dois dedos de prosa entre amigos e admiradores, e a verdade é que o livro *Um Extenso Continente – Antologia de Homenagem a António Salvado* deu ao prelo e chegou às mãos de todos nós, que estimamos o homem e admiramos o poeta e a sua obra.

Natural de Castelo Branco, António Salvado e a sua poesia são do Mundo.

E isso reflecte-se nesta obra, com poesia seleccionada de 191 autores, a esmagadora maioria dos quais do universo da lusofonia ou castelhano falantes.

O reconhecimento da qualidade e da projecção da obra poética de António Salvado é um facto que enobrece e prestigia Castelo Branco, a cidade onde nasceu e onde escolheu viver.

Também por isso nada mais justo que esta homenagem – à qual me associo em nome pessoal e em nome institucional –, num gesto de reconhecimento público a este ilustre albicastrense, poeta, ensaísta, tradutor, homem da Cultura e das Humanidades.

Ao longo da sua vida, António Salvado tem deixado a sua marca indelével em todos os que tiveram – e têm - o privilégio de com ele privar.

Como professor, como director do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, como pensador, como tertuliano de palavra sagaz e ironia acutilante, como bon vivant capaz de apreciar os mais simples e mais poéticos prazeres da vida: um livro, um petisco, meia de conversa na companhia de amigos.

Ao homem e ao poeta a minha homenagem, que institucionalmente também é a homenagem do Município de Castelo Branco.

Luís Correia

Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco

Uma antologia é, por definição, uma colecção, uma selecção de textos ou excertos de textos, em verso ou em prosa, que em princípio reunirá alguns dos mais importantes trabalhos de um autor ou de vários autores com determinado objectivo.

Ora, poucas coisas seriam mais apropriadas que o lançamento desta Antologia de Homenagem ao poeta António Salvado, ilustre albicastrense, autor de uma vasta obra literária, mas também com um percurso notável enquanto professor e enquanto director do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

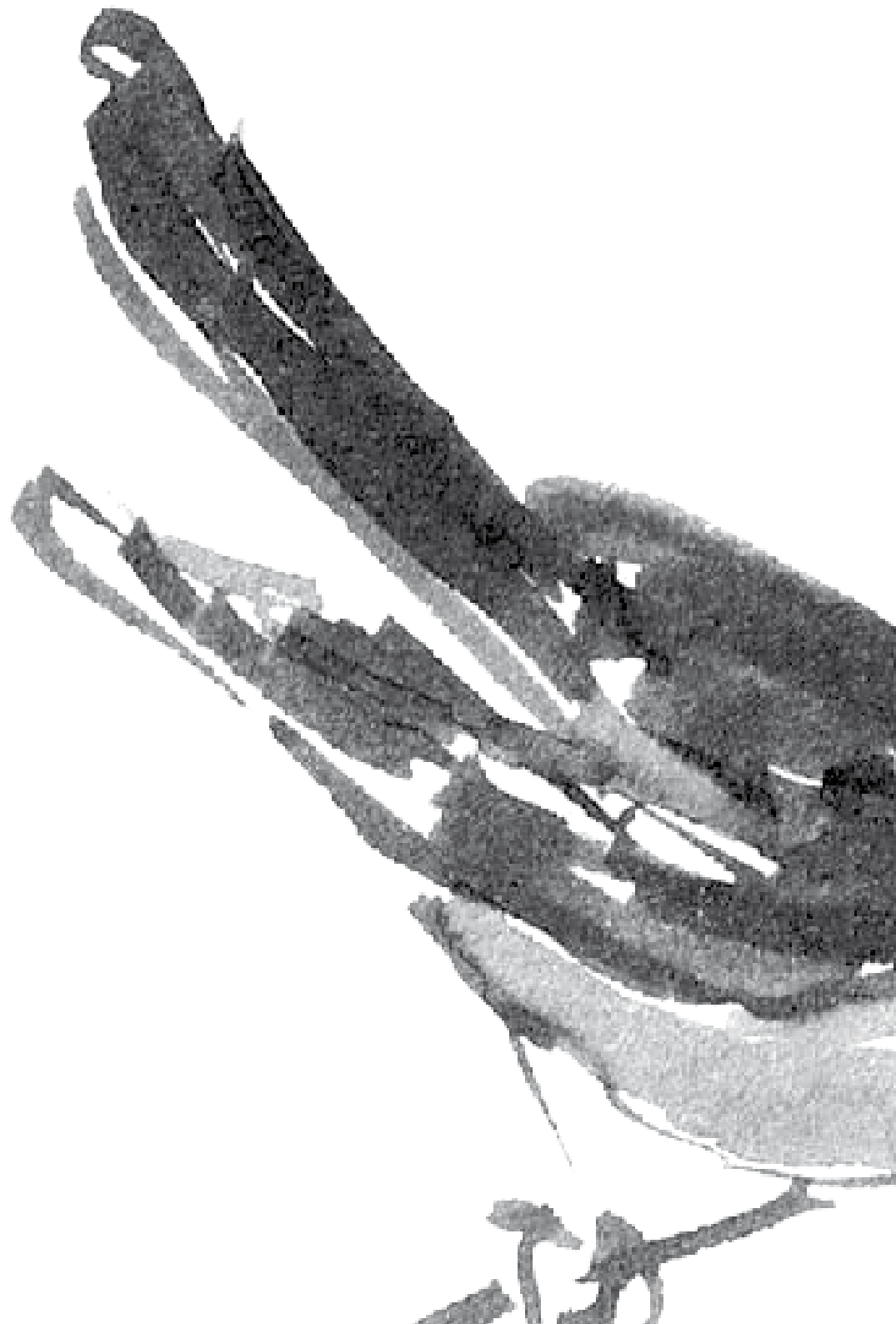
Falar de António Salvado é falar de um Humanista, de um homem com uma formação clássica e erudita, um pensador lúcido, de ironia fina e acutilante.

É por isso com naturalidade e grande satisfação, pessoal e institucional, que me associo, através deste testemunho, à edição desta Antologia de Homenagem ao Poeta António Salvado.

São palavras sentidas estas que expresso, ao homem, que considero e estimo, mas também ao poeta, que merece reconhecimento nacional e internacional.

Na minha qualidade de autarca, que sempre privilegiou a promoção cultural, não posso deixar de destacar a figura de António Salvado, uma personalidade incontornável – também – no âmbito da cultura regional, pelo papel e alcance da sua acção na preservação da nossa memória colectiva, das nossas raízes, requisitos essenciais à reafirmação da nossa identidade.

Comendador Joaquim Morão



PRÓLOGO

ANTÓNIO SALVADO: IMAGENS DE UM *EXTENSO CONTINENTE*

Por Ricardo Marques



0. Olhar o passado de décadas de um poeta e homem da nossa cultura como é António Salvado (AS) é uma tarefa hercúlea¹; Confunde-se com uma viagem por um *extenso continente* que apenas se tornou terra física com o primeiro passo de quem o criou: preparamos o percurso de noites e dias, tentando fundir-nos com a terra, isto é, com o texto, escrevendo com ele, e sabendo que mais do que tudo (até porque o tempo nunca nos permite uma viagem completa e longa) o que podemos levar dessa peregrinação é a imagem, ou a colecção de imagens, que perfazem o todo, ou que dele falam: assim, é isto que proponho: **imagens, marcos, âncoras**, com que rizomaticamente referir tudo o resto – numa obra que, dizemo-lo de novo, de outra forma, se confunde com a própria vida que a criou: sessenta títulos para sessenta anos de vida literária:

A Flor e a Noite, Recôndito, Na Margem das Horas, Narciso, Difícil Passagem, Equador Sul, Anunciação, Cicatriz, Jardim do Paço, Face Atlântica, Tropos, Estranha Condição, Interior à luz, Amada Vida, Descodificações, Matéria de Inquietação, Soneto em Lembrança de João Roiz de Castelo Branco, Utere Felix, Nausícaa, O Prodigio, O Corpo do Coração, Malva, estórias na arte, Certificado de Presença, Castália, O Gosto de Escrever, Rosas de Pesto, O Extenso Continente, A Plana Luz do Dia, Quadras (Im)populares e Sábios Epigramas, Rochas, entre pedras, o verde, Palavras Perdidas

1 Não iremos falar delas, mas são inúmeras as actividades que acompanharam AS ao longo da sua vida, reconhecidas pela medalha de mérito cultural do Ministério da Cultura. Para além da faceta de poeta, dedicou-se profissionalmente à chefia e direcção do Museu Tavares Proença Júnior, na cidade natal de Castelo Branco. O seu livro mais intimamente relacionado com o mundo da história de arte e museologia é precisamente o de 1995, *estórias na arte*, uma espécie de museu privado em diálogo poético. Na esteira disso, e já no mundo das letras, foi autor de inúmeros ensaios referentes à cultura do seu distrito, tendo igualmente sido editor de várias antologias, da qual gostaria de salientar a *Antologia de Poesia Feminina*, que ainda hoje é importante pelo carácter pioneiro da mesma. A sua faceta menos conhecida porém, deve ser a de tradutor, tendo, inter alia, traduzido o *Cântico dos Cânticos de Salomão*, para a extinta Delfos, em 1962.

seguidas de Oito Encómios, Se na Alma Houver, Quase Pautas, Os Dias, Largas Vias, Flor Álea, A Dor, Águas do Sono, Pausas do Aedo, Coisas Marinhas e Terrestres, Ravinas, A Quinta Raça, Recapitulação, Modulações, Os Distantes Acenos, Afloramentos, Ao Fundo da Página, Essa Estória, Outono, Odes, Conjunto de Sonetos seguidos de Novo Livro de Odes e de Redondilhas e Heróicos Quebrados, O Sol de Psara, Repor a Luz, Auras do Egeu e de outros mares, O dia a Noite o dia, Na Sua Mão direita Direita e Sonetos do Interregno.

Façamos uma rápida análise a estas palavras: repare-se desde logo como o campo lexical está tendencialmente ligado ao “gosto de escrever”: página, aedo, as estórias que a poesia conta nos seus géneros (odes, quadras, sonetos, redondilhas²), bem como as relações com o fenómeno poético: “modelações”, “afloramentos”, “descodificações”, ou essa “estranha contradição” que é a do próprio poeta. Aqui voltaremos.

A palavra porém, que mais se repete, e que ilumina como imagem toda a sua obra, é mesmo **LUZ**, porque parece também ser assim que AS parece ver o acto poético, *entre dia e noite* (título do primeiro livro e de um dos últimos), ou o poeta como esse *prometeu* (título de um dos primeiros poemas da sua obra) sempre lançando a sua voz própria contra o mundo, numa batalha de luz e trevas. Cristalizemos aqui com a primeira e mais importante imagem para ler a obra de AS.

2 Não iremos igualmente falar da obra de AS numa perspectiva intertextual directa com outros autores, mas seria útil deixar como achegas, para um futuro estudo, a influência que têm os poetas renascentistas, nomeadamente Camões.

1. Vejamos agora uma imagem do meio da vida, mas de sempre, num poema dedicado a Raul d' Andrade, e presente em *Matéria de Inquietação*³, o livro que publicou em 1988:

O poeta vive aí
como estendido o *herói*
jaz no campo de batalha

Em fala: húmus e asas
Em ter: e nada foi tido
caminho fronteira além

Mora: no secreto arfar
do coração feito sílaba
desprendido interrogado.

Círculo dentro do círculo
esgar de boca cerrada
o ponto final da dádiva

Só: de tudo despojado
aí dentro do poema.

O poeta *vive aí dentro do poema*, e a sua condição individual suprema é a de criar uma voz própria contra o mundo, por isso vive *só: de tudo despojado*, e fala da própria contradição que é o espaço e tempo onde vive: entre *húmus e asas*, com uma devoção ao seu dom (*o secreto arfar/ do coração*) que nunca pode estar concluído (*é caminho fronteira além*) porque é da natureza da sua *sílaba desprendida interrogada* estar sempre nesse mesmo caminho (como diria Karl Jaspers)⁴.

3 In *Matéria de Inquietação*, 1988, p. 47 (Ed. Associados, Castelo Branco).

4 Karl Jaspers, *Iniciação Filosófica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1998.

Encontramos um excelente complemento desta ideia num poema mais antigo, nomeadamente no livro *Cicatriz*, ainda dos anos 60. O poema em questão dá nome ao livro:

De tudo o que se vê
de tudo o que se diz

de tudo o que se faz
ou não se faz__

a cicatriz:

sinal
de permanência.

Repare-se, em primeiro lugar, na concisão da expressão poética. Creio ser este não só um óptimo exemplo desse aspecto da poesia de AS (ainda que durante estas seis longas décadas tenha tido momentos mais narrativos e descritivos) - *cicatriz* é, antes de mais, uma marca temporal numa coisa, metáfora que AS aproveita para dizer o que é o acto poético e aquilo que faz quem o desenvolve. E o que faz o poeta? Repare-se então agora nos verbos: “vê”, “diz”, “faz”, são três verbos de acção inerentes à actividade em poesia (ainda que o que se faça possa ser não fazer nada, ou ficar atento ao silêncio que informa as coisas existentes, de acordo com princípios da filosofia zen oriental, e de que os haikus são paradigma literário). O que o poeta, para AS, parece defender, com a escrita do poema, é ver, dizer, fazer (também aproveito para lembrar a génese da palavra poesia: *poiesis*, ou fazer, fabricar) como *sinal de permanência*, essa outra palavra que poderia definir, na acepção salvadiana, o que é um poema. Fiquemos com mais esta pista.

2. Já dissemos que a concisão é uma pista de leitura desta poesia, mas notamos que desde há umas décadas, essa tendência de depuração se vem acentuando, tendo-se bifurcado na primeira década deste século. Em primeiro lugar, a palavra vai-se tornando um veículo da palavra de Deus, na Sua mensagem redentora e profetizadora, e por isso sucinta, sobretudo na aproximação que AS sente à inexorabilidade da morte. É disto apanágio e último livro publicado ao tempo deste artigo - *Na Sua Mão Direita*, título retirado a um verso de Antero de Quental. O seu canto/lamento perante tal inevitabilidade, não obstante, é sempre de esperança:

Desfaz, Senhor, esta vivaz angústia
que me comprime o coração dorido -

e nada mais Te rogo, no crepúsculo
que vai aproximando a noite à minha vida.

Noutro sentido, segue a concisão, a aproximação a uma estética helénica, verificada em dois livros da parte ulterior da sua obra poética: *O Sol de Psara e Auras de Egeu e de outros mares*, ambos publicados em 2011. Será esta confluência de dois mundos tão distintos numa mesma obra uma ideia contraditória? Apenas quando não pensarmos a poesia precisamente como esse oxímoro ou síntese maniqueísta entre coisas antagónicas e que está sempre por definir (cf. Jean Luc Nancy⁵) – dito por outras palavras, o poeta, AS, é o detentor da sua luz ou centelha divina, e assim escolhe que terrenos iluminar na sua senda pessoal, em que espaços depor os seus pés:

5 Jean-Luc Nancy, *A Resistência da Poesia*, Lisboa, Ed. Vendaval, 2005.

PROMETEU

Curvado, que assim mesmo é alta ainda
A torre do meu sonho, eu só percorro
O pobre calendário dos meus dias
Afogado nessa angélica visão
De sol!

E permaneço, pois...
Confundo a minha vida anuviada,
Descubro o infando espaço onde navego,
E encontro o nó da corda que me prende
À ilusão, este impossível nó!

De longe gritos surgem...
E as longas mãos profusas do abismo
Prendem seguras o erguer da frente!

Continuemos então a falar do Tempo, do “pobre calendário dos dias” que é o deste poeta-prometeu. Se houvesse uma estação para rimar com a poesia de AS, essa seria, seguramente, o Outono. Este é tema de muitos poemas, quer de uma forma denotativa, referindo-se aos rituais sazonais da sua terra⁶, quer de um ponto de vista metafórico, com a referência à passagem do tempo.

Não existirá melhor exemplo na sua extensa obra para mostrar isto do que, precisamente, *Outono*, um livro de haikus de AS, traduzidos em japonês e espanhol, e ilustrado por Kousei Takenaka (*Trilce/ Verbum*, 2009). Aqui encontramos a mais recente linha de concisão do poeta albicastrense:

⁶ Veja-se este curto passo do poema “Vindima”, incluído no livro *O Extenso Continente*, de 1988: “[...] Por vezes, também as estações não habitam um tempo delimitado. Como uma exaltação do poema” (p. 68).

Outono. Como restam
ainda nesta árvore
as verdes ilusões?
(p. 17)

São páginas y páginas
que tu foste escrevendo.
Porém pouco disseste.
(p. 57)

Chegado ao dealbar de uma longa vida feita de livros, parece ser esta a lição poética que AS quer transmitir e deixar como legado: por mais que se escreva (ou tente escrever) a ilusão da vida, pouco se diz no fim. É necessário assim, e antes de mais, tomar cada um dos dias por inteiro e viver com esperança:

Entrego-te o segredo:
nunca o teu coração
treme perante a dor.
(p. 25)

3. Como dizíamos atrás, o poeta começa por ser *Prometeu* nesta extensa obra⁷. É a primeira linha de leitura. Do mito de Narciso ao de Nausícaa, porém, se desenha outra linha para ler a obra de AS.

Em primeiro lugar, talvez possamos ler a presença inicial de Narciso como a voz do poeta encontrada. Dito por outras palavras, Narciso é o poeta refletido sobre si próprio no lago da poesia - encantado com a sua voz, não deixa outra voz, a da ninfa Eco, enamorar-se dele, apaixonar-se, provocando a morte desta e o eterno eco da recusa, da morte estéril. E, tal como Prometeu, “[...] desafia o Tempo a rir, a rir/ por saber – umbroso saber – que existe!” [...]⁸

7 Cremos que a primeira incursão será como segundo poema do seu segundo livro, de 1959, *Recôndito* (p. 7).

8 In *Narciso*, 1961 [apud AA.VV., *Los dominios de la mirada – Antología de Homenaje al poeta portugués António Salvado, Salamanca*, CEAS, 2000, p. 40].

Nausícaa, em segundo lugar, é uma linha de leitura forte e paralela nesta obra poética. Nausícaa é a princesa de Feácia que se enamora de Ulisses, esse navegante poeta e errante como o seu inventor Homero, apenas que o encontra náufrago na ilha de seu pai Alcínoo, já ele estando liberto de Circe, e despojado da sua armada e dos seus homens. Este encontro será a acção determinante para Ulisses voltar a casa, uma vez que ela o leva à presença de Alcínoo, e este o ajuda a regressar a casa. A princesa simboliza assim o lugar da memória, a saudade:

Depois de te encontrar
soube que as lágrimas
tinham os mesmos sons
do meu silêncio.⁹

É no fim de *O Sol de Psara* que temos aquilo que é o retomar da “estória de Nausícaa”¹⁰, projecto que já tinha sido alvo de um livro autónomo, *Nausícaa*, de 1991, narrativo *malgré* descontínuo, polifónico e lírico no tom de contar a história do mito¹¹. Vejamos agora o momento do encontro, que a meio parece cotejar o destino de Ulisses na sua expedição com o do próprio poeta, sempre peregrino de poema em poema, entre a memória, o olvido e novas mágoas:

9 *Nausícaa*, 1991, p. 48.

10 Op. Cit., pp. 35-36.

11 Como aforámos, cremos que esta linha é deveras rica para ler toda a obra de AS porque o primeiro momento em que dialoga com este mito é logo num dos primeiros livros, *Tropos* (curiosamente dedicado a Natércia Freire), numa longa meditação em que junta a sua voz, através de um canto redentor de Ulisses, à de Nausícaa - “[...] porque o destino foi feito pelo ruído diáfano dos teus passos, caminharemos juntos, Nausícaa, para a morte” [sic]. (Op. Cit, 1969, p. 47).

A Graça das donzelas [...]

(...)

tão súbito sozinha quebrantada
pelo bulício pelos gritos lídimos
das companheiras servas a jogarem,
em frente àquele corpo [...]:

“Rebento de palmeira, que segredo
envolve o ar o mar, a comoção
do teu silêncio sobre mim lançado?
E deixa de fixar-me: as minhas mãos
querem saber se és deusa, se mulher...

Venho do infortúnio a navegar
por incertezas trevas e procelas,
tudo perdi: amigos e a memória...

Será que novas mágoas venho achar ?”¹²

(...)

Memória, morte, saudade. Em tudo a passagem do Tempo conjura no destino do poeta navegante, como reflectido nestas interrogações de Nausícaa perante o corpo inanimado de Ulisses na praia que acaba de encontrar:

(...)

São bategas na face? o sol traçando
sulcos negros no rosto?
Em fuga que passado? Incerto que futuro?
Um zumbido feroz ao meu ouvido
apagará as dúvidas
rasgando as incertezas?¹³

(...)

12 Op. Cit. Negritos nossos.

13 *Nausícaa*, 1991, p. 5.

4. Recordamos agora esta imagem final, resgatada ao filme *O Sangue do Poeta*, de Jean Cocteau, de 1930 - e que com prazer aproveitamos para homenagear AS mais à frente neste volume, em diálogo poético. Neste filme, o protagonista desenha uma boca que depois ganha vida quando a deposita numa estátua. Esta diz-lhe que deve atravessar o espelho, coisa que o poeta faz, para do outro lado encontrar um mundo surreal, distópico. Cocteau parece assim traçar simbolicamente a aprendizagem da voz do poeta – o mesmo poeta que, passando o espelho da poesia como Narciso, e não morrendo apesar de se tentar suicidar, volta no fim para destruir a estátua, quando já viu o suficiente do mundo sobre o qual pretende falar. Efectivamente, o que vemos com o exemplo de Salvado é que a aprendizagem do poeta acontece naquilo que faz e a que se devota (de acordo com a máxima latina de *Opus Artificem Probat*) *na margem das horas, recôndito*, escrevendo *no fundo da página essa difícil passagem* que é o texto poético. E assim se liberta da lei do tempo, perenemente, como o poeta de Cocteau.

Digamo-lo então numa só frase: Entre contar a *estória* e ser conciso, olhar a *face atlântica*, helénica e oriental, e a atenção local às coisas e costumes da sua terra, às suas *rochas*, às suas gentes - disto fez AS a sua obra, e da sua obra fez AS a sua vida: tudo o mais deve ser lido por este diapasão do silêncio, esta eterna volta do poeta sobre as coisas¹⁴:

14 In *Os Dias*, 2000.

VOLTA

Respostas ao que vi amei chorei
moldam meus versos letras peregrinas
ou que sonhei —

 de tudo fiz colheita
a ser no coração o prol o timbre,

a tudo recolhi nas mil maneiras
que a vida palmilhou dentro de mim,
a vida apaixonando o fundo leito
p'lo rio a passar nele sem destino.

Tudo servi: quantos percursos idos
e quanta solidão e con-vivência
em paragens forçadas imprevistas:

conjuntos e migalhas de fonemas
aguardam sempre o gesto do aceno
que os faça perdurar ao serem escritos.





A CASCATA DAS PALAVRAS

Homenagear um Poeta é recolher a lira poderosa e doce das sementes por ele já lançadas no sopro transparente e leve da sua aragem, impregnada pela sua marca e fulgor. A sua paleta policromada projecta-se num vasto continente do qual começamos apenas a dar conta, aferindo a sua génese, a sua extensão, o seu fôlego, lavrado na pauta inquieta do seu recolhimento.

A obra de António Salvado cresce como uma árvore, onde são visíveis as suas raízes e os pássaros que pousam nos seus mais altos ramos. As flores e os frutos criam reflexos que nela se reinventam, no Outono, na Primavera, ao pôr-do-sol, percorrendo as tonalidades onde brilha a sombra mais recôndita até ao auge negro da palavra, cascata branca que se incendeia em toda a extensão do espectro da luz.

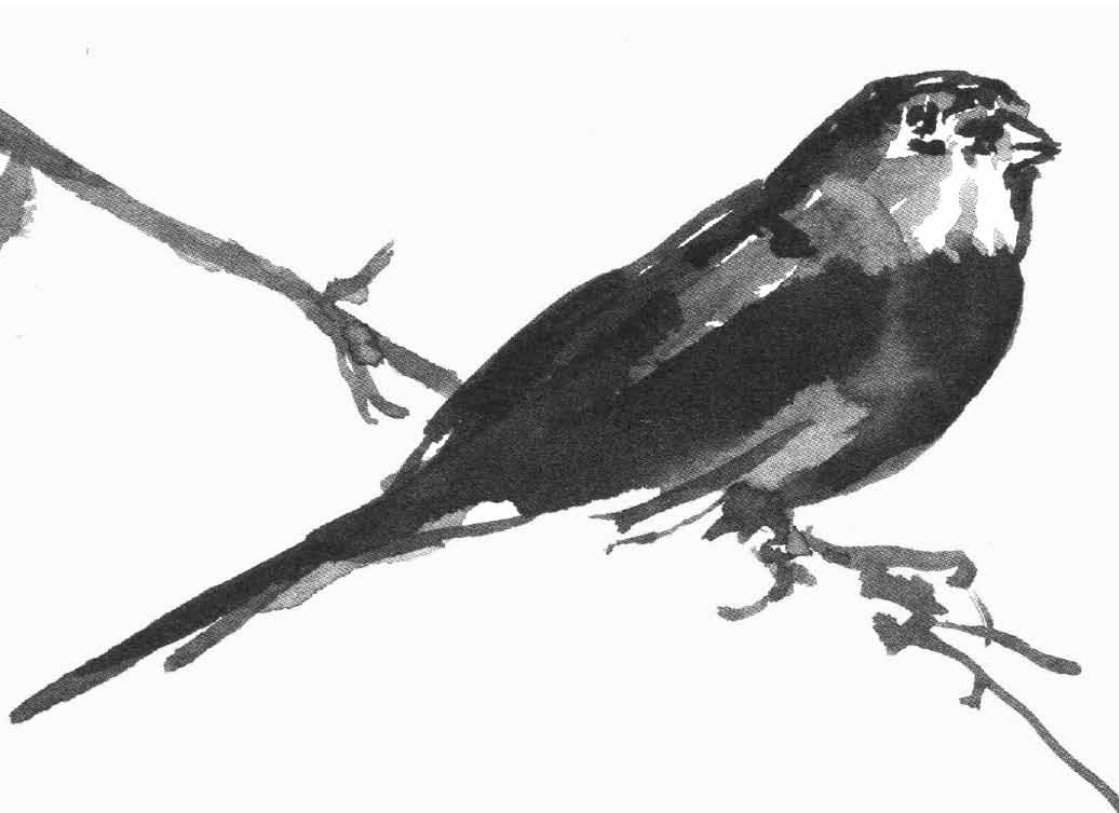
Nesta obra com a qual o homenageamos, assomam vozes múltiplas, em variados registos de afinidade e proximidade. O tempo e o vento ditam a génese desta palavra poética que projecta a sua vitalidade a partir da seiva do seu criador. Um poema nunca termina, nem uma homenagem, tal como a obra que lhe deu origem. A esta voz respondem ecos, oferendas, geminado cristal, plasmado em afectos e sementes que continuarão a crescer, disseminadas pelos esporos do vento.

Assinalámos apenas alguns registos entre muitas outras vozes possíveis. Dada a pluralidade de idiomas e de variantes linguísticas, optámos por fixar apenas a versão original. Alguma dificuldade cremos que será facilmente ultrapassada, uma vez que todos os participantes falam e entendem a língua universal da poesia.

Salientamos o entusiasmo, o carinho e a admiração pelo Poeta e a sua obra por parte de todos os que colaboraram. Pela generosidade expressa, a todos deixamos a nossa nota do mais profundo reconhecimento.

Maria do Sameiro Barroso

UM EXTENSO CONTINENTE



TRISTEZA

Solo, entre el oleaje
de dos furiosos mares
me sumerjo y hundo.

Llamo, grito...
sólo me responden las tinieblas
y las voces feroces de unas ciegas olas.

El viento se me acerca,
me tiende una mano templada,
me acaricia con ternura y se retira.

Abrazo mi sombra,
eternamente, solo.

PARA ANTÓNIO SALVADO

A voz – mensageira virtual
em sua interioridade: lugar de enigmas.
E suas margens para o desconhecido
o exterior de si:
istmo que a conduz
ao mundo intermédio da audição
onde ela se revela ou clarifica
como o sol rompendo a região da sombra
até a aurora.
Por vezes é apenas um murmúrio de água
e pelo silêncio se reverte à contemplação.

ADIÓS

Adiós Lisboa
el sol resbala por los tejados fértiles.
Quedan atrás los adoquines blancos
queda atrás el tranvía de los besos.
He vertebrado tus calles
con un poco de tristeza
he recogido tus láminas
como un encaje para el recuerdo.

Adiós Lisboa
tus manos guardan la tibieza
dibujaste mi sombra con todos los nombres
y no pude regresar las horas a mi antojo
las puertas anunciaban caracoles
y las calles ebrias parían lamentos de luz.

Adiós Lisboa
alguien me recoge del vuelo
entre sus brazos
y en el vértice preciso de tus gaviotas
sueño la canción sin escribir
la de extensión azul.

Adiós Lisboa
alguien te nombra en soledad
con el sol entre los dedos
y parpadea entre sus labios
tu nombre
y besa otros labios
y te besa.

**CONVERSA, EM FORMA DE POEMA,
COM ANTÓNIO SALVADO**

Vai assim, em jeito
de conversa, António, o que devia,
dizer-te num poema. O que devia
dizer-te com palavras limpas
do sarro da tristeza
destes dias. Peço
emprestado ao José Terra
o título de um antigo
livro seu e digo
que a tua poesia sempre foi
para mim um *canto*
submerso, como é
o canto dos rios
subterrâneos. A tua
palavra flui, quero dizer,
como sentença proferida entre
a revelação e o enigma. É essa
a sua constância e a sua glória.

FRAGMENTO

Para Ant3nio Salvado

VI

No extraterreno, ni subterr3neo,
sino sobre la tierra, comprendo con los ojos
como balcones hundidos en el firmamento
que hay una estrella fugaz en todo sueo
y horribles huellas en las estaciones
que cruzan por el rostro de los desaparecidos.
Lebran los pueblos fantasmas, ei estremecimiento
y el terror, el llanto oscuro
y el deseo, como un camino que no lleg3,
cuando la aurora con los dedos ensangrentados
acaricia la tumbas y todo termina
como los muertos en los caminos.

ANTÓNIO SALVADO

I

Desenhar a face de Deus
no leve traçado das sílabas,
na fímbria do efêmero.
Traçar linha a linha
o ímpeto do incêndio,
derramá-lo em rosas,
em chagas abertas
na trêmula face do poema.
Afagar o silêncio,
esculpi-lo em febre,
para que em tua alma
floresça apenas o que somos,
em exata sinfonia.

II

Uma gota de silêncio
desenhou o infinito.
Por isso as constelações ardem.
Para que o poema seja
a verdadeira face da infância.

III

Um pássaro rasga
o silêncio,
pousa sobre as sílabas,
canta do íntimo
coração da poesia.

Todo o universo está intacto
na precisa arquitetura da página.

IV

Florescer no incêndio
a pele da água.
Arder no instante
a fúria das procelas.
Explodir na página
o fogo de mil
cavalos no cio.
Decantar na palavra
o frêmito selvagem
da hora aberta.
O poema nasce
do coração
dos relâmpagos.

V

Quando germina tua palavra
todo homem renasce,
límpido, primeiro,
no brando coração
da página.
Os milagres acontecem
quando queimam o teu silêncio.

VI

Uma árvore que nasce
não da semente,
mas do fogo.

Uma rosa que floresce
não do pólen,
mas do sangue.

Um pássaro que canta
não do íntimo das asas,
mas da nudez das constelações.

Uma poesia que palpita
não das grades da página,
mas no coração aberto
de todo sentimento humano.

VII

Há um milagre,
maduro, pleno,
em cada sílaba
de tua vida.

Por isso se fez o teu poema.
Para que a infância seja
o verdadeiro nome da eternidade.

Alfredo Pérez Alencart (Espanha)

PASO A LOS POETAS Y AL LENGUAJE DEL ALMA

*Homenaje a António Salvado,
mi hermano lusitano*

Nos resucita el lenguaje del alma, el hondo acento
de tablas resonantes trasladando sílabas electrizadas
desde la boca bendita del trueno. Nos regresa
la nunca apagada promesa que purifica el equívoco de los hombres.
Nos precipita a la existencia el deseo azul palpitando
en sangres que germinan asombros.
Nos amanece el fognazo acantonado en el predio
donde descansan las revelaciones. Nos enraíza
lo insondable que gobierna con maestría
el mediodía de la creación, plegando su corazón
saltarán para colocarnos años encima.

Así vamos acumulando augurios,
como si sucediesen muertes cultivables o vidas
enseñando cómo horadar secretos, cómo cambiarnos
de traje para el viaje donde nos lavarán las cicatrices
de todos los inviernos.

¿Estamos en diálogo con las venas del enigma,
con su lengua adiestrada de cada destino?
No queremos decirlo de pronto. No entramos
en ello como si fuera una contienda ganada.

Hemos escuchado al transparente espíritu
que dona palabras necesarias. Sabemos de los hilos
que sujetan nuestros cuerpos, de las ideas
levantadas para que el milagro sea cotidiano y pase
por nuestra garganta, ya convertido en llamada
de invocaciones.

Despertamos porque las escamas de la noche
humean legendarios temores. Es difícil no arder
en medio de lo oscuro, protegidos por los párpados
del silencio habituados al paso de los cielos
más taciturnos, atados a la esponja del recomienzo.

Quizás sea ocasión para saludar a los arcángeles.
Quizás vayamos al otro hemisferio con la varita mágica
de la alegría. Quizás los pájaros cantores
llenen el aire de silbidos premonitorios. Quizás
sólo vendimiemos hipnotizadas
horas de guardia.

Alguna vez los desastres muestran su faz más oscura
y dejan que escuchemos la trompeta que exaspera
hasta la zozobra. Alguna vez no vemos el faro
que advierte de escalofriantes acantilados. Alguna vez
los zarpazos nos hacen añicos en medio de la pena.

Marchamos por el desierto de las calamidades,
aprisa pestañeamos ante mortajas o amuletos de tupidos odios.
¡Ay con esta plantación de catedrales extenuadas!
¡Ay con estos medicamentos acribillando cuerpos!
Seguimos adelante porque sentimos las heridas
que nos hacen culpables a todos, que nos instalan
en la plaza pública donde se practica el oprobio.

Mas he aquí que agarramos el cable de alta tensión
que contiene lo venidero y lo presente, el fragor del pasado
y la honda luz que logra aclimatarse
en la ciencia del corazón coronado de mensajes.

Somos miembros de un linaje dispuesto a todo sacrificio.
Y así nos hundamos en el foso, vamos descarnando
atropellos, mostrando por nuestra cuenta
lo que al hombre lleva a la ruina.

No es el oro el que nos traba la mandíbula
sino la ofrenda enamorada, capturados pero libres
en medio de realidad tan poderosa
que los amanuenses no logran describir.
¡Váyase al infierno quien se cree rico con diamantes!
El amor nos hace danzar
como en las mejores fiestas, al tañido de un eco
amarrado a lo desconocido.

Divino es el amor que nos instala el alma
ricamente vestida para la pura entrega.
Por las puertas del día paseamos nuestro amor,
orgullosos como el trovador que cautivó a su doncella.

Alguien dirá: ¡Éstos son unos complicados
que se preguntan dónde comenzó el misterio!

Nosotros decimos: ¡Si no estás comprometido
con el futuro, sigue en tu presente soez!

Ayer nos dedicábamos a cosas agradables
pero un bisturí operó nuestros sueños, dejando heridas
que sólo podrán curarse
cuando los pulmones amanezcan cantando
la sencillez de renovados juramentos.

No necesitamos E-mail para comunicar que están volando
pájaros heridos o que la primavera llegó
con sus fragancias silvestres.

Hoy cargamos las piedras del ángulo
que antes arrastraban los herejes.

Séanos permitido forcejear con la descripción de los comienzos,
con la duda al interior del grito virginal o con la atmósfera
que nos recarga el alma
porque somos víctimas de saltimbanquis
que nos colocaron las primeras cadenas de fuego.

Vengan unos minutos de descanso para este lenguaje
desgarrado con el que rompemos
el fango que atora el caudal de nuestras vidas.

TRIBUTO A ANTÓNIO SALVADO

“num barco sem dia a dia”

às mulheres do primeiro mundo
de cujos braços teremos obtido o
genuíno mel por que vivemos, um
verso instruiu: naveguem-me corpo
acima e morram-me aos pés. do que
então choveu, mais entre dois corpos
do que cai do céu, nasceu o poeta. eis
como se faz um homem: pega-se numa
estrela e mede-se a geometria do tempo,
contam-se, separadamente, as horas que
vão da fecundação à morte, subtraindo um
único brilho. e a criança cresce e sobe como
uma onda que cresce e sobe até ficar desfeita

ANTÓNIO SALVADO, POETA

A poesia é rio.

Percebes tu que o rio ressurge?
Este Tejo que, ao som de um violão,
entrelaça amanheceres?

Tangendo a música.

Rio caminhando labirintos de sendas tantas.

No entre sonho, os tons de um fado.

Daquele violão d'água,
os desenfreadas arroubos

aturdem o rosto do amor.

Violando as margens,

dedos d'água
cinzelam madrigais

que vêm pairando enlevos,
luziluzindo a surdeza dos ramos

de sonhos enflorados.

Ah, rio Tejo, das cordas dedilhadas,

a ti, este cântico, renascido.

Cântico velejando o aroma

de um amor reencontrado.

Quisera desvendar o leme

deste lugar que zune,
que enche de invisíveis os ecos da planície,
irisando a *crueza das ausências.*

Ah, quanto quisera o leme

ouvindo os passos da noite de Lisboa,
adentrar o êxtase do mundo!

ANTONIO, POETA

.
observa a cor do dia
esse corte de asas feridas
o pássaro
a ave
esse estar-se entre as pedras
esse cantar-se por dentro a poesia
esse deixar-se calar
porque a tarde se acaba

observa, antonio,
a alma das pedras
o musgo da folha
e a raiz que corta a terra
a poesia que faz nascer
o que tudo se encerra.

antonio, observa
o que resta do campo e das ovelhas
dessa tez tecida em toda sina
a porta das igrejas fechadas
nessa prece que termina
uma palavra que se apaga
ao tempo que se destina.

·
observa, poeta,
tal silêncio faca aguda
no acento grave do silêncio
ausência do aceno
o que se perde
entre os oceanos de náufragos

·
observa, antonio,
o que nasce e renasce
e ainda a noite não terminou
nessa lua no teto do quarto
onde anjos se calam
palavra que não se diz

·
observa, poeta,
teu poema que se desvenda
e se desfaz da palavra
e se desfaz do minuto
e se desfaz da face
e se desfaz do tempo
da cicatriz e seu disfarce

·
observa, antonio,
que ainda é tarde
a entardecer pressentimentos
a anoitecer o gesto nulo
no canto quieto dos lamentos

·
observa, poeta,
a sílaba da poesia
no verso que se acaba
o poema que se escreve
a pensar-se numa sala
essa palavra que se cresce
e em silêncio se cala.

SURDO CONCERTO

Ouve, que, solidários, gemem, em surdo concerto, os elementos: as folhas das faias, o vozerio dos ventos, o cambiante cromatismo do mar.

Ouve, que é de ti que falam.

Nega, pois, teus ouvidos ao canto das sereias e ouve apenas a voz dos elementos.

Quando atravessares o negro rio, conduzido pelo solícito barqueiro, ainda eles continuarão a falar de ti, mesmo que num gelado sopro, num sibilo, num silencioso marulho.

**[DE SÚBITO, SABEMOS QUE NÃO
PERDEMOS O CORAÇÃO.]**

De súbito, sabemos que não perdemos o coração.
O coração eleva-se ao ermo, cinge-se à memória,
passa a sufragar tudo o que resta – e aparece.
Aparece a brilhar num espaço negro.

De súbito, tudo volta para trás. Tudo é cativo.
E volto a passar as mãos pelo teu cabelo,
essas ínfimas aves que chegaram a uma praia
que ninguém sabe que existe, o coração.

De súbito, a morte faz sentido. Não se sabe
que quantidade de dor estiolou na árvore, como ficaram
roxas as mãos, e o mar, a sua superfície azul, foi
os teus olhos, os meus olhos nos teus num movimento atroz.

De súbito, o coração aparece – é um barco
à deriva no teu peito, e tudo o que te pertence me pertence,
e é por ti que chega, e é a ti que reconhece quando a treva vem
e nada mais vem ao coração.

Américo Rodrigues (Portugal)

O que a velocidade
traz
ao gesto de correr
contra a paisagem:
os homens
perdendo a nitidez
da sua espantosa crueldade
perdendo o rasto
de olhar para o passado
perdendo a vontade
de serem corpo
presente
no desenho do mundo.

POEGRAFIA AO ANTÓNIO SALVADO

A Flor é o escuro que cobre a **Noite** assolada pelas **Águas do Sono**, **Recôndito** nas rochas do tempo o poeta emigra na **Difícil Passagem** pelo **Jardim do Paço**, onde no Interior do mesmo **A Plana Luz do Dia** acende o **Outono** com a **Matéria da Inquietação**. **Entre Pedras o verde** anuncia o silêncio agudo das lágrimas-folhas cicatrizadas no extremo **Sul do Equador**. Aqui o calor queima, arrasta a **Face Atlântica** de **João Ruiz**-construtor de um **Castelo** pintado de Branco (cor de neve) em pleno Verão dissipado nesta Freguesia **A Dor**.

E **Se na Alma Houver** bicicletas frondosas a pedalarem na aurora da(s) **Des Codificações** do destino vazio, **Largas Vias** conduzirão-nos a interminável **Lembrança** (esta **Estranha Condição**) *de plantar vento e colher tempestade*.

Caso não, domesticaremos os cavalos de chuva para com eles molharmos **O Corpo do Coração** esquecido **Na Margem das Horas** amargas deste **Extenso Continente** o soluço.

Na foz do Rio sem fim os alpinistas escalam **Os Distantes Acenos** da palavra montanhosa de sonhos e o **No Fundo da Página** assiste-se o baptismo de uma viagem eterna:

**Onde plantei as rosas
nascem ciprestes:
sob un ligeiro manto de alegria
a minha face esconde
a cicatriz da tristeza.*

* *PLANTACÃO* - António Salvado

Ana Maria Puga (Portugal)

Não se reacende
Por obra de um vende a vale
O perfume da roseira
Que se desfez em farrapos
Nas palavras sem sentido
Semeando a condição
Tudo se abarca na ideia
Da primavera que ordena
Rebentos de verdejar
A Palavra por inteiro
No grito dos seus aromas
Sem império sazonal
Terminada a gestação
Por entre os lençóis da terra
Manchados de sangue e cheiro

PALABRAS PARA ANTONIO SALVADO

No buscar ni una palabra.
Ni una sola.
Buscar con frenesí el delirio de la sal.
Salir al encuentro del sendero
Y derrotar la confusión
saboreando
la incierta luz que brota
del cromatismo de los vidrios,
de los bulbos ocultos
en el pozo de las sombras.
Salir al encuentro
del ocaso y la verdad,
de la palabra y la vida,
del alma y del sendero,
del espíritu alineado a las estrellas
y hallar
algo parecido
a una luciérnaga.

No poro seco do chão
a minha mão é o vedor
contorcido
que encerra o veio cristalino -
Ergo-me de rochas embrionárias,
nasço e morro nos rebentos dos dedos.

Sou um túnel onde corre o lençol.
Encho cântaros. Se as mãos se levantam
à limpidez - sou ave acima.
A paisagem implode da crosta
cicatrizes abertas.
Há esse orvalho lustral,
essa água que me aflora a boca -
abro as nascentes, espalho-as
pelas dores fracturais.

Sigo a directriz do magma vivo,
a luz bafejando o verso brotante -
O minério dentro é opalino, contido
na ramagem cristal.
Abro o poema. A água canta.

(A António Salvado)

INMERSIÓN

Una palabra pesa
más que el agua.

La palabra bucea
en la profundidad
del agua estanca.

Las palabras nadan
contra corriente.

Una palabra flota
más que el corcho.

La palabra es vaso
de agua fresca
que ofrece el mar
al primer sorbo.

AMOR / ÁGUA

Alfabeto íntimo: escrevo amor e construo,
pedra a pedra, as arcadas desta aurora,
cada letra uma flor ou uma estrela
que acendo no coração da vida, na alvura
das manhãs despertas, alma azul, arado,
acácia desfolhando o tempo e libertando
as árvores cativas, as âncoras afundadas,
água, gota a gota desenhando
o colar de Vénus, fonte da vida
onde nascem rios velozes e ribeiras mansas
que vão morrer no oceano, esse lugar
onde convergem todos os caminhos.

Calar a sede, supremo desejo do amor
e da água que fecunda a terra
e povoa o céu de nuvens errantes
com suas crinas de maresia e luar
e se derrama sobre a incredulidade dos seres,
animais, plantas, o próprio Homem
onde habitam amor e água em partes iguais.

Sei que sou uma nascente oculta
alquimia de lágrimas amargas
sombra viva das esquinas
poema em argamassa,
vagueio ao sabor da sede
até que o verso flui e desagua
na palavra amor, água limpa de mim,
deste abecedário sentimental.

ISABEL DE ARAGÃO

Homenagem a António Salvado

A neta de Manfredo, a filha de Constança
que trouxe da Sicília ao Mondego
o vermelho do império e o branco da heresia
A pedra pura de Aragão, a neve fria dos picos
a dama Cortesia
que Donis cantou em versos doídos e abrasados

Ardeu mais fundo a neve, desfaleceu a rainha das rosas
e pingou em chão sagrado, ó Santa Clara
a primeira gota do sangue de Inês
O dragão gibelino, a sobrinha da serpente alada
a Ísis que peregrinou ao fim da Terra
para sacrificar no sal do Tejo o Ser
Nas fragas de Alenquer, no desterro do nada
ardeu mais fundo a neve sem derreter

LLAMAS EN LA MORADA

*Para António Salvado,
en su morada del Oeste*

Morada, centro de mi ser
en llamas:
me has llamado y he acudido.
Aquí estoy devolviéndote
cuanto me diste.

Te devuelvo lo más sagrado:
mi infancia, las escasas
palabras del poema,
ese misterio transformado en música.
Te devuelvo
el pico amarillo del mirlo,
la piedra negra con su musgo verde,
las viñas adormecidas
por la helada,
el milagro de la mujer,
el vuelo en la noche de la lechuza blanca,
el ruiseñor ausente.

Me has llamado
y he acudido con este cuaderno,
con este poco
de música,
con estas brasas de las palabras últimas.
Don que me diste,
ofrenda que te entrego,
aunque mía no sea.

Me das este desvelo, este silencio
que sana
y que tan sólo es tuyo,
y que tan sólo es mío
en lo secreto
de esta soledad de poniente
poblada de abismos
maravillosos.

A ESPERANÇA VALE TUDO

Cada poema,
Um mistério revelado,
Cada verso,
Um enigma oferecido,
Cada palavra,
Um momento de encontro,
No verbo que é tudo.

O mar distante,
Bate nas praias da memória,
Apenas o céu e a terra sempre presentes,
Haja ou não sóis, luas ou estrelas,
A noite e a madrugada, os desencontros,
Amores, até paixões,
E esta ânsia de criação
A partir do nada da palavra
No talento dos poetas.

Ligo os versos.
Dão sentido ao pensamento.
Venço o caos em cada reencontro.
Percebo as gentes e refaço o mundo,
Entre o passado e o futuro,
A frustração e o sucesso,
A morte e a vida.
A esperança vale tudo,
Na pura ilusão do presente.

PENA(S) SUSPENSA(S)

Escondo minhas penas
Escondo minhas cobiças
Antes da visita ao ninho
No labirinto do caminho
Coberto de pó e pedras
De lama pejado de invejas

Interrogo o corvo douto
De meu indeciso destino
Procuro um dicionário
P'ra falar com insólito
E caprichoso destinatário
Mima meu esgar atónito

Sigo impressionado
“que sejam tu, só tu”
Assim sejam minhas penas
Assim me desejas tu
’squecer o duro passado
E chamejar novas penas

António Graça de Abreu (Portugal)

**PARA O ANTÓNIO SALVADO,
LAPIDANDO SONHOS DE XISTO**

O rumor longínquo da ventania
na crista dos pinhais.
Uma nuvem, o grito do céu azul
no célere perpassar dos dias.
O bater do coração do poeta
ecoa pelas paredes de bronze da montanha.
O granito, o xisto, o jade
iluminados pelo sol do entardecer.

FADO

Um corpo.

A impossível eternidade de um corpo,
névoa matinal sedenta de sol,
instante incerto da ferida,
navalha afiada sem destino.

Um corpo.

Coração embriagado de sangue e de desejo,
olhar perdido nas margens desoladas
do futuro.

Um corpo.

Deus de carne e de silêncio,
pássaro cego a voar
rumo à poeira obscura do tempo.

OS TEUS POEMAS...

Os teus poemas são VIDA:
São coração e juízo.
E se não negam a morte,
Têm NELA um tom preciso.

O teu poema é 'prodígio':
Tece a palavra tão viva
Que a graça mesmo da vida
Está no poema cativa!

Os teus poemas são sábios:
Se a alma tem nos segredos
A força do génio bom,
Como decifras enredos!

Os teus poemas são canto
De catedrais e de sinos;
De flores, sonhos, abelhas,
Rios, vento... destinos!

O teu poema é ardente:
Traz-nos a luz sem neblina.
Oh! que carícia tão querida!
Oh! poesia divina!

Antônio Miranda (Brasil)

“Penso, logo existo”.

DESCARTES (1596-1650)

“Pois o mesmo é pensar e ser”.

PARMÊNIDES (530-460 a.C.)

Não sei em que minha identidade
me assemelha ou me diferencia...

Só percebo as semelhanças
contrapondo as diferenças...

Pouco me importa as diferenças
que me separam dos outros...

O que importa são as diferenças
ao longo da própria existência?

Semelhanças e diferenças se fundem
e me confundem... Porque sou
o que não mais sou... Mas
nunca serei o que nunca fui...

Como bem disse Parmênides:
“o nada não é”. E *“não
conhecerás o não ser”*
mesmo que os poetas o queiram.

Continuar sendo o que deixou de ser
pois o ser é *“uno e contínuo”*...

E continuaremos sendo
mesmo depois de sermos.

Na Natureza nada se extingue:
e não há princípio nem fim.

Se não viemos, tampouco
iremos a lugar algum.

António Ramos Rosa (Portugal)

Creio nas palavras
transparentes
que pertencem ao vento
ao sal
à latitude pura

Aqui
no meu reduto
entre ramos de ar
entre a cintilante indolência da água
creio no que nos une
em ondas vagas
apaixonadamente lentas

Aqui
eu pertencço
ao centro da nudez
como uma gota de água
ao rés do solo
na sua imediata e nua felicidade

*In "Numa folha leve e livre", p. 18
Coleção Meia-Lua - Editora Lua de Marfim, 2013*

AO POETA ANTÓNIO SALVADO

Ao Nume da poesia albicastrense,
Que pelo mundo inteiro fez rumor,
E no Pindo dos vates promotor,
Seu estro é voz de Herói, que tudo vence.

A tertúlia da poética beirense,
À luz de Apolo com fulgente alvor,
Um preito de homenagem e louvor,
Com grata cortesia lhe dispense.

E assim, génios à terra mãe natal
Desçam da sua olímpica morada,
Numa apoteose viva e triunfal,

E celebrem-no, alegres, em consílio,
Num grande poema de arte sublimada,
Entre os laureis de Mílton e Virgílio.

António Vieira Pires (Portugal)

LAMENTO

E não paro o meu queixume -
a vida não é o que era:
transporta certo azedume
por perder a Primavera.
O Inverno se aproxima
sem fazer vénia a ninguém
e devagar de encaminha:
e coisa alguma o detém.

Araceli Sagüillo (Espanha)

HABRÁ QUE HACERSE NIÑO

A António Salvado, por nuestra amistad siempre.

*En la claridad interior
de esa palabra que yo no dije
a tu oído, mi amor,
(mira si yo mismo la oyese
ciertamente perdería
toda su intención) quedó
con certeza la única poesía
que mi boca hacia ti llevó.
António Salvado*

Habrá que hacerse niño
para volverse santo.
Sentir sobre las manos
el viento de las penas,
hundirse entre poemas
a cientos de kilómetros,
y envejecer entre rosas
para morir en agua de colonia.
Memorizar un verso de Neruda
porque pensar palabras
no es más que un silencio.
Dios cobija el silencio
allá donde Él habita.

POEMA Nº 21

Hoje farejas indícios
de novas trilhas,
velas o teu coração tornado
rípido, brumoso,
e vais às praças públicas colher
um súbito rosto.

Hoje tenho nos olhos
somente a dança das
estrelas cadentes
fazendo-se mar e poesia:
a minha melhor
porção diária de vida.

MAPA TOPOGRÀFIC

Els relleus de la vida, els diferents estrats
han patit l'erosió
dels moments difícils.
Les corbes de nivell
produeixen vertigen en els records.

Però, què faríem si tot sedimentés
i res ni ningú no donés forma
al nostre relleu interior?

MAPA TOPOGRÁFICO

Los relieves de la vida, los diferentes estratos
han sufrido la erosión
de los momentos difíciles.
Las curvas de nivel
producen vértigo en los recuerdos.

Pero, ¿qué haríamos si todo sedimentara
y nada ni nadie diera forma
a nuestro relieve interior?

PAINAS PLUMAS

Aves no âmago dos ovos
dormem as painas do trópico
no cárcere dos capuchos.

Depois se desfaz o sono
e explodem em rosas nuvens
num abraço azul da tarde.

São outras rosas, serenas
flutuando junto às plumas
de cânticos em viagem.

E nevam. Nevam de leve
roçando a tépida pele
de setembro ardendo em febre.

Aurelino Costa (Portugal)

Se eu escutasse o que tens para dizer em silêncio....
Uma alma sossegava o universo?
Bastará um só nome por dentro do que acontece?
Sal, mar e ar em permanência?
Um incêndio, uma cratera astral?
O voo, secreto, da gaivota empoleirada no mastro
Com olhos de luz e mosto...

Sob a ânfora o desejo, num intersticial diálogo
reclamavam o poema de vime e enxertia?
Não mexia um mosquito sequer...
zelosos aguardavam o pão diário
e recolhiam animais secretos e belos
numa pastorícia de deuses escolhidos...

e, como em noites e dias de suprema devoção
amavam-se sem saberem do Tempo
anunciavam a água que mais tarde
beberemos, até à morte.

A ANTÓNIO SALVADO, GLOSANDO EMERSON

Da pátria que amaste sobrou o verão
Quando tarda, mais o sentes como a pátria
Onde mamaste a luz do início O fulgor
A pátria no exílio dispersa e não reencontrada
Sem safra e sem regresso No país retalhado
Pela faca da fealdade e corrupção No entulho
E em lixeiras a esmo Em escombros
Vogando na terra como restos de naufrágio
Então nela subitamente bate o sol a pino
Quando uma luz intensa o ilumina
O próprio feio em belo se torna
Eis o teu programa
Repor a luz
Recuperar as raízes secas
Buscar saída ao labirinto
Através do fio que desdobra a luz intensa

24 DE JUNHO DE 1128¹

aos 50 anos de vida literária de António Salvado

Em Guimarães a Pátria começou,
numa tarde fantástica de Junho.
De Afonso- rei Primeiro – teve o cunho
E S. Mamede, em festa, a baptizou.
Guimarães, desde aí, não mais parou
de espalhar o heróico testemunho,
erguendo, bem alto, em cada punho,
o facho patriótico que herdou.
Já quase nove séculos passaram
E as sucessivas vozes não calaram
o grito sacrossanto da vitória.
Acorda, Povo: vamos celebrar
a data heróica que urge consagrar
no dia UM da nossa linda História!

1 Dia da Batalha de S. Mamede – Dia UM DE PORTUGAL

UN TIERNO BREZAL

(Homenaje al maestro Salvado)

Un tierno brezal acaricia la tarde
del cuadro que nunca me atreví a pintar,
hablándote a los ojos
de largo entendí
que no hacía falta que habláramos más,
serás mía en esta vida
como yo seré tuyo hasta
la muerte,
inflorescencia cerrada
que consume mis tardes
sin apenas sol entre la yema de tus cimas,
carnoso corazón que sobrelleva
la existencia vegetal
cuando el tiempo nos lleva por delante,
esta vida está calculada para un suspiro
y yo no tengo pasta de otros renombres.
Qué hermosura la tuya, maestro,
cuando no conocías ni nuestros rostros
y la llanura imberbe de tu verso
alimentaba ya la mañana
recién acostado sobre la hierba.
Un tierno brezal
acaricia la tarde
que yo nunca me atreví a soñar.

ENVENENARAM AS POMBAS

para António Salvado

Na rua do Arsenal as horas arrefecem
às duas da tarde a declinar
em sinais de solução final

Enrolada na dor a pomba agoniza
As pena agitadas pelo vento polar
a presença quase invisível
entre a parede e passeio da angústia

Onde as revoadas sobre os largos de Lisboa
o ruflar das asas na memória da saudade
a povoar de sons angélicos jardins
avenidas e praças desta cidade
a mais triste do mundo?

Desliza nas artérias sem vida alada a proibição
de alimentar as aves da nossa infância
e a indignação desprende-se dos corpos tombados
no luto da luz baça desta hora nona

No Largo do Pelourinho
afrontando a lei municipal
às duas e trinta da tarde
uma pomba caminha penosamente
sobre as pedras da eternidade.

Carlos Aganzo (Espanha)

PALABRA INCONSÚTIL

*El vocabulario
está en el diccionario.*

*En la vida sólo hay
lo que en él no está.*

(‘Filología’, António Salvado)

No la palabra santa
que empleaba Moisés cuando decía
sus razones al cielo:
Yahvé es mi fortaleza y mi canción.
Tampoco las palabras encendidas
que compuso Teócrito el idílico
pensando en el muchacho
que hurtó su corazón y su sosiego
una tarde de invierno:
*quien arde con amor
envejece en un día.* Ni siquiera
la palabra cifrada y confidente
que en voz baja prestaba don Antonio
a aquel que iba consigo...
Ni palabras lujosas
como las que trenzara Sherezade,
con distinto embeleco cada noche...

Una palabra, amiga, quiero darte
cuya voz no conozca el diccionario.

La palabra secreta.

La palabra prohibida.

La palabra imposible.

La palabra sin rastro y sin memoria.

La palabra que nace de los labios
clausurados del tiempo.

La palabra que es vida únicamente
cuando no se pronuncia.

La palabra inconsútil,

enigmáticamente

bordada con el hilo del silencio.

OLHOS DE PRATA

Pode ser que venha
rolando pela encosta,
irrompa em meu quarto
& leve tudo pelos ares.

Pode ser
pode ser que se infiltre
sem alarde pelas frestas
da janela ou da porta
e eu nem chegue a saber
que chegou.

Esse animal
melodioso (olhos de prata
asas de espuma) um dia
virá.

Mas pode ser
pode ser que não venha.
Mesmo assim estarei
à espera
demore o que for.

PERMÍTEME

Permíteme un momento. Déjame que te explique.
La extraña oscuridad que ves aproximarse
son las nieblas de marzo ocultando el camino.

No confundas la noche con la falta de luz.
Puede ocultarse el sol,
desdibujar las sombras su silueta,
esas sombras venidas del confín de los sueños
para cegar los ojos de los viejos creyentes.

Omnímodo silencio que se extiende en la nada
como un inmenso manto de olvidos asimétricos.
Y, lentamente, lejos
desgranan la canción del no me importa
las voces de exacto claudicar ante el desastre.

Permíteme un momento. Déjame que te cuente.
El tiempo en que vivimos es un tiempo caduco.
un tiempo acaso antiguo, desfasado, irrisorio.
Tendrás que acostumbrarte
al ruido que produce el infernal contacto
con mentes abducidas del amor, de la historia,
incluso de un mañana mentiroso
que acaso no compense del dolor de estar vivos.

Carlos Lopes Pires (Portugal)

A António Salvado

protege o meu amigo das dores
e em cada hora afflita
de alívio dobrem as rosas

e nas amargas palavras feridas
tenha a contenção de um anjo
em movimento
e a sua hora não chegue hoje
nem amanhã

e no mundo seja muito
como a falta que nos faz

Carlos Vaz (Portugal)

O POEMA TODO É UMA PALAVRA

Inclina-se para o interior da flor com a mesma inquietação da abelha
é a verticalidade da palavra que se afeiçoa em verso
O leitor arranca as pétalas enquanto canta
procura o mel do poema, o pequeno texto dulcificado

Clauder Arcanjo (Brasil)

POEMA SALVADO

Ao poeta António Salvado

Salvar-te assim
Em veios de luz e cor
Salvar-te assim
Em passos de cruz e olor
Salvar-te assim
Em cacos de sangue e dor.

Mas não precisas de salvatério
A Poesia te alumbra
A Poesia te basta...
A tua Poesia nos encanta.

...

Desde que pousou
Em cada verso teu
Em cada rima tua
Em cada metro teu
Tão sublime agonia...
A hora sagrada:
Parto da música em flor.

ANJOS

sinto que chegam.
com a tuba de súbito alarme
esvoaçam e ferem a sesta dos pardais.

não os espero nem temo:
registo numa frase pequena
o seu grande clamor.

aprendi que deus os envia um a um
com missões de desvelo e precisão:

poisar a mão (a asa?)
sobre a cabeça instável dos rebeldes
ou sob as nádegas imaculadas dos infantes.

brancos ou diáfanos
como a água ou o vento brando matinal
dançam uma alegria andrógina
rente ao respirar impercetível dos telhados.

se trazem música
os mortais não a desfrutam pelos sentidos
gastos das árias profanas dos coretos.

asas que tenham são feitas de plumas de fé
nada propícias a voos picados como as aves
na coreografia linear da fome.

anjos de deus
adeus adeus!

Claudio Willer (Brasil)

TRÓPICO DE SAGITÁRIO

*Empenbara-me, efetivamente, com toda a
sinceridade d'alma, em revertê-lo ao seu estado
primitivo de filho do sol*

Rimbaud

fragmentos celestes
 suspensos a uma nuvem
podemos observar o lento giro dos portões do mar
 e sentir que a vida toda se condensa em um momento

as palavras respiram
 no livro invisível
 feito de água

novas sensações
 escondidas por trás do vento

Cristino Cortes (Portugal)

TRIBUTO E GRATIDÃO

Para António Salvado

Marcam os poetas os lugares que para viver escolhem
Ainda que a mesma seja acaso ou de circunstâncias
Difícilmente repetíveis fruto... Vindouras vivências
Justificá-la-ão a seguir __ quando as terras os merecem.

Assim em Castelo Branco. Um grande poeta aqui festejo
Sempre que passo, indo ou vindo. Não podendo parar
Não deixo de o saudar, como que a taça empunhar
Bater-lhe a pala se fôssemos tropas. E assim cumpro o desejo.

Sei que compreende o silêncio, esta falta de contacto
Que outras circunstâncias mal explicam. Sabe, no entanto
Como lhe estou grato, como comungamos neste espanto
Das palavras que nos visitam, e nem sempre abunda o tacto.

Aprecio-lhe o testemunho, sábia constância ele a tem.
É bem verdade sagrarem os poetas os lugares que escolhem.

OUTONO DE ANTÓNIO SALVADO

O que faz o homem
Dizer as coisas
Como elas não são?
Dar palavra ao sonho
Sob a solidão das estações?
O que pensa o homem
De Castelo Branco, raro,
Em seu voo eterno, rouco,
Do fado que o orquestrou
Íntimo da amada vida
Mas que não escolheu?
Ouve flores secas na jarra,
O que o torna idêntico
De ternuras e tristezas,
Criador de frutos fugitivos
Da ilusão que ainda colhe
No desfolhar desta árvore.
Há uma pedra nesta hora
Mas não é dela sua voz,
Nem de areia o prodígio
De cantares que semeia
A ritmar a alma invisível
De seu ser-estar em tudo.
Dos sentimentos e ideais,
Pétala de turbações na dor,
Das sílabas de chuva e sol,

Claros amores perseguidos,
Seus perfumes no poema
Ressoam sortilégios, desejos.
De onde vem assim cantante?
Para onde vai a se procurar
Por onde passa em silêncio?
No peito tantos tremores,
Estes brilhos na corrente,
Esta flor tardia que pende
Doce beijo a doar-se.

Daniel Abrunheiro (Portugal)

SONETO EM SALVAÇÃO

Para António Salvado

Não é de grave gravidade ou mor importância,
a meu ver, o simples haver nascido.
O que me causaria, porém, vera repugnância
seria o morrer sem ter vivido.

Não me parece tal o caso, digo eu,
do senhor Poeta António Salvado.
Os versos p'ra qu'ele nasceu
& os muitos livros que há publicado

no-lo firmam, afirmam & confirmam.
Ele é daquelas claridades que timbram
a montanhosa, digamos, atlanticidade.

Por dele useira leitura, tenho nisto o à-vontade
que me traz a reiterar-lhe (juro e prometo)
a mais salva(da) admiração. E em soneto.

SAGRADAS PALAVRAS

Ao poeta António Salvado

Regadas pelos rios Ponsul e Ocreza,
nos recônditos dos montes
da Cardoso e São Martinho,
afforam palavras por entre pedras,
flores,
noites.

E, na margem das horas,
deságuam no estuário do Tejo,
ávidas por contemplarem a face atlântica
como matéria de (in)quietação.

Em voos sem confins
cruzam turbilhões de águas
serenam corações
alumiam largas vias
- com luzes e sonhos -
cicatrizando o medo e a fadiga.

A saliva dessas palavras
se espraia como um manto
de êxtase fulgor esperança beleza
e nos faz crer que cada aurora
traz consigo a combustão
eterna do amor.

Delmar Maia Gonçalves (Moçambique)

Ao Poeta António Salvado

PENSAMENTO

Meus pensamentos
não são imóveis
São como as ondas do mar
só não andam ao sabor do vento
vão e vêm
Mas como um turbilhão de Vendavais.

AUSÊNCIA

Em terra minha
era eu a ausência perdida
o silêncio sufocado
Mas nem sempre
fui silêncio...!
Fui talvez
o Murmúrio dos novos tempos.

Domingo F. Failde (Espanha)

COMO UNA DESPEDIDA

*Y yo me iré y se quedarán los pájaros
cantando*

Juan Ramón Jiménez

É tempo para morrer.

António Salvado

El día en que me vaya
-que es una forma amable de decirlo-,
no cantarán los pájaros
ni el viento cortará rosas en el jardín.
Me iré. Y me habré ido
en mitad de la noche, como cualquier fugado,
apenas con lo puesto, por no decir desnudo
-ni siquiera soy hijo de la mar-,
y las manos vacías.
Me iré sin avisar, serenamente,
ni hacer ruido, no fuera a despertarse
la ciudad y, de pronto, se encendieran las luces
y yo quedara expuesto en mi tristeza.
Me iré, por el camino
que ya siguieron otros y otros antes
y mi sangre se sabe de memoria.
Detrás, en la ventana, cubriéndome la espalda,
ella, la sola luz,
agitando un pañuelo inútilmente.

Dolors Alberola (Espanha)

ARENAS MOVEDIZAS

Para Antonio Salvado

Veo pasar los dioses
con su hilera de nombres. Son sus leyes
arenas movedizas que señalan
que detrás del vacío está la piedra:
la sola piedra fija, sin sueños ni memoria.
En el envés de aquella caliza que sepulta
todo cielo y sus datos,
muere un dios, es el hombre,
creador de sus propios misterios. Mas el duelo
de qué mano sacó el enorme puñal
con que se agrieta todo. Ni verdad ni mentira
dejan huella en la carne.
Son tantos dioses, tantos,
viajando a deriva y tanta muerte.

Elena Díaz Santana (España)

HACIA EL NO SER

El silencio del calor y de la nostalgia.

El silencio de la muerte futura.

El roto silencio de la sorpresa.

António Salvado

La Hora Sagrada.

Me preguntas
por qué el silencio habita mi espacio,
cada día más cierto,
posado en mí.

Cómo explicar
el miedo a perderte,
el día que el aire
olvide tu nombre.

Estoy ante ti cobarde,
asida a tu mano.

Caminas hacia el no ser,
pactas con el silencio
y me arrastras contigo,
aunque sé:
que siempre
habrán palabras
que te nombren.

Hasta el olor de esta rosa
callará para siempre.
Nada permanece,
ni lo más puro nació para quedarse.

Enrique Villagrasa (España)

*Ao esquecimento encaminhei meus passos
de peregrino audaz... Ao esquecimento
as minhas Horas entreguei: suspensas
quando o sentir cruzou
o pensamento.*

António Salvado

La página vacía acoge al peregrino audaz.
Tradicción e interpretación errante tras de sí,
tras el surco de la palabra en el espejo:
única encarnación de la imagen individual,
cual ejercicio de recreación, íntimo y singular.

¿Qué poema no brota de la necesidad?:
el poeta sabe hacia donde encamina sus pasos,
también sabe que el día claro existe
y confía en que cuando entregue sus Horas
el sentir cruzará su pensamiento.

El lector tiene catorce infinitas caras.
Todo olvido es el texto más absoluto.
El escritor confía(do), reescribe la senda.
¿Brilla el sol: misterio (in)finito, tal vez?

(lectura del poema Ao esquecimento, de Antonio Salvado)

¡SALVADO ERES!

Desde Caracas siento golpear tu fatigado corazón.
Sus palpitaciones me llegan en forma de versos,
poemas que han cruzado el Atlántico
en los bergantines de tu solidaria poesía.

Todos hemos debido ser peninsulares
de allá y de acá,
sin las divisorias Columnas de Hércules
ni el ponzoñoso mar de los Sargazos.

Antonio, me comentan que Dios es omnisciente,
ubicuo, políglota, pero en ocasiones
especiales sólo habla portugués.

Ya iré gustoso a Castelo Branco cuando,
para envidia de Enrique, el Infante de Sagres,
levantemos entre todos
el merecido y espigado Torreón de tu poesía.

¡Salve, navegante de los mares de la eternidad!

SONETO

Vive, se viver podes, inda na velhice,
e tua morte vai preparando aos poucos.
Não desejes, agora, nutrir sonhos loucos,
como se um futuro longo te sorrisse.

Sol já caiu; no fim do dia, alma nua
solta vontade antiga, que mais nada faz.
Ter medo de quê, se ganhámos tempo assaz,
despedindo-nos como quem tem à sua

vista eternidade? Porque, entretanto,
nada levas contigo, larga pesos, cuida
dos amigos, de ti, ensaia ida fluida,
insensível a perdas, qual fosses um santo –

fosses sábio, sereno, contra dor vazia,
na recusa do Lá, de vã ave-maria.

Y TODO

La esencia tiene tierras muy fértiles.
Sus cabras corren entre la harina que dejan los truenos
al atravesar las nubes. Hoy celebramos la mano abierta
al cielo de lo cotidiano. La naturaleza cordial, el cuerpo fresco
del patio de tostar café cuando el índice del tiempo,
la esencia y todo, recitan la piedra diaria de António Salvado.
Los hombres vueltos árboles; las lágrimas danzando
en sus ojos alegres, aclaran el verdor
de las aves y del haikú que repite un peregrino.

La esencia tiene manos muy fértiles
y una insignia dulce de expansión,
como este pan horneado en la boca aldeana de la noche.

ANTÓNIO SALVADO

Por caminhos de palavras,
fazes, em silêncio,
o percurso das letras,
interior à luz
e com matéria
de inquietação.

Sustentas na raiz
a terra nossa
plantando a flor
e a noite
no espaço recôndito
da amada vida.

E dizes o gosto
de escrever:
um hino a cantar,
nas palavras,
o poder redentor
da poesia.

NO TEU CAMINHO

Um deus repôs a luz no teu caminho
abrindo uma porta estreita à esperança.
Ilumina-se o teu ser de mais vontades
que só os deuses ousaram conceder
aos aedos, os criadores de sóis.
No silêncio reténs a sua música.
No Egeu banhaste a tua alma
e o corpo: esse permanecer
definitivamente preso à terra –mãe.
E a esperança – repitoindelével
continua
em teres alguém pra compartilhar
os difíceis dias de um amor perene.
Inclina-te sobre a azul
e, metuculoso, descobres
os verdadeiros caminhos da perfeição.
E porque és um deus também
pela poesia,
afasta vento que te priva
de um mar de inesgotáveis marés.
Abraça o ar das imensidades
que respiras e te alimenta
a farta ambrosia dos deuses
que faz nascer em ti a inspiração
Roeia por fim e depois suavemente
o corpo que te oferece
o repouso devido ao guerreiro
para com ele criares
um novo rumo para o mundo.

Fernando Botto Semedo (Portugal)

UM PEQUENO REINO, DE BELEZA E SONHO

Aceitar as flores destes dias,
Ardendo em cor por este céu infinito,
E as árvores, tão intensas de verde, como
Um pequeno reino, de beleza e sonho,
E o riso destas crianças, que sempre passam
E passarão, com a sua pureza e a sua fragilidade
Comoventes (haja Esperança!). E a música,
Vinda de um moinho transcendente e que
Enlaça o amor destes enamorados por um
Devir de leveza, onde o pão cresça por entre
A ternura e os gestos mais fecundos.

Aceitar a poesia que nos chega de
Um momento tão aberto, e as suas palavras,
Pequenas e profundas de sentimentos intactos,
Que poderão semear as lágrimas de solidão
Com o levantar da dor!

TERRA A TERRA

Alguém traçou uma linha imaginária
entre dois reinos, sem que do chão
brotasse qualquer dissemelhança. À vista
desarmada tudo se repete de um e de outro lado:
o mesmo ar seco e frio, a mesma vastidão
de carvalhos e giestas, as mesmas estrelas
nos olhos, trigais a verdejar sem amanhã.

E gente que caminha à mesma velocidade
de ontem, que se veste de negro
de ponta a ponta para que a morte dos seus
os não obrigue a súbitas mudanças
de indumentária ou de rosto à tristeza.
Gente que repete os mesmos gestos
um dia após o outro, estação após estação,
porque é assim que faz a natureza
de onde chegaram e onde irão desembocar.

Frente a frente, em altivo plano de quem
procura uns metros mais perto do Alto,
os cemitérios de Moveros e Constantim.
Aí, os eternos filhos da noite: contrabandistas
de barros e panos, de álcoois e café; de amizades
sem fronteira e amores bilingues.

Sobre esta raia que uma e outra vez atravesso,
ou me atravessa, tomo o pulso à pátria,
esta sintaxe de sangue
no corpo exposto do Planalto. Às vezes
pulsa comigo. Nos seus melhores lamentos.

Uma igreja ao centro, onde rezam uns
e outros a uma calada voz comum,
e se abrigam do imponderável
numa cegueira tão clara que fere
como um cardo no lugar mais ermo.

CINCO RECADOS PARA ANTÓNIO SALVADO

1.

A palavra é a semente
mas são os actos
que criam raízes.

2.

O pensamento
é a respiração
da consciência.

3.

Poeta é aquele que arde
e escreve fogo.

4.

Por vezes escrevemos como quem escava
à procura de um tesouro
mesmo quando sabemos
que não existe tesouro nenhum.

5.

O verbo é o motor da frase.

Fernando Gil Villa (España)

VUELOS CERCANOS

(Homenaje a António Salvado)

Eu sou uma saudade do que foi
(Teixeira de Pascoaes, Livro de Memórias)

Temos no peito um coração:
O seu arfar é nosso...
(António Salvado: Vão)

Di una vez con cierto Antonio que agradecía a Dios tener cabeza.
Y quiso el azar que, casi al mismo tiempo, conociera a otro que daba gracias por tener corazón.

La cosa tenía su gracia. La cabeza era una lámpara de Aladino capaz de crear mundos nuevos si algún gesto la frotaba –eso sí, tenía que ser gesto de atlante.

En cuanto al corazón, parecía más bien una vela carmesí, con esencia de frutos de un bosque que se ocultaba tras los montes.

Con el tiempo nos hicimos buenos amigos. Tertuliábamos al paio en la cafetería situada en la punta de un gran castillo blanco plantado a los pies del océano como si de un Júpiter i-luso se tratara.

Una tarde ciclónica llegaron olas crecidas pintadas de alarma roja con ribetes anaranjados por la autoridad. Tranquilos, colocamos nuestras copas en la cresta del agua gallito mientras el joven camarero temblaba en un rincón.

En una de éstas, la espuma rozó la testa de Antonio y apareció un albatros que reía de no volar por tener grandes las alas.

Acto seguido el mundo se apagó con una ráfaga de viento y se volvió a encender con la luz de emergencia que portaba el otro Antonio.

Y como el mismo soplo huracanado suspendiera un poco al pájaro gigante, nos subimos los cuatro a su grupa.

Entonces le dije al mozo que el truco para vivir sin miedo, en medio de cualquier crisis o catástrofe, era leer poesía, poesía como la de António Salvado.

A PERGUNTAS SANGRENTAS NÃO RESPONDO

PROSOPOEMA

(Para o Poeta António Salvado
-- homenagem humílima)

Chamei por Beth, lembro-me, não clamei por Glenda, três noites sorri o nome de Beth, chamei-a, a água vai explodir, a água mata-nos, o incêndio começa por ti, o incêndio conhece o corpo de Beth, principiei a esquecer Glenda, a luz atravessa as folhas manchadas de verde moribundo, as palavras estão a ficar muito estranhas, como a lepra ou rostos que não foram bafejados pela baba das borboletas.

Tu, a única. Lavada, aos sorrisos breves. Onde se escondeu Beth? Respondo pouco a perguntas. Treinei-me nesse jogo algo cínico. O incêndio principia, igualmente em mim. Os olhos cintilam cada vez mais verdes. A quem pertencem? Conheço os motivos por que tenho frio. Um chão d'uvas. Uma perna de criança arremessada dos lençóis abaixo. A musa mata-nos. O mesmo se passa com a água. Chamei por Beth. Outra vez. Outra tarde de frenética merenda a caminho de um jantar de ostras e sopa de cobre. Beth, britânica, com manhas de rapariga chinesa. Tudo entardece, as palavras também. Repito: a perguntas sangrentas não respondo. Não se esqueçam: esperei por ti como se fosses a única serpente. Todos dizem: saber é poder. Deitei-me mais cedo para estar descansado a ouvir o vento. O pólen rasga as nuvens.

Os gestos à solta cheiram a sina das palavras: tornam-se estranhos como uma impigem situada entre dois olhos castos. A geografia é muito importante. Acreditem: o sangue é um beco sem saída. Penso que a água vai explodir. Antes, porém, vou começar a beber água. Vou esquecer os livros. Quanto mais água bebo, menos livros carrego no sangue. Os incêndios não acabam tão cedo. Não quero fazer perguntas a Beth. Não lhe pergunto para que não me pergunte. As coxas cintilam, fazem de olhos, imitam-nos também. Até ao osso, até ao sabugo misterioso onde a água se esconde.

Julgo cada vez mais repugnantes as fardas. Quero deitar-lhes fogo como se fossem um pinhal. Prefiro ostras com molho d'astros. Um rio selvagem a correr entre montanhas. Sou (definitivamente) adepto dos olhos de Beth. Beijo-os, como em tempos aprendi a morder a carne das maçãs.

Fernando J. B. Martinho (Portugal)

RIMANCINHO

Como aceito
seca de versos
a minha vida?

Ai, se me deito,
ida e perdida
aos ares dispersos

uma palavra
que segurara
presa ao papel
com sangue e fel!

Mas não preendi
nem segurei.
Antes deixei
que se perdesse
o que mal vi.

Antes morresse...

Fernando Sabido Sánchez (Espanha)

paz

En las cloacas de la ONU, siniestros mercaderes fabrican
al año dos balas por cada habitante del planeta

Un Nobel de la Paz, Barak Obama, espía pacifistas
del mundo desde las redes sociales, mientras presupuesta
623.000 millones de dólares anuales al Pentágono

Fuerzas militares aliadas en Afganistán armadas hasta
los dientes, protegen en verdad los cultivos de opio
más rentables de la Tierra

En la actualidad, 22 países continúan en guerra, el número
de niños-soldado que participa en ellas ronda los 300.000,
denuncia Unicef

Colonos palestinos abonan sus cultivos con pólvora israelí

En Siria masacran las ansias de libertad, al tiempo que
rusos y estadounidenses debaten si son galgos o podencos

Los halcones se alimentan con palomas ametralladas

Paz es solo una palabra que usamos poetas anacrónicos

PALOMA TRISTE

Mientras trabajaba se posó
en la ventana una paloma con ojos
ensangrentados, venía de otras tierras
donde había guerra y llevaba toda la sangre
de los muertos en sus ojos.
Por un momento pensé en echarla,
porqué dicen que ensucian los edificios.

Me miro fijamente y pude ver en la pantalla
de sus ojos tristes, todas las injusticias de los humanos.
Cuando regresó le di cobijo y comida
para redimir a través de ella toda la humanidad.

COLOMA TRISTA

Mentre treballava es va posar
a la finestra una coloma amb ulls
ensangonats, venia d'altres terres
on hi havia guerra i portava tota la sang
dels morts en els seus ulls.
Per un moment vaig pensar a fer-la fora
perquè diuen que embruten els edificis.

Em va mirar fixament i vaig poder veure a la pantalla
dels seus ulls tristos, totes les injustícies dels humans.
Quan va tornar li vaig donar aixopluc i menjar
per redimir a través d'ella tota la humanitat.

AO LER ALGUNS POEMAS DE ANTÓNIO SALVADO O ABISMO SE INCLINA BUSCANDO TOCAR SEUS LIMITES

Quando te escondes as suspeitas saltam fora de seu casulo.
Os dias debulham sua fadiga e escutamos o zumbido dos despojos.
Algo nos lembram as lágrimas calejadas do espanto: não há nada mais a ser esquecido.
Os olhos descrevem o vazio de suas próprias órbitas.
Não resta dúvida de que o homem passou por aqui.
E seguiu, apagando os rastros de sua falácia.
Mudou o nome de todas as coisas, de modo a confundir domínio e identificação.
Tornou a razão indefinida para que assim pudesse seguir gozando em leitos de qualquer safra.
Traduziu o mundo em palavras que encontram refúgio em seu esperma.
Arrendou a épica violenta de seu passado e a converteu em glória a todas as alturas da queda.
Quando te escondes o mundo se fecha como uma porta amargurada pela ferrugem.
Há muito não sabemos quem somos e as histórias que contamos a nossos filhos as compramos em promoções.
Os dias fatigados desconhecem a névoa e o brilho do olhar do despenhadeiro quando se cruza com o nosso.
Quando te escondes não temos mais nada a perder.

AL LAGAR VINO ANTONIO

A António Salvado, maestro portugués.

Es Salvado un apellido
y una escuela literaria
heredera y tributaria
del lusitano gemido
que en António ha renacido.

Al poeta es dedicado
con honor lo aquí dictado,
homenaje de otra pluma.

Sobre un vino nace espuma
y a nacer vino Salvado.

En António un hombre grita
porque lloran sus dolores
y ya no aroman las flores
cuando el lamento se agita
y en el duelo se marchita
la desazón que padece
porque de pronto le crece
a su nombre este apellido
y el portugués que ha nacido
se ha salvado y no perece.

Fulgencio Martínez (España)

AMOR DEL CIELO AL SUELO

(en homenaje a António Salvado)

Converso con el hombre que siempre va conmigo.

Antonio Machado

Converso con el Amor imposible

que siempre va conmigo, y que a veces
necesito tenerlo en la distancia
para que en su ausencia lo reconozca.

En mí halla razones la soledad

huraña, contra el amor y el odio,

y en mí tiene y dice su queja la otra

soledad descontenta de sí misma.

Se despierta por gracia del amor
el desconcierto de todas las voces
de mi alma, resonando en su espesa
materia de tiempo, y de recuerdos.

A poner paz en los ecos confusos
de esa algarabía viene la sombra
del amor callada, tú como un río
de estrellas en mi cielo inferno

nocturno.

Tú que no eres una estrella

ni el sol, me acercas a él poco a poco.

En ti distingo la noche del día.

Llegando tú se me muere la duda

(ese ruido de fondo de la vida)

y nace la fe en el dios que no ha muerto

en mí, y que me habla y a quien yo le hablo.

Como la serenidad, me vas tú

apagando la sed y la mentira

de recurrir a hipérbolos y espejos

para expresar un amor cotidiano.

PREGUNTAS A ANTONIO SALVADO

*“En sus rostros llevaban un destino
hambriento y en sus ojos la tristeza;
existía llanto y sangre que se oía
por la larga noche de su canto.”*

António Salvado

¿Cómo eran las sombras, a qué olían,
hacia dónde la llovizna de ceniza
verso qué cima cuál escalofrió
qué puesta de sol o puerto cerrado?

He visto la constelación de las semillas
nacer alrededor de un tajo oscuro.

Granos de corazón desbordado
a una y otra orilla del camino y en medio
una columna de hambrientos
embanderaba las preguntas con oculto
fulgor lleno de dientes.

He visto fuegos infinitos en las bocas
y en los ojos lágrimas de lava
y en las manos el gesto de piedra
de herida filosa, de maza inexorable.

¡Que atrás se muera el hambre!
murmuraban los viejos.

¡Que se rebele el grito arrodillado!
tallaban en el aire los sin brazos.

¡Hasta el horizonte los surcos del pan!
Cantaban las muchachas de luna y amapola.

¿Cómo era esa larga noche del canto?
¿Cómo era?

¿Qué fulgor alzaba de la tierra
su polvorienta música, Antonio?
¿Has visto hoy de nuevo esos rostros?
¿Has sabido de sus gestas en la cima?

Los supe regresando en un viento
de hijos y domingos muertos,
lanzaban palabras a los pájaros
y hacían crecer el fuego y la mañana.

SALUDO A SALVADO, DESDE EL TRÓPICO CARIÑOSO

No hay escapatoria en el Paraíso. Luego de andar por jardines anteriores donde saboreamos los jugosos frutos del bien y de colmarnos de mieles y néctares, entramos de improviso un día al inevitable terreno de las equivocaciones. En algún lugar nos espera el árbol custodiado por la serpiente, a donde nos dirigimos a tomar el fruto prohibido.

Desde ese momento, nada depende de nosotros. Vamos guiados por el deseo de crear progenie. Guiados por la luz artificial del pecado originario, a poner a prueba la porción de tierra que el Supremo inventó para nosotros sólo para someternos a la prueba máxima. António Salvado lo supo desde el mismo momento en que dijo *el fruto tímido se pudre en el huerto fértil de una frágil creencia*.

Cuando el primer hombre hinca su diente en la manzana roja del movedizo edén, se hunde en su propio intento, y ese intento lo sigue de una vez y para siempre, aunque tarda en descubrir que esa es su naturaleza y no otra; la historia no reconoce más antifaz que ese. He ahí el origen de la posesión y de la guerra, del afán de dominación, de la obsesión de invadir un trozo de tierra para hacerlo privado y de una mujer exclusiva para él. Hombre y mujer recorren acompañados el espacio de su desdicha. Aún sabiéndolo, António Salvado ha desandado los pasadizos de una alegría discreta y ha hecho un largo camino para descubrir ese conocimiento gozoso. Desde sus primeras lecturas, donde Nuestro Señor ya parece iluminarlo, Salvado interroga sus sentidos y su espíritu, para corporizarlos luego en los márgenes de esa breve pero inextinguible iluminación. Es

como si los sentidos se impusieran sobre los pensamientos, y las ideas cayeran arrebatadas por la danza de los colores y la presencia de los animales; como si los árboles volaran por el cielo con la raíz hacia arriba y las nubes se pusieran a conversar entre ellas adquiriendo formas de rostros, para luego enviar señales a las gaviotas marinas, y después el mismo mar se abriera paso en los profundos cartílagos de su corazón.

António Salvado lo percibió desde un principio. No estaba a salvo en el paraíso pero recibió la imagen del Gran Maestro a tiempo, para venir a redimirse y a hacernos partícipes de todo ello en cada obra suya, nos narró en verbo suave la desolación y arribó luego a una serenidad inefable, transmitida en versos que, como remansos, se nos ofrecen para que hundamos en ellos nuestras pieles, nuestros cuerpos. Le debemos eso a António, le debemos eso a Salvado, *salvado* de veras en la conjunción de la palabra amasada por vez primera en el *blanco castillo* de arena de su palabra, con el astro que nos observa regocijado desde el manto abierto del firmamento portugués.

Te saludo, António Salvado, desde este trópico cariñoso llamado Venezuela, desde esta tierra feraz que nos come el corazón con su calor, que nos sumerge en su mar arrebatado y nos construye un planeta nuevo en cada cabeza nuestra, para que sepamos ascender, en el día señalado, ante la presencia del Creador.

“ESTRANHA CONDIÇÃO” A DE POETA

a António Salvado

temeroso o poder de sedução que
uma imagem pode produzir
temeroso o sentimento de sermos intrusos
no próprio corpo
quando nos tolhemos às palavras proferidas
em vésperas
quando escavando a memória de anos e
de vivências nos capacitamos da atracção pelos
poetas nossos pares
ousamo.nos
despimo.nos
aceitamos a contestação como simples acto
contestatário e um sorriso cúmplice esboça.se
entre os olhares
narcísicos e nas margens das horas ou
nos jardins de mui difícil passagem do
paço d’el rey e senhor das trevas
.as palavras retomam o ritmo mágico e
a sua justaposição ultrapassa o universo profético
dos águeres
.senhores do palco onde gerimos esta estranha
condição de sermos mortais
escondemo.nos no mundo das máscaras

.tiramolas e
colocamos
no mesmíssimo espaço
entre a palavra e o signo
a linguagem e o pensamento
.qual o animal que ousa afogar-se na noite lenta?
.que margem aceita a metáfora como sua amante?
tudo se reduz a pontos de interrogação
sentados
em algumas cadeiras vazias
-melhor assim-
onde os sonhadores vagueiam soltos nas bocas
dos que os consomem
.ainda há poetas de combate?
meu amigo os poetas exercem
diaria
mente
um combate com os homens práticos e
não importa se o peito do poeta se enche
de cicatrizes submersas
.então o abraço basta?
não
um abraço não se escreve
o erotismo é necessário à construção dos afectos
interiores à luz onde se projectam
os corpos poéticos
apenas dois que se encontram e se debruçam
sobre a chuva

absorvidos pela vazante de um rio
que escarnece a caminho da foz

Gisela Ramos Rosa (Portugal)

Entrego-te o segredo:

*Nunca o teu coração
treme perante a dor*

António Salvado, in Outono p. 25

Sacro perfume de chuvas estendidas
em solo dourado ergues-te no vazio
do silêncio e da água nasces como
sombra transformada em segredo

persistes como um raio de sol ancorado
no poema e vais repondo a fenda das
estações até compores a paz de um rio.

Ó testemunha de pétalas e de reflexos
a flor que me olha é a breve memória de
uma paisagem maior enraizada

prece que flui na carta que chega e
na que parte, coração que amanhece
na montanha dos teus olhos

Gloria Sánchez (Espanha)

DESTINO

*Para António Salvado,
poeta cristiano*

Silenciando de mi boca el quejido,
porque nadie escuche este lamento
y quebrándose mi herida muy adentro
¡tanto me duele mi corazón herido!

Abandono silencioso de mi mente
en el correr desbocado del camino,
encontrándome que corro hacia mi sino
¡sumergiéndome en las aguas del torrente!

Desvarío y podredumbre en mi destino
si de frente no encontrara tu dulzura,
¡mas tu amor deshecho toda amargura!

Y amándome, me dio vida Aquél que vino
ya que abriendo las ventanas de mi alma
¡he encontrado la dulzura de la calma!

Gonçalo Salvado (Portugal)

‘ΑΦΡΟΔΙΤ

A meu pai

avança
mergulha
ressurge
emerge das vagas
esbelta
rútila
queima
com suas curvas
a espuma

ninfa do mar

antiquíssima

Guillermo Juan Ibáñez (Argentina)

POEMA AL HOMBRE AUTÉNTICO

Homenaje a Antonio Salvado

Admiro al hombre acostumbrado a la soledad de la espera
que no murió como yo a cada desengaño
y al que pudo ver el sol a pesar de su tormenta.

Canto al hombre que llegó al llanto, rió porque quiso.
Al que sufrió mi muerte y al que no me conoció nunca.
Le escribo al sensato y al estúpido, a la imagen que de cada uno de ellos tengo.
Escucho al hombre enceguecido que lleva su verdad en lo oscuro
porque si fuera ciego aportaría mi retina a un lago que supiera mirar.

Extiendo mi mano hacia cualquiera porque lo deseo
nadie puede impedir que lo haga, ni obligarme a hacerlo.

No soy caritativo ni egoísta, bueno o malo, nada de los que los demás
piensan nada de lo que yo mismo espero.

Soy como soy y quien no me acepte es porque nada sabe
ni sé lo que todos saben y el buen Dios, quiso alguna vez negarme.

Espero al hombre empuñando su cansancio hasta vencerse
mezclo lo irreal y lo concreto
para despistar al que no me pudo ver como quería ni yo pude hacerlo.

Escribo al hombre satisfecho de su noche transpirada
y al que por pensar murió dejando a la luz de la intemperie,
 la idea de que un sol lleno espera su timbre en la mañana.
Le cuento al cascabel de mi terraza todo lo que después él ha de difundir:
 que no soy loco como dicen ni tan cuerdo tampoco
pero llevo en mi lengua la palabra y no puedo pelearme con mi cuerpo.

Si tengo que escupir y lo hago, no hay porqué un hombre protestando
 por su saliva en su cara, ni un hombre indiferente.

Helena Villar Janeiro (Espanha, Galiza)

DO OFICIO DE POETA

*Por tanto olhar o que jamais eu vi,
por tanto ver o que jamais olhei-
que aparências desvelei?
que certerzas conseguí?*

António Salvado

O día que soñaches que eras poeta
porque non conseguiras ver a lúa
do lado do revés,
atravesaches bosques
e volvícheste fronde para acochares
ideas e desexos que aterecían
na túa viaxe.

E cando ves esperto ese dereito que reitera a lúa
sabes que ti es enigma,
bosque,
árbore,
folla
na estremecida voz
que asombra ao mundo.

Inês Lourenço (Portugal)

POEMA TÁCTIL

Tocar a pele do mundo. Tocar
um corpo que nos abriga e acaricia. Tocar
as pétalas frescas ou a vulgar erva do chão.
Tocar a funda superfície do diverso
com o universo dos dedos
na noite mais densa, do dia
mais claro.

LAS HIJAS DE LA TRISTEZA

A Antonio Salvado

Las hijas de la tristeza ya no gimen,
ya no toman de la bruma su afilada calle,
las esquinas y su humedad constante.

Ya no gimen.

Retoman el pulso cuesta arriba,
modelan las horas, los días y se visten
de aquel recodo virgen
que aún subsiste allá en sus ojos.

Las hijas de la tristeza ya no gimen,
porque saben –ahora saben–
que existen orificios,
pequeñas oquedades
en todos los abrazos antes dados,
que hay un sorbo de luz en cada duelo,
un verso inexplorado,
detrás de los cerrojos, una llave
en cada puerta donde emerge
un asombro de luz.

«DE NOVO A ESCRITA...»

De novo a escrita na ressurreição do corpo.
É outra vez o apoio da mão
nos primeiros sinais desta morada tão perto
dos frutos. São outra vez
os passos com contornos nessa cidade.

Que caminho é este
tão desperto agora que estremecem
já os olhos?
De longe vim. E tenho sede.

Esquece-se mais devagar fora de um poema.
Já o sei. Sei também que a brisa não magoa
nenhum corpo sem aviso.

Este vento há muito que estava perto de ser
lume. Pedi ao cansaço:
dá-me teu fruto sem sabor
dá-me teu nome sem aroma
dá-me a distância sem passagem.

O corpo não esqueceu ainda a direcção
do rosto. Quando olho o silêncio
da respiração de um verso antigo,
não é o silêncio que eu olho
mas as palavras dessa travessia de lugares
vazios.

A escrita não tem segredos
para quem esteve tão longe de si mesmo.

Ainda sinto as marcas do inverno que se instalou
na luz. Tão cúmplice do negro.
Tão cheio de atalhos deixados ao acaso.
Aí foi onde me abandonei ao tempo.

Distante e só. Como um animal ferido.
Como uma frase interrompida,
cansada de se dizer, repetida e regressada.

Mas foi doce essa viagem,
em ritmos de águas, em lugares cheios.
Um poema é um lugar. Já o sabia.
Habitá-lo assim tão próximo da lentidão
dos gestos pode ser uma morada,
ou uma porta.

O assédio da escrita abre-me agora o corpo
em cada sílaba. Tenho que consentir
o vento. Um poema é intimidade. Também isso.
Aqui ficarei. E para sempre.

Não encontrei ainda outra paisagem
onde o verão possa inclinar as dunas
devagar, devagar. Inocentemente.
Mas tenho a tempestade intacta desta água
que lentamente escorre dos meus olhos.

E a certeza de que o silêncio é sempre assim,
imperfeito, frágil e sem memória.

Isabel Mendes Ferreira (Portugal)

“Para um Poeta maior _____ António Salvado.

ser-te a taça onde apenas uma palavra fosse o primeiro e único espaço reservado ao lume e à eternidade. onde te leio múltiplo e original numa inscrição de pensamento circular onde a tua escrita é rainha sem fechamentos. nem fqlsos mantos. antes flor e pedra e terra e asas que se olham de olhos fechados e se fica território imensurável.

ser-te a passagem entre a filosofia e a poesia _____ imagens que se cosem ao verbo e este ao céu. indisciplinador e mestre dos ramos. remos também.

ser-te o nenhum compromisso e a total liberdade de uma beleza lentíssima a ser câmara clara da palavra ascendente.

leio-te em respiração de ais expostos ao sal e à memória. e tudo fica enorme. arco singular de um coração inconstitutivo.

ser-te a beira de um mar _____ intemporal. em causa primeira. contundente.”

Isabel Miguel (Espanha)

Chovendo na memoria do que fui

António Salvado

Él se acuna en la forma de la risa,
en la luz del anzuelo contra el agua
prodigando la vida frente al tiempo.

Yo entonces no entendía del verso de su boca
ni de su mano ausente.

En un murmullo ciego,
las paredes reclaman su presencia.

TU VOZ IRRUMPE EN EL MUNDO

Homenaje a António Salvado

Tu voz
irrumpe en el mundo
y le da otra palabra
poblada
de sabios acentos.
Me asalta,
quiero que lo sepas.

Nadie se renueva
si su interior
no está dispuesto al cambio,
de eso se trata.

Tu voz muestra el sendero,
el lugar exacto,
la luz del tiempo
que se prolonga
y hasta ti lleva.

Tu voz,
en transparencia,
se me ha alojado
como semilla
dentro,
se ha instalado real
y eterna
en mi oscura tierra.

POEMA

a António Salvado

das estrelas de um mistério que se prometeu plano
em si mesmo e nunca foi – minúsculas centelhas
de vários sonhos corrompidos durante o curso
das jornadas de lava que calcinaram
o mapa que a primeira mão riscara na pele:
nascituro expulso de um agreste
para outro disfarçado em luz.

que dizer à doce mãe que estilhaçou a aurora
e atordoou Claro-Obscuro com cantos de bordel?
a amiga original - envolvimento- não resiste
a voltar à crisálida que teceu para a velhice
caçadas torneios batalhas os juro da vitória em pleno tombo
o gosto de amassar o barro já que ele existe
morno indolente sob a pele lanhada
extrair da argila lágrimas de outrora
deitadas onde secaram no rosto que o vento ruborizou
emprenhou e apagou sem remorso.

onde achar de novo a mulher raptada
flores queimando o relato alucinado
visão em preto e branco
quase nulo o cheiro do mar próximo
cambaleante o recovado primeiro-bailarino
tudo sem ímpetos nós os insípidos?

lugar nenhum
entre um natal e outro
chão ausente
onde o nada unge
a lona que desaba
definitivamente o circo se evapora.

Ivo Machado (Portugal)

AMANHECER EM PAMPELIDO

ao Poeta António Salvado

Vai no fim a primavera
e as árvores querem-se,
assim

tremendo de outra luz. Passo
por elas, rente a elas
como cão desamparado

Quem sobreviverá à luz
sobre as árvores? Deus
ou as moscas?

Ivo Miguel Barroso (Portugal)

*“Never seek to tell thy love,
Love that never told can be”*

William Blake

Não posso inebriar-me por tanta beleza.
Se os meus olhos não tivessem vislumbrado o teu esplendor,
teria amado a solidão, esse destino inerte.
Não mo permitiram os deuses.
Nenhum oásis olvida a tua presença;
a incandescência dos olhos
impede-me de extinguir a fonte originária da minha inquietude.
Mulher de água, de plenitude inesperada,
como desejaria beijar,
longa, perene e delicadamente,
teus cabelos singularíssimos, compactos, homogêneos.
(Há tanta coisa que não conheço).
Beijar teus cabelos seria morrer na harmonia da tua luz.
Meus olhos amam-te inexoravelmente,
nas tuas ancas azuis dos teus jardins vedados.
Ao longe, morrem de amor os ramos,
pelo caminho transtornado da tua delicadeza.
Debalde peço a esses ramos:
— Ide dizer-lhe quanto a amo.
Quão longe poderia eu assim amar-te.
Diria a razão, o número das tuas pétalas.
Escrevo os caminhos eternos. Sou o silêncio e a voz.
Oculto-me — sou secreto.

Via-te, aprumada e glamorosa,
no pólo oposto, junto aos apanhadores de borboletas
(Concerto para violino de Brahms, *Opus 77*).
As margens do caminho eram invadidas por palmeiras interiores.
E em pleno nada o tempo não se expandia
— a essência sempre parca de neve e rosa.
De vez em quando, comia rebuçados de papel
(a sua prata era viva).
Os violinos fragmentados eram as sombras dissolvidas,
cimitarras bárbaras, num êxtase asfixiante.
Queria revolucionar a estática imagem, a perenidade dos lábios.
Só me coube a estrutura espelhada do verso
— o nó que constrói silêncios.

DONDE EMPIEZA LA LLUVIA

Para A. Salvado

Una vez nada más, una tarde de agosto,
una tarde caliente como un horno de pan,
con las manos tranquilas, sin que hubiéramos hecho
nada bueno ni malo, una vez estuvimos
donde empieza la lluvia.

En el campo amarillo, en la tierra abrasada,
en el paso suave del aire oscurecido
algo había tocando las espaldas del tiempo,
cerrándole los ojos, algo había durmiendo
dentro de un sueño antiguo.

Cayó entonces la lluvia, desde aquí hasta allá,
desde esta frontera, como una cortina
distinguida en altura, definiendo en el suelo
lo seco y lo mojado, desde este claro aquí
hasta la lejanía.

No nos midió la vida, ese fue su secreto,
ese fue su regalo que no premiaba nada,
que tan sólo se dio. Pero cómo encontrar
el lugar adecuado para estar otra vez

donde empieza la lluvia.

Javier Burguillo (Espanha)

LA HORA PRESENTE

Homenaje a António Salvado

Me dicen que en Portugal
llaman os novos a los muchachos:
los nuevos, pienso, los que tienen aún
por estrenar el mundo. Os novos,
os novos, digo cien veces esta mañana
de camino al trabajo, os novos
nuevamente, con furia,
porque siento el día como un regalo,
como un aceite para las viejas cicatrices,
y el ocaso está lejos todavía y soy dichoso.

ANTÓNIO SALVADO

On verra, disait-il
et il montrait du doigt
les vieux quartiers
les pierres

un livre ouvert á tous.

L'heure lui donnait le tournis
les tournesols
sa raison d'être,

on verra, disait-il...

EL GALOPAR DE SALVADO

Homenaje a António Salvado

Hay en la vida de António Salvado
como un galopar de vida y más vida.
Como un saber del que nada afirma y
nada niega, pero ensancha el vivir desde
el peso del mundo y las horas sagradas
que no vuelven ni pasan en vano.

Hay, en la palabra recia y vibrante
de António Salvado, un horizonte de
cielos ilimitados donde su voz resuena
y vigila en permanente acción de gracias,
desde los adentros de su casa
levantada de adobe y de generosidad.

Hay, como pétalos abiertos, en los sentires
de António Salvado, ocasión para el gozo,
para el camino y el brindis del amor, desde
unas manos traspasadas de bondad y unos
ojos más indulgentes y limpios, todavía,
en el límite con el galopar del fuego.

Jesús Losada (Espanha)

LOS LÍMITES DEL OLVIDO

Para António Salvado

Ese vuelo detenido en la escritura de tus manos
son ahora pájaros contemplando la luz
de nuestra frontera.

Una luz que se hace amarilla
entre las sábanas de las tardes más lentas.

El cuerpo desnudo, la semilla austera
despiertan y se alzan
como un cáliz de vino oscuro entre el olor morado
del cantueso y la orilla del agua.

... Y una hoguera avanzando por la piel toda
de esta geografía herida de muerte.

Joana Lapa (Portugal)

FLOR

Para António Salvado

Eu queria uma flor
disse a criança
e a manhã ofereceu-lhe o regaço,
uma flor encarnada
e em vez de pétalas asas,
disse a criança a medo,
quase envergonhada,
como se voar fosse um pecado
e como se um cálice
pudesse ser também um abraço,
um pássaro ou uma pedra preciosa.

A manhã complacente,
para agradar à criança,
com o orvalho e a luz nascente
desenhou no céu uma rosa.

E TU, SENTADO

Uma voz, som que irrompe
do silêncio; se souberes ouvir,
se prestares atenção, se for
o momento da revelação, podes
explicar o que nunca se entendeu:
a vida, a morte, o amor às
árvores, às vinhas e às colinas,
aos rios e às cidades, às
manhãs que nascem e às noites
em que morre a e luz e o dia.
Uma voz, se ouvida, enche
o espaço imenso da criação,
habita-o, dá-lhe o sentido
que se procurava. E tu, sentado,
nem sequer mexeste a cabeça,
ficaste a olhar o infinito, embebido
e embrenhado no som, no rosto,
na súbita presença. Meu Deus,
pensaste. Mas não disseste mais nada.

TANTO MAR

Ao Poeta António Salvado

Aquele homem cheio de amarga sabedoria
escreve em voz baixa a soletrar a fala íntima do poema
um mar liso quase um lago
conchegante
se espraia à sua frente de margem a lado
o céu ainda temperado com o frio inverno a cobrir velhos edifícios
gastos de cinza
mais o fio-de-prumo dos ciprestes a unir o canto firme das cigarras
além depois das colinas
uma planície vertical
paradoxalmente lavada pelo sol
que tarde regressa ao sul ourado de verão

pequenas palavras clandestinas ressoam ao ouvido
pela sala interior da escrita rente à mão
os livros desarrumados nas estantes
começam a perder os contornos
com os seus heróis ocultos
cheios de virtudes e mistério
a levantar o pó ao redor do chão
e um líquido silêncio inunda a respiração da memória
perturbada pelo sentir de olhos pesados e dormentes
que nos consome a noite de todos os dias

cansado de pensar
esquecida a dor recorrente
sonâmbulo de tanto mar
retoma pela manhã o caminho azul da montanha
com o tango dos últimos odores a primavera

mesmo assim atento
fixa o prazer lúdico na paisagem urbana que célere se levanta no hori-
zonte
como um barco à deriva
livre das amarras

João Mendes Rosa (Portugal)

NO POMAR DE HERA

Para António Salvado

Ninguém – nem sequer talvez Hera -
poderia ter dado ao tecido das palavras
tamanha indistinção entre amor e erudição:
colheste os frutos (ainda e) sempre em flor
para antecipares a textura áurea da polpa
num bosquejo breve de abraço rendido
ao apelo inebriante da imensidão do arvoredor.
Tornaste eterno o gesto da colheita
pois no pomar há-de respirar-se sempre a tua vigília
e os passos nupciais que alentarão os ventres fecundos
de amor ou erudição – tanto faz.
A linhagem das criaturas emocionais, António,
é que foi - e será - fundamental!
E aprendemos em cada sílaba do dilema
que o pomo se colhe sempre em flor,
antes mesmo de ser dourado e imortal.

TRAZ-ME UM POEMA VAZIO

Ao António Salvado

Traz-me um infinito poema vazio dos profundos
olhos límpidos dos cavalos,
um verso estéril em sua memória de luz
e vergado em suas raízes de outono,
uma única palavra de chumbo
para que o perturbador júbilo da aurora
se oculte pelo silêncio.

*

Crescem os verbos no naufrágio da repetição
com que a terra se planta de vultos
retendo o perfume do mundo
sobre as obscuras entranhas dos músculos
indiferente à dor de uma utopia.

*

Traz-me pois a primordial força do vazio
onde se sonham as vagas do arco-íris,
os lírios sobre as ruínas,
o próprio nome na distancia da negra floresta,
pois é aí que o viajante se faz voz
e se alimenta do nada que julga ser tudo
ameaçando os céus em sua loucura.

*

É aí que se mastiga o sustento entre os clarões,
a trágica e tão real ilusão de se estar vivo
quando na névoa se sonha só como os poetas,
“é num rosto promessa: no rubor
das videiras e bagos de romã.”

*

Traz-me um incomensurável poema desabitado
onde o pó e a transparência efabulem
do regozijo mais puro do amor.
Traz-me o bárbaro verso de alucinados poetas.

*

E como quem mastiga o mosto escorrendo da língua
traz-me os óleos e um lenho enxuto de oliveira,
“meu coração de carne e alguma cinza...”

João Rui de Sousa (Portugal)

PALAVRAS NÃO SÓ PALAVRAS

*para o António Salvado,
com um abraço*

Eram palavras graves ou soturnas
que nunca eram vãs nem tinham a postura
de serem decisivas ou as últimas.

Eram palavras que, embora nascidas
na terra dura, cresciam na destreza
e na brandura dos dedos e da brisa.

Eram palavras que, mesmo no frio
dos lagos e das lajes, sabiam abrir
sulcos de um fogo inesperado.

Por vezes, eram palavras cantantes,
musicais, divididas entre a regular cadência
dos moinhos e o respirar dos prados.

Eram comuns palavras que - eufóricas
ou razando o pranto - amiúde exaltavam
as surpresas do imediato, a fulgurância
das rosas e a mais absoluta maciez das aves.

ANTÓNIO SALVADO

No mais recôndito aceno ou verso,
por ser insondável a sua natureza,
uma alegre e imperceptível tristeza
detonou num poema além disperso.

Outro emerge definido, com certeza,
tal como as ave-marias do terço;
regressa ao céu, ao sono de novo verso,
ateu e rude, interrompendo a reza.

Só então as lágrimas, as mais choradas,
as que, por mais subtis ou disfarçadas,
desabam rosto abaixo, quais grafemas,

deixando a descoberto mágoas e penas,
restos não cristalizados doutros poemas
ou mais lágrimas, mais lágrimas abençoadas.

Joaquim Cardoso Dias (Portugal)

NOTÍCIA PARA UM POEMA DE ANTÓNIO SALVADO

deito-me
para não ser expulso do paraíso
mas uma gota da tua água
acorda-me
na claridade

Jorge Cadavid (Colômbia)

RESPUESTA A UN POEMA DE ANTÓNIO SALVADO

Querido António: Desde el otro lado del océano
he leído tu singular poema Amistad
en el que un niño sucio lanza piedras a un perro.
La extrañeza está en que el perro iluminado no huye.
Todo lo contrario. Esquiva las piedras
y viene junto al niño para lamerle la cara.
El signo sorprende al objeto
y lo arrastra a otro lugar
más allá de sus límites.
En tu poema amo lo invisible
el corazón que pesa más que una piedra
la sencillez con que se entrelazan ahora
“la manita muy sucia del niño” en éxtasis
Y el cuello peludo de aquel santo
caminando en dirección del sol.

Jorge Fragoso (Portugal)

INFINITUDE

Para o António Salvado

Na palavra como gesto de sentido
percorre o desenho de um cosmos
numa figura berço da razão
e poema

Sereno o traço da voz homérica
labor perene de minúcia
ergue o dizer aos deuses
que faz de pedra e de distância

A construção do mundo no toque da mão
edifica o ser em voz de ferro e água
e no jardim do mito além da vida
todo o olhar como flor de aço e seda

José Agostinho Baptista (Portugal)

Prende-me na rotação dos teus braços,
nas pás do teu moinho,
onde trituras o cereal das descendências.
Descende e eleva-te como a pirâmide no planalto da
minha ausência,
da minha alcova de minerais intensos,
da minha arca vazia,
e serei, quer queiras quer não,
uma promessa de aves mudas,
um altar profano,
o senhor das alucinações,
vibração de lantejoulas, com esse brilho que
a carne ostenta.
Se doer,
se reabrires a ferida,
calar-se-ão os lamentos da minha árvore, alta,
inacessível como uma vertigem.

In "Caminharei pelo Vale da Sombra", Assírio & Alvim, Lisboa, 2011, p. 29.

José Amador Martín Sánchez (Espanha)

LA VERDAD DEL DÍA

Dedicado a António Salvado

*Cercados por la esperanza, traspasados
por el quejido, tenemos la certeza
de la Hora en el día a día, del límite
del muro edificado en nuestro espíritu.*

A. S. La Hora Sagrada

Siento ríos de silencio
sobre los muros,
cuando llega la noche
de soledad y olvido.

Acuno una esperanza
en cada sueño,
un mar que se desborda,
de pasión extendida,
sobre la ciudad
melancólica y nocturna

Luego cae la luz y callan los ecos
mientras dura el milagro
que enciende al alba el primer sol.
Luz silenciosa que desciende
hasta las calles,
cauce de luz
pausado en el tiempo

Luz que me encuentra buscando,
entre restos de naufragio
horas olvidadas,
fragmentos
que nunca fueron,
ni serán,
memoria viva
ni historia.

Entre las sombras
se oculta la verdad del día.
Ellas
establecen el límite real
de lo que nunca fue:
cristal de espacios
donde encontrar las horas.

Hay muros de sombra,
muros de silencio,
muros edificados al borde de los sueños,
muros de indiferencia,
en la verdad del día.

Posiblemente
mi esperanza
no será más
nuestra esperanza,
cuando,
traspasado el corazón
con el filo de la nada,
navigue el espíritu por áridos mares
cubierto con el salitre y la herrumbre
del tiempo fugitivo
del espacio, perdido, de mis sueños.

José Antonio Valle Alonso (Espanha)

LA FLOR DEL CORAZÓN

A António Salvado.
Por las Veladas de poesía y amistad pasadas juntos.

*Grato me é agradecer
a limpada pureza do pensamento...
António Salvado*

Hoy tengo el pensamiento acelerado,
quiero llegar a tiempo, es primavera.
La flor del corazón es la primera
que florece de Amor en cualquier lado.
Hoy tengo el sentimiento desbordado
y la mañana floreció y no espera.
Tengo una cita en blanco en la ribera
adentro por la izquierda en el costado.
Al hontanar dulcísimo del sueño
vuelvo a beber las aguas del ensueño.
Y alto de fe me acerco a mi plegaria.
Dos racimos de llanto desgranados.
Flor del Amor, Amor de mis cuidados.
Sed de mi sed que crece solitaria.

José Carlos González (Portugal)

TESTEMUNHO

Ao António Salvado

Trago-te um poema como um filho pela
mão depois de longa jornada por flo-
restas e desertos dentro,

Trago-te uma maçã reineta rainha do arvoredor
e fascinação dos pássaros,

Trago-te depois de tantos anos a reacesa prome-
sa da amizade no meio de gritos e
luzes cegadoras,

Trago-te uma mão firme ainda e um olhar sem
traição á nossa juventude,

Trago-te enfim o que um irmão de sangue de
astros tem como única e rútila estrela
na cabeça e no coração.

Hoje um sol talvez precoce
quase infantil e arbitrário
veio baixar o pano do dia.

Entre as pedras e as ervas
Uma indefinível sorte
se vai pouco a pouco
desenhando.

Cantam pássaros sim
os cantores únicos
do crepúsculo.

E lentamente se define
o rosto agrário perfeito
da noite
maternalmente estrelada.

REINVENTAR É PRECISO!

Na pedra musgosa, é baixa-mar.
Algas que bailam, peixinhos felizes.
A estrela-do-mar aninha-se ali,
Mencia-se a anémoma numa vaidade...

Esta água, assim, donde é que virá?
Que pés já molhou,
que cascos lambeu,
que plâncton esconde?

Saboreia o tempo este marulhar.
E a aragem não corre: perpassa mansinho...

Na arriba, porém, já range o comboio.
E os seus passageiros bem mexem os dedos,
Mensagem urgente que querem mandar.
Não sonham com brisas nem sabem do mar!...

Não brincam ali os golfinhos d'outrora;
Vorazes gaivotas perderam poesia;
E bem ao rés d'água veloz pato-negro
Convida a fugir para outras paragens...

Reinvento o mar, urgência tamanha.
Revérberos de luz na água a brincar.
Pequenez a nossa, imenso o sol-pôr,
Certeza de amanhã, que há-de chegar!

LAMENTAÇÃO DA MONDADEIRA DE ARROZ

Ontem fui à criminosa
Não há nada que se esconda
Maioral de voz raivosa
Mandou-me para a monda.
Vou passar o dia inteiro
Com os pés na água fria
Chegam as febres primeiro
Logo se afasta a alegria.
No pátio que é nosso mundo
Nunca chega a Primavera
Há um silêncio profundo
Todos ficamos à espera.
Os filhos, noras e família
A mulher que vive ao lado
São para ele a mobília
Do querer descontrolado.
Onde ninguém tem vontade
Própria, nascida em raiz
Nem sonho de liberdade
Fora do que o maioral diz.
Na Senhora de Alcamé
Procissão, bênção do gado
Todo o mistério da fé
Continua indecifrado.
Teimosia milenar
Resiste num tempo lento
Aquilo que vou cantar
É levado pelo vento.

ESCRITA E LEITURA

Um dia
A memória reinventada de quem esquece
Aprenderemos
O iluminado cinzento que enganou a luz
A escrever
A fala que se oferece a quem não vemos

Um dia aprenderemos a escrever
O ouvido aberto para quem nada diz

Um dia
A necessidade do que parece desnecessário
Aprenderemos
O absoluto absolutamente relativo
A escrever
A perfeição já ali, inatingível

Um dia aprenderemos a escrever
A sedução de um sopro carinhoso

Um dia
A vida breve na memória eterna
Aprenderemos
O incompleto pedaço de agora perdido no enorme depois
A escrever
O ruído silencioso das multidões em nós

Um dia aprenderemos a escrever
A semente de medo que minimiza a coragem

Um dia aprenderemos a escrever
O eterno desafio à vida, que num instante vence

Sem nos vencer
Nesse dia aprendemos a ler

5 MOVEMENTS OP5 WEBERN [BOULEZ]

Abrupta rudeza, rude,
As pancadas rudes que descarnem os ossos, rasgam a pauta.
Reinstala o mais exausto, o que raspa o eco fechado, insidioso,
sustenido, e [a
Música] arrebatada, descamba.
A orná-la, a rispidez da espiral baloiçante em derrocadas.
Descai, por detrás, de lá de dentro,
Ascende-se ao vazio, soa tão imperfeito,
É incompreensível. [2,53]

Se vislumbram horizontes rejeitados, a deslizar
Ao longo das poeiras estendidas até ao regresso
À imobilidade.
Entorpecem os delírios da euforia. Espaçada,
A afastar-se de si,
O clarão afasta-se e emergem altos e baixos ofegantes,
Desfraldados, [2,13]

A finura sussurada. [0,43]

Desprende-se a ranger o que ilumina e espanta, retraça o
Divino. Resplandecente a escuridão que não se afasta da acalmia,
fragiliza. [1,28]

Encosta o ouvido. Dedilha. A impaciência dispersa-se na profundidade
da quietude. Atrai
A mais densa inexactidão, ávida, sem afrouxar, altíssima,
O som primeiro, derrubado.
Esses movimentos oferecem uma indeterminável
Blasfémia a Deus. [3,19]

ECCE HOMO

A noite contém tudo o que a vida contém,
mas reflectido como que um espelho.
Pouso os joelhos e os antebraços.
É um disco,
um sulco,
um sopro que projecta o corpo
para a superfície do Outro lado especular.
Há sempre outras palavras
atrás das palavras –
e outros espelhos atrás de outros espelhos.
Ponho o peito sobre o vidro,
o ventre contra a reflexão,
e tenho os pulsos e as palmas das mãos
Ajustados para combater.

A caneta é uma lança com um tubo que vara a escuridão,
Conduz-se pelos ares
Pelo encadeamento das imagens.
Na paisagem de pedra
Uma visão de exércitos batendo os calcanhares.
À minha mão não vem uma esponja que ensope o sangue,
Nem que impeça a transmutação dos sentidos do texto
Não vejo a Vitória
Nem ao longe.
De uns versos já abortivos
Vêm-me sabores de morte à boca.

O terror do fim –
Acabar sem nada ter escrito na vida,
Nem contra o espelho.
É desta corrente que me atinjo
Olhando o fio pequeno Silente ínfimo veio de vida que me alcança
O rio.
É nesse esteio
Que pode afogar-se o próprio sangue,
Ou a tinta, ou o soro
Que é uma tinta de outra espécie mais dolorosa
Atirada
Pelos penhascos da escrita.
E é ele mesmo a abertura de vários rios,
Correndo os fossos em redor do baluarte,
Infiltrando-se
Na defesa cavada Rocha a rocha para travar
a agitação que me invade –
Este frio correndo através do cume da cabeça,
através das mãos inchadas
pela torrente afora,
Agitada

agitada

agitada

Pressinto o jorrar das setas,
O alto clamor do inimigo que me invade a cabeça,
 Pressinto a torrente que vem dos golfos,
do ardente pulsar do medo,
A dureza
do corpo quando vem a noite a noite a noite
 Viro os olhos para o lado original do espelho,
Carrego a letra,
sublinho os vocábulos até à exaustão,
não consigo dobrar o pescoço nas alturas,
 tenho os tendões na nebulosa.
Não consigo olhar,
não consigo ler o que sublinho,
 tão-pouco recordo o que Já escrevi.
Ansiosamente desconfio
que o curso do sangue
foi alterado algures entre os pulmões e o coração.
É certamente uma nova armadilha,
 O laço que prende as imaginações para proceder à execução
final.

Penso –

 É agora que vou morrer.

 Mas
 muda-se a agulha para o peito,
 Acerta-se o ponteiro
para o lado mais insuflado do corpo
 – o espírito.

Ferido no campo de batalha,

Sinto que me sobe o sangue ao cérebro,
abrangendo os contrafortes do espírito.
E pressinto que fui
tomado pelos pés e que fui despojado das minhas últimas armas,
Que fui fixado ao chão
e que a meu lado
Foi posto um ferro:
Está nas mãos de quem zombará da minha força.

Sinto-me

Guardado para a pior das humilhações.

Porém,

Sigo adiante do que foi escrito,
no limiar do espelho, avistando os elevados penedos que se alteiam para
além da página.
Ainda que já cativo
Ainda que já condenado.

Sei que vou ser muito mais esmagado
no ponto onde o meu corpo está pousado,
E coroadado de espinhos,
E despido das minhas vestes
E de cana verde nas mãos,
E coberto de púrpura
E escarnecido
Como O meu Senhor-Que-Vive-e-Reina em mim
Pelos séculos dos séculos.

Tiro então o texto da página,
atiro o corpo mais para o centro,
puxo os sentidos até à exaustação.

Aguento
até ao rebordo, com os joelhos flectidos nas paredes do espírito.

Vão quebrar-me os ossos contra as pedras,

Vão apedrejar-me até à morte.

Amén.

José Jorge Letria (Portugal)

FALA COLADA AO SUSSURRO DAS FONTES

Poema para António Salvado

O poeta divide os dias em metades
de música e luz, de revelação e assombro
sem nunca alijar a mágica bagagem da palavra.
Tesouro secreto de tudo quanto sente e sabe,
o poeta mora nos livros com o desprendimento cantante
dos marinheiros repetindo o périplo de Ulisses,
e que ninguém lhe pergunte o que dirão as palavras
depois de quase tudo ter sido já dito.
E vem Bashô pelas íngremes veredas
da fala colada ao sussurro das fontes
e dá nome ao que nome não tem, nunca teve,
na página de vento onde as verdades
se deixam somente pressentir, manso voo das borboletas.

O poeta habita o poema devagar
com a exaltação rebelde das aves que só aceitam
como limite o teatro azul do céu sem fim
e depois se ocultam nos recantos da noite
para não terem de decifrar
o antiquíssimo mistério do voo,
oficiantes da suprema liberdade da vida.
E tudo isto pode ser apenas silêncio,
boca colada ao desejo de não dizer,
de abreviar, de tornar ínfimo e íntimo
o que tende a ser torrencial, caudaloso, brutal.
O poeta, Oriente e Ocidente de si mesmo,
cruza as rotas, os mapas, as linhas do destino
e escreve, antes da palavra fim,
tudo o que sendo breve lhe ilumina alma,
tudo o que sendo leve lhe incendeia a voz.

LA PLAYA SON TUS OJOS

Entrega la luz y moviliza el viento
quedan sólo en mis ojos humo de madrugada
y este sabor del aire cuando besas,
cuando te acercas a mi silencio inútil.

Vuelve tu piel, retorna a los encuentros,
hay un lago esperando tu voz y tu sonrisa,
cansadamente digo: «la playa son tus ojos»
y aparece la lluvia con el otoño siempre.

Con el otoño siempre movilizo los labios,
los acerco a esta espera de tu latido y pulso,
borro el gris de la nube y amanezco.
Un niño está llorando ausencias y caricias.

Ordena mis asombros cuando muera,
este pobre esqueleto se sostiene
como el milagro azul de las tristezas,
renqueante de musgo y de cansancios.

Bucea entre la piedra y los recuerdos
vivifica los sueños y entrégame tu amor.

José Manuel Capêlo (Portugal)

SUPREMA INTENÇÃO

a António Salvado

Nada sem forma. A rua larga, albicastra, a forma esguia
duma face em perfil, um sorriso num copo cheio de mim.
Meu pai ... Quando sou eu? Talvez, um dia, quando o mar
se chegar mais próximo. Quando a terra deixar de vacilar,
ou quando a natureza se mostrar na sua grandeza, sem os
desvarios dos homens. Quando Deus e o Diabo quiserem,
sem que me modifique ou esqueça, sem deixar de pensar
que por aqui passei, menir antepassado, narrativa em pedra,
silhueta apontada à imensidão árida.
Quando me procurarem e encontrarem na porção de tudo
e nada!...

MEDITACIÓN EN CASTILLA

Para António Salvado

Muero en la luz. Siempre
asido a su libertad, a su destino
en este paisaje donde soy, en
esta hora donde padezco
la alta mirada que se
cruza hoy en mí, que
me deshace en su volver
al origen, al desorden
causado por la frágil
desnudez de sus dedos
cuando me indican
el camino, la ruta, la
desdichada sordidez del día.
Muero en la luz que es
como morir despacio. A veces
me desangro en lúcidos
caminos, en insospechados
y negros valles, en senderos
ocultos por la maleza de
los ojos. Entonces caigo
lentamente al precipicio de
la niebla. Me confundo con
todos los que olvidan su huella
en el barro desnudo.

José Miguel Santolaya Silva (Peru)

DIME POETA ANTÓNIO SALVADO

*“Mas el arte es puro juego
que es igual a pura vida,
que es igual a puro fuego.
Veréis el ascua encendida.
Antonio Machado*

Ruedan los dados de César Vallejo...

Es puro juego,

el juego eterno de la Vida.

Tus “Pasos perdidos”

Paso a paso son pura vida.

Tu Poesía interior a puro fuego

amalgama el oro puro de tu verso.

Desde lo alto del Monte-Santo derramas tu amor fundido

hasta tu Castillo Blanco

de sueños y poesía aurea.

Dime Poeta: Si todo el Arte

es puro juego que siempre le ganaste a la pura vida...al Amor.

Antorcha eterna siempre encendida.

José Pulido (Venezuela)

EL UNO Y EL OTRO

Para el poeta Salvado, grande y humilde

Con su lengua de seda y telaraña
Dios procede a soñar

Con su lengua de brisa que penetra
el abismo de una corola
Dios prueba la poesía

Con su lengua de pez a punto de ser tragado
Dios habita en las palabras del poeta

Con su niñez entre pecho y espalda
el poeta compone un oído para escuchar
los pasos de la luz

La espera del destino
es una flor de sal en el desierto
y Dios saca su lengua de sombra de camello

Bajo el peso de tantas veces
que pasó la luna
el poeta sufre un ala rota

Dios jamás ha usado sus pies para correr
los poetas no pueden huir a ras de ejidos
aunque vayan dejando
un alpiste de amores por la senda

El poeta le asigna un verso a los ángeles
y establece la soledad
los ángeles sólo se posan
en el centro mismo del amor.

El poeta con su voz de sueño anegado
tendrá que cantar
Dios le ha dado el dolor
para que sufra en las alturas

Con sus ojos de poeta enfermo
Dios mira la alegría y se alegra

PARA QUE HOUVESSSES

Pintei de verde a porta de casa duas vezes
Para que houvesse cidade
A rua ficou com uma demão de espera
Para que tu viesses ver o Outono inteiro
Fosses da cidade com o sol noutras horas

Pintei a porta de casa duas vezes
Porque na cidade tudo é vil velho e agradecido
Porque o sujo vive no vento e cresce

Pintei a porta de verde e vi-me na rua
Onde o turista navega mapas e cega
Onde os pássaros morrem fechados no ar
Onde os pássaros têm um chão pobre nas asas
E atónitos perseguem letras de jornal voado

Pintei de verde a porta de casa duas vezes
Para te merecer o rosto e a água
Para que houvesse uma flor contra o lixo
A tipuana voltasse a ser árvore
Deixando crescer nela os pássaros

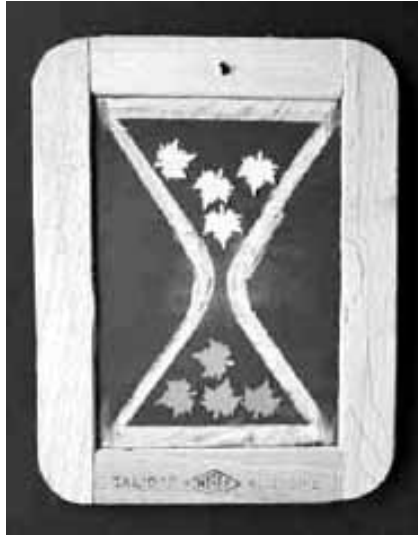
Juan Carlos López (Espanha)

CONTEMPLACIÓN DE LA PALABRA

Para António Salvado

Medita el aire y brota un mirlo.
Son tus ojos que buscan el poema,
el don que nadie ha visto,
el alma que anida entre los dioses,
los signos que emergen de la luz,
la harina del hombre,
el silencio.

Juan Rosco (Espanha)



Dolor

Juan Ángel Torres Rechy (Espanha)

LE PREGUNTO A MI AMIGO SI EL AGUA Y LA PIEDRA

Para António y Adelaide Salvado

Le pregunto a mi amigo si el agua y la piedra
son solo eso.
Si el gato y la ventana y el pensamiento...

Responde que duda, que no sabe
por qué ese gato puede ser el del ángel pródigo.
Fue un vagabundo, creo, quien me dijo
que el ángel se sentó a la orilla del río
y puso el animal entre sus piernas.
Contó sus pelos, uno a uno, sí,
y vio que su número era la oscura cifra
de quienes lo acompañaban en su destierro.
Sopló en su nariz diminuta
y puso en sus pupilas verticales
el brillo escarlata de sus ojos.

Un día –continuó mi hermano–,
escuché maullidos en la ventana.
Me dieron tanto miedo...
Por eso me pregunto si el gato y el agua
son solo gato y solo agua y piedra.

La piedra no pudo ocultar
de cien personas la infernal furia,
de cuerpos y cabezas destrozados,
ni explicar cómo en sus altos muros
al igual que flores en el campo brotaron
rostros, cuya fisonomía no fue tallada
por mano de hombre,
sino por perseverantes plegarias.

El agua, sin embargo, es solo agua
—concluimos una noche él y yo—.
Ningún misterio vive en esa casta
y graciosa pequeña de cristal,
ningún arcano neuma palpita
en su blanca seda,
aunque encuentre imposible esconder
con la piedra, el gato y la noche
el constante murmullo lusitano,
nostálgico,
opaco y antiguo, humano,
que resuena aun en el lamento
de los ángeles muertos en el bosque,
donde niños juegan y bailan y cantan
romances, en un lenguaje olvidado.
Remota añoranza de la memoria
en la distancia del ser.

Solo el canto, solo los niños, quizá, o
el prójimo al otro lado del espejo...

El agua, mansita, e incesante, la piedra.
Tú y yo, como ayer –me dijo–,
como la persona en estos signos
que toca nuestro pecho
con un puñado de tierra y de luz de luna.

Julião Bernardes (Portugal)

QUANDO O VENTO ME TRAZ SONHOS DE ASAS

*ao Poeta António Salvado
na comunhão da poesia*

Quando o vento me traz sonhos de asas
cruzando livremente o céu azul,
aquieta-se o tempo, nada bule
no meu sono acordado, entre brasas.

Perpasso marés-cheias, marés vazas
em navios de sol, de Norte a Sul!...
Talvez na pulsação se dissimule
Um novo mundo, de águas puras, rasas.

De longe, a lonjura não afasta
o que de Longe vem, é pura essência
– sem ter medida, é o que nos basta.

Feliz de quem se afirma na consciência
de tudo o que o domina e o arrasta
pra lá do que é real, sendo aparência.

AOS POETAS BEIRÓES

Para lá das serras esperam horizontes
que de lágrimas se enchem e alimentam
choram as gentes desta Beira que lamentam
a partida dos que passam esses montes

Mudos carpires de sentida dor
acenos de lenços brancos para alguém
partem esperanças plenas de fervor
regressam em glória, mais altos que ninguém

Aqui nasceu o Poeta, que um dia partiu
e quando a saudade doeu e sentiu
por Amor, voltou...

e nesse Amar, o Amor eternizou
por mais querer ser teu, um dia, tornou
para ti e para de ti, Mulher e Terra, fazer Poema.

Leocádia Regalo (Portugal)

MOEDA DE TROCA

*A caneta pousou neste sossego
da minha insónia com tranquilidade.*

António Salvado

Circundamo-nos de silêncio
respeitamos o silêncio
veneramos o silêncio.

Não perguntamos por
que somos assim.
Entendemo-nos nesse
silêncio gerador que
não é mutismo
não é ausência
não é solidão.

Antes é
partilha
contacto do coração
entrega
mera união
talvez perfeição
o berço da invenção.

É tão indecifrável
este silêncio
que não vale a pena
questionar
a nossa inquietação.

Ser inquieto é existir.

Aprendemos o silêncio.
Não podemos delapidar as palavras.
Ama-se em silêncio
com silêncio se estilhaça
duas faces da mesma moeda
de troca.

Leopoldo López Samprón (Espanha)

LOS COLORES DEL BOSQUE

*Para el gran poeta portugués
y amigo, António Salvado*

Una fulguración de estrellas
pone luz a la bronca sinfonía
de los cuatro puntos cardinales
que en el bosque forman sus esquinas.

En el umbral del sueño, todavía
se asoman rendijas de penumbra
junto con el color del veneno verde
entre la cortezas que se pierden,

contando los recodos de sus días
en el yunque del letargo y las espumas
blancas, que en riachuelos temporales
poco a poco van y lo desangran.

Bajo sus ramas grises, la oscura noche,
(la sonrisa amarilla de la muerte),
acaba con sus rutas de guadaña
y lo troncos cogen el olvido
en el rojo y siniestro atardecer...

Por él pasaron niños y princesas
y los corceles a galope tendido;
hoy la marronez de la hojarasca
cubre sus suelos y caminos.

No conoce el largo teorema
por donde se recuperan los amigos,
y en sus costado, mirando al frente,
he visto rojas amapolas en los trigales.

¡Quién sabe, hermano, el destino
ni el color de la Esperanza;
si Dios, en el barbecho malherido,

hace renacer los nuevos árboles
donde tú, poeta António, vives,
y yo, tu admirador, aún respiro
a pesar de la lucha y las edades.

TARDE DE VERÃO

Uma tarde de Verão – pode ser Domingo –
que começa mal acaba o café do almoço
é uma tarde boa para se viver dentro.

Sou por inteiro nesta tarde
que nenhum deus viola nem nenhuma razão:
sou pele e cérebro sem disjunção.

Sou um corpo de mãos pousadas em descanso.
O riso das crianças e os carros que passam
não me pertencem:
são de uma paisagem que se desfaz no calor da tarde
com um sopro de Botticelli

[O álcool dilui o dia,
torna a tarde um átomo feliz comigo dentro
como se o tempo e eu
nunca tivéssemos estado separados].

Que venha a noite e o sono;
que seja eterna esta tarde de tinta.

COISAS PERDIDAS

Não foi na infância que fomos felizes.
Nós não entendemos nada do passado e ao mais escuro de nós
chamamos infância.
Assim começam todas as biografias.

A infância dos outros é que te comove.
Disfarçadamente contas as sílabas do teu nome
e lembrás-te de um muro baixo, de um jardim
ou de um jardim sem muro
ou de um muro sem jardim.

O sol que cerca as casas de silêncio
é o mesmo aqui e dentro da memória?
Que espécie de realidade damos às coisas perdidas?
Alguém já pensou isto; se buscas o novo
deixa à porta do poema as tuas ilusões.

In, Os Dias Inventados, Gótica, Lisboa, 2001

ESCREVO-TE

Escrevo-te. Na alva folha do bloco.
Risco e torno a dizer o quanto as
palavras são água para a sede de poesia
na terra seca de homens com outra sede.
Escrevo-te para celebrar a tua pegada
na terra deserta de música, onde as asas
da liberdade há muito deixaram de passar.
Escrevo-te contra a nudez dos muros
do impiedoso silêncio, de um vazio que dói
este cheiro que anuncia a prematura morte das palavras.
Celebro-te apenas e é tanto. Por seres o clarão
iluminando de esperança um tempo sombrio.

Luis Frayle Delgado (Espanha)

...Y TU NOMBRE SALVACIÓN DE TUS AMIGOS

Para mi amigo António Salvado

Tu hacer nuevas las cosas
va recogiendo pétalos de invierno
y las heridas del tiempo
iluminan tus horas de silencios.

Las noches son propicias
para mirar estos misterios
a la luz escondida de la áspera tierra
que duele entre los dedos.

Te nace un santo fulgor
de los pesares que llevas en los hombros
y en las arenas del desierto
cantan tus espigas blancas.

Vas dejando la hermosura entre las hojas
que han caído de tu árbol
que azotaron recios vendavales
mientras tu palabra florecía.

Eres piedra amasada
en la artesa sosegada de tu pecho,
casa para el corazón de hermano,
y tu nombre salvación de tus amigos.

Luis Guillermo Alonso (Espanha)

PERDERSE EN SALAMANCA

Perderse en Salamanca, extraña suerte.
Poco después, leerte
y desde el interior de hondo recuerdo.

Para António Salvado

Supo “a moras silvestres” lenta tarde
bajo templado azul y brisa tramontana
en ocasos y aromas de ultramar.

El alma, en su vaivén, en El navega
v de noche se sacia
al solo resplandor de fiel estrella.

Y “donde nace el cántico” -aún en su cuna el sol-
salgo en tu búsqueda,
seguro ya de hallarte
pascando tu silencio con ese ángel siempre madrugador.

Piso el césped más tierno del jardín
-no importa si haya aún nieblas matinales-
Él puede reconocer si, tras tus huellas,
vienen también las mías a encontrarle.

Pueden ser invisibles las presencias
que, pasadas las noches, Él convoca
a son de la espadaña de una ermita escondida.

Jardines apacibles, sendas, sombras.
Pero la fuente es única y su llamada es única,
“entonando silencios entre sí”.

Luis Quintais (Espanha)

A RECIDIVA FLOR DE NINGUÉM

Para o António Salvado

A recidiva flor de ninguém
haveria de sulcar
a frágil pele
da terra.

ESTÉTICA DO LAHARSISMO (FRAGMENTO)

...deslocar o mundo para os subterrâneos da dissemelhança ou para a descoberta monádica-vertiginosa do próprio mistério-germinativo: teia dinâmica de ecos fractais que reabilita a alucinação da estética cavalgadora-surfista (não há disposições estáticas, há corpos em intermitência, em alucinantes sensorialidades, moléculas fantasmáticas-oscilantes que constituem imagens-choque: corpo-descentrado-sedutor e tudo se desmorona, tudo se regenera indomavelmente criando um museu-vivo cosmogónico onde um alfabeto se regermina entre contrastes sincrónicos e redemoinhos-áreas-de-risco): este LAHAR que se redobra no conhecimento do desconhecido sobre a infinita expansão da língua secreta ou de algo que ainda não nasceu porque vive da experiência do desastre, da liquefacção das redes magnéticas: a voz tenta surgir para negar as respostas e recriar anonimamente a afectividade instintual do mundo (jogos de eixos, de dardos sonoros-mascarados que retornam e se dispõem no diverso e dizem: forças-regeneradoras-de-vida) o poeta-surfista-sonâmbulo revitaliza-se no desaparecimento e a palavra surge desviada, deslocada, apinhada de rasgos, de distribuições, de confrontos (criaturas ressoando numa afluência de ciclicidades híbridas): o movimento da cosmicidade feiticeira... os poetas caminham nas sombras ardentes dos fósseis: são raros ...aqueles que escutam os seus silêncios_____

Lúisa Freire (Portugal)

No curso do tempo e
no decurso do nosso próprio tempo nada é
definitivo e tudo acontece como se a nossa história
fosse evoluindo connosco
sem cenário fixo, sem guião ou argumento -
um roteiro móvel em que as personagens
aparecem e desaparecem da cena viva em questão e
onde se desenrola toda a rede do enredo que foi nosso.

Quando a memória projecta o filme que rodámos,
é sempre uma história diferente e frustrante a que
ali vemos -
essa que nos surpreende, desavisados que somos
do que fomos.

Do livro inédito *O Centro e o Cerco*

E NEM CHEGAS AO FOGO DOS DIAS FELIZES

tenho vinte mil posições, entre sentada
e deitada, para ler o teu último livro. em muitas
estou como se atrás de mim houvesse um gato
para afagar: estico o braço roliço
e sobe-me o vestido por onde entram as tuas
palavras loucas. mas não sou katia, ó meu tradutor
de fábulas, sou mais a descalça das três irmãs
ou Teresa a sonhar o brilho do teu cavalo.
mas se fosses um corvo à espera do meu despertar,
deixava-te cair no meu peito fresco. porém,
despedes-te com rosas murchas e os dias
felizes param, à beira do poço escuro,
enquanto através dum pequeno
espelho, espero o teu regresso lento
e perfeito. porque sei que aguardas
a estação dos morangos

TARDE DE VERÃO

Uma tarde de Verão – pode ser Domingo –
que começa mal acaba o café do almoço
é uma tarde boa para se viver dentro.

Sou por inteiro nesta tarde
que nenhum deus viola nem nenhuma razão:
sou pele e cérebro sem disjunção.

Sou um corpo de mãos pousadas em descanso.
O riso das crianças e os carros que passam
não me pertencem:
são de uma paisagem que se desfaz no calor da tarde
com um sopro de Botticelli

[O álcool dilui o dia,
torna a tarde um átomo feliz comigo dentro
como se o tempo e eu
nunca tivéssemos estado separados].

Que venha a noite e o sono;
que seja eterna esta tarde de tinta.

MINHA ALDEIA E MEUS CHINELOS

em meus chinelos trago a minha aldeia
sob meu rastro tatuada e eterna

meu trisavô pulsando em minhas veias

minha palavra é sua voz interna
o seu olhar em meu sorriso sonha

em meu sorriso, seu olhar hiberna

a minha aldeia segue o meu destino
meu trisavô em mim refaz seus elos

se no universo penso e me confino
é que meu mundo trago em meus chinelos

Manuel Barata (Portugal)

UM POETA

Para António Salvado

Jovem, muito jovem,
Da musa recebeu
O divino estro.

Honrando a dádiva,
O mundo recriou
- E recria ainda -,
Com deliciosos versos.

De costas voltadas
Prò crepúsculo
E ignorando o tempo,
A sua poesia
Guarda a frescura
De sempre!

Manuel Silva Terra (Portugal)

anTónio
tem o sal e a salva
no nome
SALVADO
que salva

um nome vertical
à sua sombra
descascamos palavras
encontramos
a semente
delicada
que se enraíza
nas fendas graníticas

saboreamos
o sentido arcano

SERENAMENTE

O rio caminha
serenamente
caminha...
Sulcos de prata ondulantes
cadenciadamente
caminham...
Encaminho os sentidos
e plano à superfície das águas
afinando -me com os sons
e suaves cores envolventes.
Pescadores coabitam
com gaivotas
o anzol aguardando o encontro
e o rastro dourado
aquece a alma e encandeia
o olhar.
Enquanto o rio
serenamente
caminha...

LA RESISTENCIA DE LOS ROBLES

Bienaventurado el hombre que halla sabiduría [...]

Ella es árbol de vida a los que de ella echan mano,

y bienaventurados son los que la retienen.

Proverbios 3:13-18

Si el grano de trigo no muere no lleva fruto. Lo deja claro el tránsito aéreo de tu mirada, y la erosión de vientos egeos en tu rostro. Hay poesía de aire. Hay poetas de fuego y de agua. Y hay poetas que acechan el tiempo sagrado. Salvado transitas cual agricultor en espera de una vendimia de luz. Cultivas poesía erguida desde todos los puntos cardinales del barro. Tu pluma extrae de la roca un filo oceánico; bálsamo azul silente para una mesa, una mano, una copa de vino a la orilla de los senderos. Tras un tiempo álgido de tempestades permanece la trayectoria numinosa de un valle de *Salmos*. Vas abriendo puertas, mares y manos. Esperando el arco iris exacto para segar una vida, es decir, un roble que resucita sobre las alas del tiempo.

DÍPTICO EN ADMIRADO HOMENAJE AL GRAN POETA ANTÓNIO SALVADO

1. EN EL NOMBRE DE DIOS

Con cuidado recogeré Tu nombre;
levemente sorprendida
por tan claro vestido,
diálogo de presencia tan recortada y justa,
tan cercana medición.

Y yo que buscaba urnas,
fortalezas,
grandes soliloquios con los que reclamarte,
con los que conjurar el tiempo y el espacio
con los que transformar el recuerdo en estancia,
tenía, tan a mano,
las sílabas precisas con las que hendir el frío
con las que sosegar las hirientes ausencias,
en las que recostar mi poema pequeño.

2. VERSO EN LA SOMBRA.

Si tanto nacimiento aún aguarda
cómo cerrar las puertas,
someter cauces
o hacer un nudo en la camisa
por redimir el pecho y amansarlo.
Toda mi sien es sombra
que no quiere conocer
fuera de ti,
palabra suspendida,
verso o fuente,
trueno
que me tala sin fruto,
que suplico sin condición o fecha,
depuesta hace tiempo mi celada.
Esta herida que abre el fondo del misterio
ruega por mí
avivando las ascuas
que habrán de consumir
la ofrenda
que contengo como una línea atada al corazón
a pesar de mi eco
y con su música.

DÁDIVA

O teu verso
dá-me a temperança
e a esperança
que a própria inquietação
faz renascer
num “grito interior preso em surdina”.
Lentamente
— debulhando o silêncio
do meu corpo —
escuto os rios, os búzios, as rosas
a voz total da natureza.
Um comboio
chega entretanto ao meu lugar
com sementes e frutos
da tua poesia azul.
Descubro então
as “pupilas dos pássaros”
iluminando-me
a dádiva mais pura da viagem...

À CERCA DE ANTÓNIO

António é nome de quem merece alabança
Inestimável epíteto de *gens* romana
Antonius, Anton, Antinus,
O proeminente que adiante vai
Antonello, Antaine, Antoine, Antony,
Tanius, Antal, da memória itálica
Mergulha nas brumas da Etrúria
Ubíquo é em todos os lugares

Em todos os lugares, o nosso poeta
Canta sonhos e expurga mágoas
António, nato raiano em *Castra Alba*
Forte, o quarto dom do Espírito Santo
Salvo das águas ou doutras tormentas
Salvado, *afrecho*, cutícula envolvente
Dos grãos de cereais multiplicados
Quais palavras escritas em Horas Sagradas

MALA

Espécie de mala
a alma
do poeta
porão onde se guarda
tudo o que serve
para a poesia:
cartas por enviar
labirintos de intenções
partituras inacabadas
vertigens inominadas
catedrais de silêncio
mapas indecifrados
eclipses, horizontes
icebergues, vulcões
sonatas de chuva
retratos em sépia
arquivo de auroras
e crepúsculos
maravilha de instantes
tempo avulso
que se escoia e nos leva
na voragem da ciranda.

O que guardo na alma
Abro na poesia:
Nela interrogo a vida
Dia após dia.

Maria de Lurdes Gouveia Barata (Portugal)

CULTO DA VIDA

Para António Salvado

Nesse culto mágico da poesia
que te vai prendendo o ritmo da vida
na toada da música que convida
a uma entrega sempre em harmonia

com o coração sofredor, em alegria
da palavra sempre toda sofrida
mas presa à madrugada renascida,
dealbando em quotidiana liturgia:

na *casa do amor* está celebrado
o tempo: os homens, a raia, o lugar
albicastro. Na palavra tatuado

o coração apaixonado a pulsar
na vida, de que tens certificado:
a tua entrega de viver e amar.

AS MUSAS INQUIETANTES

Para António Salvado

Desenhas o ritual da luz, um verão que sonha,
o inverno entre as cascatas, as musas inquietas
aguardam-te,
sobes paisagens de neve, xisto.
Em ti, o brilho dos cristais exalta a lua, a chama
e a palavra.
Afagas as rochas, as nuvens, conheces todos os rios,
percorres os gumes do sol.
Num gesto quotidiano e sempre aceso, deixas
que a luminosidade te lavre, te crie e invente.
As violetas da noite são a ficção que escreves
nas raízes que fundas das páginas odorosas.
Na chama obscura dos mistérios antigos,
te elevas e perduras.
Nas brumas brancas da escrita, uma deusa de todos
desconhecida, um dia, visitou-te,
a sua densidade exacta em ti se propagou,
o teu rosto afagou, despertando,
em rimas e clarões,
a sombra, a memória, a amorosa flor,
a asa de oiro, a infinita pluma.

OS INFINITOS NÓS

No começo dos nós está o fim
E no seu fim o começo
A meio de uma noite de Verão posso ouvir música
E encontrar palavras que nunca pensei dizer
E ver ruas que nunca quis percorrer
Sempre a sentir o chamamento do mar numa praia distante
A ver a raiva humana de sorriso lacerado
Tardamente revelada na consciência das coisas
O mal feito para agravo de outro tomado como verdade
Há que mergulhar nas águas genesíacas
Movientando-me, com estilo, como se dançasse
Acenando sempre
Pois comigo está o fruto da época passada
E as palavras do novo caminho aguardam a sua vez
Estou aqui ali e algures
O meu começo
E não há fim à vista nestes nós

Maria Teresa Dias Furtado (Portugal)

ELEGIA ÀS PORTAS DA CIDADE

Poema para António Salvado

Deus todo-poderoso

*Só um deus, segundo a sua esperança,
tudo leva a seu termo; deus que alcança
uma águia em pleno voo, que ultrapassa
o golfinho no mar e verga
os mortais orgulhosos, enquanto a outros
concede a glória que não envelhece.*

Píndaro, Pítica II (Trad. Albano Martins)

Os homens que tudo perderam
A algo mais alto agora se ergueram;
Abandonada a impotência do tempo mudado,
Abrem os olhos à luz, ao bem que lhes é dado.
Sim, às portas da cidade deixam o seu pranto
E acolhem dos campos todo o encanto.
Vêem a águia altiva capturada
Em pleno voo detida e retirada;
Ao longe brilha o mar crepitando espuma
E os golfinhos nele saltam à uma.
Os homens que de novo despertaram
O seu sonho de glória e paz já vislumbraram,

Mansos, abrem seus gestos de gratidão
E mutuamente se saúdam de coração.
O homem por vezes desconhece
A glória vã e nela adoece;
Porém quando descobre a finitude
O eterno demanda, desejando a completude.
Procura então Deus todo-poderoso
Em gesto de simplicidade, corajoso.
Implora o bem, aquilo de que carece,
E seu pendor interno eleva essa prece.
Afastado seu orgulho, merece o olhar divino
E sente-se de novo feliz, como um menino.
Assim, maravilhosamente, transformado,
Com imperecível glória é abençoado.

ANTÓNIO SALVADO, SUA PRESENÇA

*aunque nunca mis redes pescarán
la oculta pedrería
de tristeza inconsciente que reluce
al fondo de mi vida.*

Federico García Lorca

A noite é de água amarga nas valas
mas o mato grita mais alto,
vem de longe o cheiro da fêmea,
um loureiro busca o céu.
É como dizer: aqui houve um mundo
e ainda tudo se agita e pranteia,
rumoreja de prazer, são louvores.
Se velho é o que já não nos acontece,
não envelhece este amor, este cão
com olhos de ocultas pedrarias
e ossos de calhandra.
Todos querem ver o corpo,
com os olhos das palavras querem
atestá-lo morto, mas apenas sobe
um canto rouco, opaco, fingindo luto,
palavras que não passam de palavras.
O cão que te povoa e me povoa
na noite se regozija com a lua e fulgura.
É um canto que não se habitua a morrer.

QUADRAS A ANTÓNIO SALVADO

Sabe o silêncio o céu que imaginava
Onde quem sonha só raiando aldrava
É a beleza um sol que se desgarra
Ou Cão Maior que ainda há luz ladrava?

Tudo vinha, partida, e o que imagino
É a conversa feliz de dois meninos,
Sendo António Salvado e Omar Khayyam
Singulares plurais como os Destinos

Letra a letra a inventar os universos
Gota a gota (libando verso a verso).
Ai quem sorve o silêncio termo a termo
Servo do Fado ou seu senhor mais terso?

A cigarra. Presente. Se. Ah. Passado.
E futuro demais. Quem sabe o Fado.
Alva rosa. Altas copas. Boas cepas.
Quadras e choupos. O sonho encarnado.

EL ESPEJO

Ya no eres todo aquello que refleja la memoria.
Miras con tanta lentitud, que olvidas
aquello que tus ojos rodeaban,
iluminados por una luz absuelta
o una imagen rota en el jardín.

Se hunde tu rostro en ese otro rostro
que ya no reconoces ni en el frío confuso de la noche,
ni en la respiración débil de las hojas.

Tanto silencio atraviesa tu cuerpo
que ya no suena tu voz, no la recuerdas.
Él te protege.
No reconoces su música,
porque cesó hace tiempo, aunque permanezca.
Poco importan los relojes, el pulso del hielo,
cada palabra temblando moribunda,
pronunciada en un zumbido sordo que no miente.
Tan sólo ese espejo ante ti,
sabiendo que ese rostro que miras
no es más que un rostro que no existe,
reflejo de un reflejo de algo que no existe.

SCRIPTUM

Para António Salvado

Cuando el dolor alienta el sufrimiento
y golpea impasible el corazón,
dificilmente, a duras penas, uno
acepta resignado este quebranto,
que es malestar, que es pérdida, trastorno
interno que en el ánimo provoca
una ansiedad silente y turbadora,
desorden en los pulsos, desconcierto
en el pecho y tristeza en las pupilas,
signos todos de un claro deterioro,
de una visible y cierta decadencia.

Pero, para vivir siempre hay razones.
Y ante esta bruma, ante este laberinto,
la entereza resulta nuestra lámpara,
nuestro escudo y defensa en el camino.
Y es que los astros giran todavía,
las sonrisas exhiben sus damascos
y la armonía en cántico deviene.

Conviene, pues, António, que alejemos
de nosotros el vértigo y la prisa,
recobremos tesón y resistencia,
y en Dios depositemos la esperanza.

Miguel Aguilar Carrillo (México)

VIGILIA

Para António Salvado

Mientras leo tus poemas, António,
oigo al viento arañando los cristales.
Es febrero y se espera lluvia
intensa, propicia
para estar a solas.
Aquí, mientras se eleva el humo del cigarro
con que miro el pensamiento
escucho tus palabras.
Si se alejan, son una mudez en espera
de que suceda
el nacimiento de las palabras.
Si buscan estar donde mi cuerpo está
me confirman lo que fui o seré.
Querido António, amigo por el canto,
me has enseñado que:
Onde plantei as rosas / nascem ciprestes.

TUDO O TEMPO

Já se a sintaxe o tempo se espedaça
tu ontem saberás foi tarde sempre
andante ainda embora este intermitente
cavaleiro ido teu de porto em praça

até onde a verdade que perpassa
se voa falta e se não voa mente
de maneiras é certo diferentes
de uma verdade pra outra e do acaso

que nos põe rio ou vento fora frente
ao que nasceu passado e que o passado
veste de lavado hoje deste lado
de quem se faz ao mar de a todo o tempo

saber que nada quer quem quer morrer
pois incerto quer sempre e só quem quer

**POEMAS DE MIGUEL VEYRAT
PARA “UM EXTENSO CONTINENTE”**

I

En cualquier lugar quedan prendidos los jirones
de luz marchita que dejaron las heridas.
Con ellos edificamos a Sophia
sollozando una gran casa blanca con adobes
de locura para llorar al ausente gritar
su abandono a lo largo de los muros en lo alto
de los techos hasta los silencios
de cada sima que quisiéramos traspasar
en busca de todas las respuestas
vanas que la soledad se lleva luego a su guarida.

II

Nunca nos traen el amor los dioses.
El almacén
que lo oculta tras la niebla
quedó vacío.
El amor que está ya a buen recaudo
entre nosotros,
aguarda su reparto injusto.
Sólo dolor
nos llega desde afuera. Es el olvido.

POEMA

Para António Salvado

Mas uma só palavra me acudia à mente
Enquanto devagar ou antes ainda sonolento
Ia executando os primeiros pequenos gestos
Do acordar
Primeiro uma perna posta quase ao acaso
No soalho sobre algo que na madrugada
Ali se dispusera uma peça de roupa um objecto
(e pense-se no que estes minúsculos pormenores anunciam)
Um botão um pente de matéria plástica vermelho num bolso
Um arrepio porque é de facto um outro dia
Murmurações recordações uma árvore que oscila contra a vidraça
A sombra
Um traço de luz São os gestos
De um novo início
Sete horas oito horas mas mais que uma palavra
Ou antes um pedaço de frase mesmo assim
Um começo do que sabia um rasto um vestígio vago
E repetia repetia sem cessar a sua melodia solene
Mas não bem solene emendo com sua tessitura iluminada
Assim como sacral ou diria comovida e talvez
Ponto de fuga para outras latitudes
E ia e vinha e fazia-se memória
(Eis como é o mapa o continente do que repercute
Do que por um breve momento é bem matéria viva

Na nossa cabeça como se diz no que pensamos)
Um verso um verso apenas e que quase não se situa
Duas três palavras como som desvelado como reflexo
Uno e duplo duplo e uno porque ligação de descoberta
("Dos olhos e das mãos brotam as coisas")
De casa entre ventos de sons ora surdos ora ecoando
E é a voz que nos chegou incontida perene
E finalmente o grande arco do mundo é junto de nós
No nosso corpo inconcreto
No tempo que é bem nosso
De novo o princípio numa manhã reencontrada.

AVES RARAS

íbis caminha sobre as águas /aves raras
não as vemos
aves cinzentas proliferam
deixam mais cinza o asfalto e o céu
já encoberto de fumaça
em algum lugar um rouxinol se esconde
um colibri insiste e faz seu ninho
em um arranha-céu
andorinhas, outra vez fazem verão
tsurus de papel sinalizam
— ainda há esperança

Oscar Rodriguez (Espanha)

ONDE EU ÀS VEZES MORO

*De quando em quando habito
desprevenidamente
certa casa vazia
que me aparece à frente.*

António Salvado

Cíclicamente, un espacio denso
me visita. Se extiende metros
a la redonda, conmigo de eje;
allá por donde me mueva cargo telas
de ánimo pesado;
las arrastro a suspiros.

No dura, es como un viento común,
unos días, como mucho
pero entinta el entorno.

Durante ese lapso
se construye en mi presente un pasadizo donde se proyectan
mis pesadillas, la misma casa, aquel
ambiente terrorífico, los muebles, los gritos.

A mi lado constantemente aquel sillón
de orejas, su presencia horrible de atrezzo, su color, sus zonas gastadas
y sucias de manos y sudor y tiempo.

No sé si hablo de pesadillas o de recuerdos.

Durante esos días, vaya donde vaya o haga
lo que haga, se desplaza conmigo ese interior virtual de aquella casa,
sólo su interior, sólo su aire,
pues las paredes, la propia estructura que me rodea
es de cristal
o ni siquiera existe, porque veo,
al final de esta niebla donde a veces habito,
que el mundo, la vida, siguen.

SOLO AMOR

Después de unos tiempos buenos,
ahora te echo de menos.

No sé qué pasó, querida.
Anocheció toda mi vida.
Corazón roto por tu partida.

Tengo mis miedos, no estoy sereno.

Después de unos tiempos buenos,
ahora te echo de menos.

Y me mata tu recuerdo.
Sin ti mi vida, me pierdo.
Estemos ó no, de acuerdo.

Me siento hundido en el heno.

Después de unos tiempos buenos,
ahora, te echo de menos.

SONETO TENTANDO IMITAR SALVADO

Como teria sido e havido a vida
se eu houvesse escutado esta sereia
e me banhado nas espumas desta praia
compartindo esta ternura tão vizinha
como haveria sido e tido a vida?
Uma outra veste, uma leve cambraia
me vestiria hoje e não me veste
aquela velha ternura que me deste
aquele pão e sal que se comparte.
Agora os traços leves do retrato
tão leves como a mais leve lembrança
se impõem nos espelhos da memória.
E eu me pergunto inquieto a contemplar-te
como teria sido a nossa história?

Paulo Jorge Brito e Abreu (Portugal)

ATÉ AO FIM DO MUNDO

à Hermética Irmandade dos Amigos da Luz

Beladona, que estás no Céu brilhando,
Ó Musa, a mais amada de Citera,
Ó deusa que apar'ceste em Primavera
E ora afagas no Outono, magoando.....

O que sou, o que posso e o que mando,
O que rezo, o que sonho e o que espera,
Tudo é teu, tudo é vosso, ó minha Fera,
Ó minha Mater Dona imaginando.

Meu letreiro tu és... e já não sei
Outra causa, nas cousas que medito.
Noite e dia, Raquel do «Agnus Dei»,

Caroável, as brasas e o fito.....
Amor, se em cor e carne eu te abracei,
Amor, tu és a Morte e és o Mito.

Nota do Autor: no segundo verso do último terceto, a palavra «cor» é
sinónimo de «coração» e deve, portanto, ser lida como «cór».

ENTRETANTO

Inunda sol o chão
Inicia aos poucos este mundo
A existência dos pássaros cantando nas árvores
As pessoas criadas para serem umas com as outras
Inunda sol o chão
Aproximando-nos do verão como de um quarto escuro
Apertando os passos com cuidado
E um fio de suor a escorrer pelo rosto
Pelo estômago diário
Inunda sol o chão
Alaga tudo de azul ilumina a terra
É a vida entretanto
Que se repete até um quando

GERAÇÃO DO POEMA

o poema está aí onde tu o inventas
e a tua mão subverte esse tempo indefinível que lateja
na antecipação do prazer

está aí o poema, só teu, em nudez total
depois move-se, sempre inacabado, suplicando na dor do corpo
e rasga-te
no movimento
esse instante que ninguém viu, ou sentiu, ou respirou senão tu
profano aprendiz da agonia da palavra exacta
do rio profundo da matéria

está aí o poema, possuindo-te já e não possuído
tomando-te, o suor incendiado na vigília que entra pela manhã
calcinando-te no fogo interior da sua construção
está aí o poema
entre o sim e não, o amor e a morte, o anjo e a mutilação
o nada e a revelação
está aí, senhor e servo da tua criatura
em permanente mudança

PROMETEO REDIMIDO

Salvado de la rutina de los álamos
(porque no todos son cantores).
Salvado de las anclas flotando al paio,
sin mareas, ni sirenas ni eslabones.

Salvado siempre, logrando hacer cantar los adoquines
de las calles afinadas de Toral de los Guzmanes;
y taconear las olas, al paso de la espuma de los cisnes
en tus océanos de carabelas, atlantes y saudades.

Fuiste siempre Salvado por el arco de tu parábola
y el silbo del latir plateado del recuerdo que te orla.

En fin y principio, Antonio, nuevo Prometeo redimido
del propio fuego que prendes en versos, que escondes
en rescoldo y lumbre de rimas, alertas del calor y brillo
que dijo ¡hágase! Dios, al crear la poesía para el hombre.

EM PICASSO ANCORADO

Mystère totale não só porque seu pai
aos pombos adorava, pregando
suas garras numa tábua.

Não mais vejo a Lavanderia Flutuante
nas encostas de Montmartre,
lá, onde Picasso arte produzia
com profana indiferença
no ateliê-colmeia.

E os cubos?
Como é ilusão do espaço,
levados foram
pela subjetiva geometria.

Plástico Aleph
de oriental perspectiva,
disciplinada máscara negra,
coração africano
fabricante de esboços
e de glórias, totem
sem passado e sem futuro.

NÃO PRECISA DE SELO

A António Salvado

Llegué muy bien. Esto es hermoso.
 Aquí no hay gripe.
Se me paró el reloj cuando miré la piel
 del mar
y el cáncer de las casas de colores.

Fui a comprar fruta y unos fados
y algo de carne y vino verde.

Me curé la última cicareiz, dormí sin prisa,
con las pestañas húmedas.
Paseé por la Alfama y escribí
 dos postales.

Después volví al poema, quería hablar.
Decir una palabra, un cuerpo,
otra mentira.

Pero la noche me entregó a las calles
y a las sábanas grises
con olores inciertos.
Y no moví los labios, ni los sueños,
ni los ojos.
 Y la amé en Braille.

Aquí todo es distinto. Hace muy bueno.
El sol está borracho
de mujeres que huyen.

Las niñas se maquillan la tristeza.
El mar se instala dulce en la distancia
Y las palomas,
de uniforme,
pronuncian de otro modo.

Quiero aprender a nadar
y a leer portugués
y a morirme un día.

Todo está bien, definitivamente bien.
Me quedo hasta las doce. Nada más.

Después apago el compac y la luz.

A ANTÓNIO SALVADO

sálvenos António
la hermosa flor de la noche

el agua clara del Sueño
que diluye las horas turbias

sálvenos el extenso continente
del Amor en la vigilia

sálvenos António
el placer y el dolor de escribir

sálvenos la Música
del silencio y de la muerte

sálvenos la Palabra
de la muerte y el olvido

sálvenos António
el Hombre del hombre

CON PALABRA AUDAZ, ANTONIO SALVAD DECLARA SU AMOR

Con tu mirada sosegada te sumes en la luz
de Salamanca
que henchida de oro la catedral reflecta,
-dijiste lo que pensaste para escribir y declarar el verso- :

*Sob o teu peso reconstruo a vida,
e um suspiro de amor refaz o universo.*

Soporte y tabernáculo de ese aliento redivivo,
tu presencia.

Tú trovador, tú peregrino, audaz señor de la palabra
y su silencio.

Aún así,

pero amante de la vida,
lanzas certeros dardos:

*Não vim para falar-
eu vim para te amar.*

El misterioso aire que sopla
de cada verso tuyo.

MORADA DESCONHECIDA

E, afinal, tudo não terá
passado de pura coincidência:
as carícias que desaguaram em ruínas,
oásis que confluíram em desertos,
desesperos camuflados de desejo.
Sentindo-me a desistir de tudo
e tendo mentido muito sobre
os desastres que me fogem,
escrevo-te, onda após onda,
aqui – onde se apaga a juventude
que outrora desbaratámos,
em revolto mar adormecendo.
Continuando a não saber
por que se morre, pergunto:
de que servirá esta pele,
mordida pelo silêncio?
E dir-me-ás que,
por vezes, a tristeza
também pode ser isto:
breve cicatriz de cristal,
uma parte de mim que
não tem medo de partir,
o cansaço de ser sangue.

Rendido aos frios factos,
aceito, sem desculpas,
o fim de tudo e teço,
com dedos de luz,
o manto da solidão –
a única morada
que conheço.

O SANGUE DO POETA

O sangue de poeta é salgado,
salubre, satisfaz-se bastante
e sempre surpreende: deixai-o
por isso escorrer.

No lugar da chaga tem a boca -
a dor e o dom de dar vida
a estátuas inertes, como se
as paredes tivessem ouvidos -
emulando as formas informais
da natureza.

Escreve para entrar dentro
dos espelhos - a parede poética -
que afinal podem ser tanques
ou templos de pedra - faça
o tempo que fizer.

Um aviso final à navegação:
se se partem muitas estátuas
corremos o risco de nos tornarmos
uma: a neve, de resto, cairá sobre
os nossos cacos.

Ricardo Paseyro (Uruguay)

REFLEJOS

Para António Salvado

Reflejo, el mar, reflejos sus estelas
reflejos, las pirámides de cantos,
reflejo, el cielo cántido, reflejos
los retazos de la luz en los cañones
Y en las hojas del álamo plateado.
Reflejo de la Idea, las ideas,
reflejo del sinfín en el instante
que separa la vida de la muerte.

A HORA DE SALVADO

A Oeste da reta imaginária
tratada em Tordesilhas
logo abaixo da linha do Equador
vieram ter naus de muitas milhas

Na terra de pau-brasil revestida
clima e sensualidade tropical
índios adoradores de Jaci
rezavam a própria cartilha

Que se implantasse, pois,urgia
outro catecismo, a fé jesuíta
de António Vieira e suas letras
cartas, sermões, homilia

E no chão distante, desde o passado
reverberam vozes de irmãos lusitanos
anuncia-se no presente, em polifonia
a hora de António, este, o Salvado

Rui Almeida (Portugal)

[Homenagem ao Poeta António Salvado]

*Meus versos peregrinam
humildes solitários
António Salvado*

Repara no homem que se faz vigilante
Aquele que se demora no processo
Da limpeza das pedras
Que marcam a margem do caminho.

Segue-o de longe,
Presta atenção ao modo como avança,
À justa cadência com que sustenta o rumo
E se acerta com o horizonte.

Vê como pousa a mão,
O modo como deixa as letras
Subir ao texto.

Depois lê devagar,
Não deixes o tempo tomar conta das sílabas
Oferecidas a teus olhos e a teus passos.

REFORMADOS

velhos jogam às cartas
com a sombra por céu
sob o pára-sol

velhos jogam ao dominó
pedras postas contra o calor
de Junho são as mãos
que inventam um vento vestido de luz

velhos com um copo de três
de ginginha jogam o sangue
numa vasa mesmo o sangue bebido

depois de o calor lhes levar tudo
na tarde que se agiganta
até ao cálice dos predadores

ainda lhes resta uma coisa uma
para contar aos netos:
as mãos experimentadas na ciência das cartas.

CORPO / CORPUS

No princípio, o coração. Cessando, toda a
Poeira. Não há raiz sem ferida. É preciso
Lancetar o abcesso enquanto lemos o pus
Que nos liberta e angustia. Quem escreve
Encontra o organismo: a instabilidade da
Matéria – cor e pó, memória e gangrena –,
Um grupo de células que o fogo não destrói,
Que a terra não apodrece, mesmo quando a
Cinza nos cobre e vai branqueando os tecidos.

Santiago Aguaded Landero (Espanha)

EL HOMBRO DE OTOÑO

Para Rita Ösz y António Salvado

Los verdaderos poemas están hechos de tiempo.

También de muerte y amor. En el otoño de mi vida observo tu hombro, pequeña flor nocturna y no eres más que una alegría triste, tiempo sin tiempo dentro. Acaso las verdaderas flores están siempre ausentes y en la presencia eres pecado deseado, nombre indescifrable. Si te pido palabras, no te demores, como el olvido se apresura a la memoria para hacernos ceniza y espuma. Todos los poemas están hechos de tiempo y sal. Te beso y en mi boca arde el labio oscuro de la noche.

Santiago Redondo Vega (España)

UNA MIRADA

*Al poeta Antonio Salvado,
hermanado en la tierra y la palabra.*

Hecho de tierra y pan,
hombre consciente; vuela
por tu elíptico cielo un haz de esporas
liberando tu boca y tu palabra
y la patria que te ama y te contiene.

Hecho de hambre y de sed,
hombre sincero; brilla
por tu Ibérica impronta un sol de arterias
desterrando en la sien la inútil bruma
que convierte en frontera al horizonte.

Hecho de alma y de albur,
hombre discreto; fluye
por tus venas de afecto un mar de labios
enclavando tu estela en esos mundos
que en tu verso se inundan y acontecen.

Si has de mirar atrás,
sueña y reincide.

Saturnino Alonso Requejo (Espanha)

MIENTRAS VAMOS AL MAR

*Para Antonio Salvado,
desde esta orilla de la “raya”.*

“Te envío este canto
por encima del mar cano,
al modo del comercio fenicio.”

*(Píndaro, Pítica II, a Hierón de Siracusa
vencedor con el carro, en 475)*

Mientras vamos al mar somos “cuidado”,
al modo de los dioses, cual las madres
que lamben a sus crías y las guardan.
Por eso nos incumbe
tener una ventana y ver el Mundo
pidiendo un vaso de agua a nuestra puerta.
O enhebrar la espadaña con vencejos
para echarle un remiendo a los nublados
y tocar las estrellas con los dedos.

Cribar el trigo, que se inclina y cede;
y amasar una hogaza y repartirla
como la comunión del Universo,
pues en esta hacendera consistimos
como quien vive encima de un peligro.

Sujetar los caballos de los ríos:
Tajo y Tejo que ruedan al abismo
como bueyes parejos en la arada.
¡Ay, Antonio Salvado, y cómo ellos
le dan significado a nuestra vida!

Estar al pastoreo de los días,
bajo los mayores de los astros.
Y hacerse la pregunta de las hoces
en la concavidad de los silencios.

Adorar lo divino que nos cerca
con pezones altivos de mujeres,
y entregarse, después, en sembradura.
Pues nuestra propia sombra nos incumbe
como decreto del Originario.

Echado en el cañamón a los jilgueros
y las migas de pan a las palomas
que salen del Arca,
refugiarse en la lumbre, cada noche,
y cubrir los rescoldos con SAUDADE,
o la nieve que baja a visitarnos.
¡Hora Sagrada! ¡Y sollicitudo!

¿Y el Mar, Antonio, el Mar?...
¡Bastante tiene el Mar con sus sollozos!
¡Y que relinchen todos sus caballos!

ANATOMIA DA LÁGRIMA

Para António Salvado

Há dois pratos que se põem, irmão Salvado,
Na imensa mesa do dia, em brancamarelas margaças:
Um é frio]mas nada deve ao que se come na estrada
Entre viagens que, quentes, fazem valer caminhadas.
Entre viagens que amargas, nas pedras açucaradas,
Que em naturezas tortas, teus versos ortografava[.
E por ter salvado o dia,
a mesa
o sal
[te, me, lhe, nos]
se salvava.

Outro prato o trigo
o verso,
irmão Salvado,
Na mesa pensa do dia, de marcelas enfeitadas
]quem não as quer amar elas, quentes, de branco enfeidadas,
As quererá noutro teu verso, de romãs e de piçarras[
Onde quente o fio tece a aranha a madrugada
E fugindo o inseto sobe pelo fio da navalha
O besouro o bulbo quente
Da lâmpada luz voltaica

E o teu poema

se dia
se mesa
se sal

[em,lá,gri,ma]
petrificada.

DOS POEMAS EN HOMENAJE A ANTÓNIO SALVADO

I

*sobre un leve manto de alegría
mi rostro esconde
la cicatriz de la tristeza*

“La Hora Sagrada”
A. S.

Mis ojos se alimentan en la luz,
crecen en el baile de la vida,
lloran
la emoción del silencio,
la comunión con el alba predecible,
el agua que late y germina.

Mis ojos anidan la belleza,
guardan la levedad de la semilla
que avienta el porvenir.

En su fondo,
en la afilada no luz
que nace tras el cuerpo del ciprés,
muere despacio el pétalo,
tiembla, desnuda, el ala.

II

No hay nada en el río, nada, nada...

“La Hora Sagrada”

A. S.

Vacía y desnuda
para dejar que el agua me recorra.

Cantos rodados llorando en mis orillas,
resecos peces
de hambrientos ojos suspendidos
entre las ramas del ciprés.

Algas de amargo aroma
perfumando
el instante del miedo.

Es tiempo de erosión,
duele ahora el agua, sola,
fluyendo entre mis dedos,
lavando el cementerio de los barcos.

Prístino río,
impoluto, solo, refugio de la muerte.

ANTÓNIO SALVADO

De Portugal llega la voz de António Salvado a través de la salmantina intensidad del castellano, y gracias al querido poeta Alfredo Pérez Alencart. La hora se hace sagrada cuando nombra la amistad, el vuelo, los sucesos cotidianos, la permanencia del instante atrapado; los caminos, la soledad y siempre la esperanza.

De Portugal se expande el anhelo de que “la eternidad sea fe y pan”. Notable la ausencia de estridencia, la discreta presencia del hablante en el mensaje porque - nos precisa- “sobre un leve manto de alegría / mi rostro esconde / la cicatriz de la tristeza.”

De Portugal se constata la abolición de las distancias por el trazo expandido del poema: “Una pobre mirada se escapa, / tímida, escrutadora, / buscando saber cuál la manera / de no quedar distante”.

De Portugal se nos alcanza esta proclama capaz de suscribirse desde los más distantes territorios: “Mi patria / es donde nacen las rosas. / Eterno, su perfume / persiste. / Mi corazón reposa allí / y oculta las fronteras / que la trazan, / que la colorean.”

LENDO ANTÓNIO SALVADO

Genesíacas, telúricas pautas
ânsias de terra nos vagidos lúbricos
ouvi tuas quase pautas de júbilo.
Encontrei essa face que não tocas,
esses lábios ausentes que não beijas
e até a cor das saudades dos olhos
que fechados de exílio ainda flamejam.

E porque és Poeta, ele não se esconde
nas mais altas ramagens da macieira
-ele, mistério da criação inteiranem
no fontanário d'água da vida,
nem no que há da solidão mais recôndita
e nem na solitude mais sofrida.

Porque Poeta, no fundo da página
de cada vivência revive um sonho
noites de luz! Ah dias de insónia!
nos rodapés das folhas ensodáveis.

Porque Poeta, não é passageiro.
mesmo sem nenhum passo ou nenhum grito.
A vida poesia em ti – outra voz
que só os Poetas sentem som infinito.

TODO ACABA...

*Que todo se pierda
en la memoria ausente:
las pequeñas cosas
ciertas o inciertas.*

A. Salvado

Amo la nieve y esa pátina
que se pone encima del horizonte ,
tapando todo lo que duele.
Amo el remolino de la pasión
que me suscitan las rosas al mirarlas
y el rojo de los pétalos esparcidos.
Admiro esos matices color carmín
que no se graban en mi memoria.
Amo el candor y el inmenso paisaje
poblado de silencio sideral
donde se instala la paz del espíritu
y el hielo es gota de cristal.
Me inundo de hermosura blanca,
veo bailar las estrellas
buscando su halo entre los hombres.
Ajena es la maldad que recorre la tierra.
Ajeno es el mal que nos acosa.
Todo acaba igual que los crepúsculos.
Todo acaba, excepto las esencialidades.
Y canto un himno a la vida desde
el Edén de mis sueños.

Sylvia Miranda (Peru)

CUENTO FELIZ

*Para celebrar y acompañar
al gran poeta Antonio Salvado.*

Era en una calle ni antigua ni moderna, una calle larga y tranquila iluminada por la luz naranja de un atardecer de verano.

Ambos éramos chicos, siete años quizá.

Íbamos por la calle como van los niños, ni juntos ni separados, ni contentos ni tristes, simplemente íbamos sin tiempo y sin límites. Cuando de improviso y sin asombrarnos apareció de pie el marco de una puerta en medio del camino.

Nos pareció simple y lógico, comenzamos a dar vueltas, entrando y saliendo por esa puerta inexistente. En ese estar seguimos riendo, a veces más veloces, a veces más despacio, a veces en silencio, hasta el fin sin fin, sin soledad, girando delante del atardecer.

CONTRARIANDO ALBERTO CAEIRO

“Ver apenas ver” limitar-nos-ia à superfície
das coisas.

Ouvir ilimita-as.

Amo mais as coisas
a que posso arrancar alguma ressonância:
a sua alma afinal.

Amo o cristal por isso
não por ser raro ou caro.

Se houvesse céu
a música seria o nosso cicerone.

Há no ser uma fome específica de música
que com mais nada se engana.

A música existe antes dos instrumentos
na Natureza e nos seus entes mais próximos:
no canto dos pássaros
e da água a cair, até da chuva.

Já ouviram o celestial concerto de um rebanho
espalhado pela serra?

Ouvir é partir para longe da rasteira superfície
das coisas

é seguir o seu prolongamento, a sua alma.
O som amplia as coisas.

A alma dos seres não se vê
mas pode ser ouvida

pelos que escutam o silêncio.
E também pode cheirar-se porque tem perfume.

O som e o perfume são a alma do que existe.
Não se pode ver nem tocar mas dão às coisas
a sua incomensurável dimensão.

O que seria o mar só visto? E só tocado
sem som nem cheiro?

Fecho os olhos para o ouvir e cheirar
e até saborear

sabe-me sempre a mim
às minhas tristezas e alegrias
todas com travo a lágrimas.

Fechamos os olhos para ouvir música,
para beijar e também para cheirar uma flor.
Até para saborear um vinho ou algo
que se quer gozar

sem avidez sem gula
compenetradamente.

Há o bárbaro costume
de cegar os pássaros para cantarem melhor.
Devíamos vendar os olhos às vezes
para conhecer melhor e mais a fundo
o mundo.

Só o tacto nos dá a conhecer
o tronco de uma árvore, a polpa de um fruto
ou de uma folha.

O cheiro e o paladar ajudam.
Há ainda outro sentido a juntar aos cinco
tradicionais: o do amor

não o sexo
dado ao bicho para perpetuar a espécie
não animal sofreguidão a saciar
mas arte

METEOROS

Nós somos meteoros
infinitamente pequenos,
frágeis ,que na terra,
extraviados,
tomamos forma
em carne e osso.
Mais valiosos que o ouro,
o cristal ou a rosa.
Viemos do céu
E algum dia, embora
Enterrados na tumba,
regressaremos
ao universo, outra vez
fulgurantes e poderosos
como reconstruídos
meteoros.

FOGO

Deslizo por sobre as pedras
noturna sombra ligeira.
Meu corpo a fluir da máquina
feita de ferro. Poeira
dourada além do horizonte
das impassíveis estrelas
luzes de sóis tão distantes
dentro de acesos planetas.
O dióxido carbônico
me penetra por inteiro.
Tornamo-nos flor de fogo
quando o combustível queima.
Um feixe só: ferro e músculos
e a força da labareda.

E POR TODA A PALAVRA ABSURDAMENTE

e por toda a palavra absurdamente
o inverno felino e vivo
auto-indulgente e com a noite rasante
prefere a sinédoque da nuvem
em caso de amor original.
por toda a palavra absurdamente
indivíduos alheios ao autor da voz
esperam os exercícios ocultos que reverberam
no azul áspero de toda a palavra absurdamente
enquanto os termos do futuro estão por definir
e ainda assim fazem viajar pela infusão
da inutilidade.
e por toda a palavra absurdamente
aparece um significado ferido para o inverno
nas veias abertas das guerras.
e será assim tanto para quem ilumina
como para quem faz milagres com flores.
e absurdamente por toda a palavra, o champanhe
consome os segredos para desconstruir
o plano mais racional
enquanto a cabeça se expressa com a mão direita
e um predicado que nasceu no orvalho da manhã
aguarda o seu sujeito mais cruel
por toda a palavra absurdamente.

PARA ANTONIO SALVADO DESDE EL MÁS PROFUNDO IBERISMO

Ahora que el eco es tu palabra
en este otoño salmantino
de piedra y fuego,
en alas de poemas, en bandadas
como pájaros que ocultan este espacio
que escurre entre alegrías y lamentos;
es un prelude tu voz, la sinfonía
del viento profundo de tu alma,
calor de un sol que no se oculta
si nunca se cierran tus libros de poesía.

Podrán caer las hojas amarillas,
los días ocultos en sus horas.
Podrán consumirse las cosechas
con sed abrasadora y hambre.

En ti hay un Viriato lusitano
de dardos con palabras triunfadoras.

Ya ves como soy ahora paseante
siguiendo tus señales, casi pautas...

Aquí recapitulo en un poema
abierto a la sombra sin la duda
de hallar en tu palabra un gran alivio.

Vergílio Alberto Vieira (Portugal)

A CIDADE DOS RELÓGIOS

*Ao poeta António Salvado,
o mais invisível dos poetas visíveis.*

Pelas ruas a que a neve
Dá ares de cidade irreal,
Vão correndo, ao de leve,
Os anos de modo igual.

Das torres altas, caindo
Como cristais a tinir,
Sons frios se vão ouvindo
No chão da praça, a partir.

Na cidade velha, as fontes
Gelam ao anoitecer;
Os transeuntes nas pontes
Esperam a vez de morrer,

Como 'státuas, sombrias,
Nos lugares mais retirados,
Onde se gastam os dias,
Um a um, por nós passados.

Tem o mundo suas idades,
Os homens, anos de vida.
Envelhecem as cidades
Por cada hora perdida.

Dos séculos, já só o sinal
De vagos jardins floridos,
Em qualquer parte, afinal,
Onde ficámos esquecidos.

PARA ANTÓNIO

¡Hoy el poeta vive en gozo,
va en la mirada del amigo,
en la huella de su abrazo!

Antonio Salvado,
amigo mío,
tú nos das
un hálito de sueños
para enflorar las horas
en tiempo poético
de lo alto.

Y yo, poeta
de muchas nadas,
te ofrezco un ramito de luz para tus días
desde el Carmen de mi alma
acostumbrada.

Que verdade tem um límpido regato

na regularidade com que nos desperta todos os dias? Qual a certeza desta verde clareira na fulva extensão do deserto? Ou deste espaço onde as altas tamareiras resistem às duras tempestades de areia? Qual a verdade de um pássaro? Das várias tonalidades de um renque de oliveiras? Do eco de uma pedra caindo fundo no meu poço? Da poesia?

Mas a poesia não tem verdade alguma. Explode tão intempestivamente como uma enorme flor de lava; tão silenciosamente como o botão de uma rosa esquecido junto às grades da realidade. Verdade? Certezas? Deixa-as ela para outros dizeres. Só o que entrevê a desperta e dos seus vislumbres se alimenta: sem a hipocrisia da máscara, sem o medo de uma funesta consequência. Não teme as discordâncias, as contradições, os marginais desajustes. O seu país é o da mais extrema autenticidade: sem uma única amarra viaja naquilo que é – e nada mais.

Que verdade tem um límpido regato

sempre às avessas consigo próprio? Vejo-o e ao enorme oceano para que aponta. Acaso deverei eu falar de outra coisa?

In Pelo Deserto as Minhas Mãos. Carcavelos: Coisas de Ler Edições, 2004, p 59.

DEUS ET PULVIS

A António Salvado

Nascera pedra. Bloco na montanha,
Viveria, imortal, no seu recanto,
Crestado pelo Sol, lavado em pranto
De tempestade e orvalho, exposto à sanha

De ventos que lhe davam voz e encanto.
Eis senão quando vem o homem, lanha-
Lhe o dorso inerme e o leva a terra estranha
Onde um artista, pra seu grande espanto

Esculpe um deus grandioso e venerado.
Entanto, pouco, na divina casta
Viveu, porque, cumprindo-se o seu fado,

Em nome da razão, o templo invade
A fúria insana de um iconoclasta -
Desfez-se em pó sua imortalidade.

POEMA AFLITO PARA RIO EXTINTO

Rasgar as águas,
laudas, pergaminhos,
a caligrafia de caniço e anzol,
os veios azuis de corpos
sem rasuras,
o olhar aflito,
a mudez do homem,
a sede e o sol,
as escamas extintas,
raízes de fome,
tentáculos vivos
do verde sudário
a amortalhar o rio,
seus mortos sem nome...

ÁGUA MÍSTICA

Atravessa o rio com um deus nos ombros,
deus de fundas margens,
rio de ombros largos;
semeia nas águas a semente seca
de uma antiga raça
expulsa da barca
porque traficava sol e sal e sangue.
E um peixe-demônio come a voz do tempo
e o anzol do homem;
tinge de vermelho seu rio só lodo,
presente de um deus
que navega em seus ombros.

Xerardo Ovín (Espanha)

A TU COSTADO, A MI LADO

*Fulgor noble y puro,
voz recomenzada:
en tus brazos, ¡Vida!,
en tu seno, ¡Mundo!*
António Salvado

Siempre a mi lado,
naciendo a tus pies,
cansado andar, hollando
de nuevos senderos el polvo.
¡ y siempre tú, sin tiempo, sombra!
Sombra de ti siempre tendida
a tu costado, a mi lado
al frente, velándote la espalda
y a la otra orilla presta estás de nuevo.
Sombra gris cual rama seca
ya casi quebrada,
mi sombra, tiempo gastado
en cuna para que el futuro retoñe.
Suyo es ahora el tiempo,
suyo es el momento
en tanto que mis pasos retroceden,
su silueta será de mi el olvido
confundida sombra en la penumbra
junto al sueño imperecedero.

Su sombra es mi calendario
llegando al final,
en nuevo ritmo estás tú creciendo.
Inagotable pasa la Vida
sin detenerse ningún momento.

DESDE A INTEMPERIE

*De quando em quando habito
desprevenidamente
certa casa vazia
que me aparece à frente*

António Salvado

Chegamos orfos, arelando casas,
indo e vindo, estrañados, dividíndonos,
desacougados, sos entre as carpazas,
coma labercas percurando niños.

Caemos del axiña, atoutiñamos
paredando ilusiões, e acenan sombras
que nos van envolvendo, que non damos
desaloxado e nos invaden todas.

Vimos nus e ninguén nos dixo nada.
Medramos tristes. Simulamos ledos.
Todo engano parece que conforta.

Só á fin a vida atroz, descaretada,
amosa o verdadeiro rostro acedo.
Pero o camiño andado non tén volta.

VIDA

Para António Salvado

Num recôndito cheio de rosas de pesto
desfrutando da flor e da noite
na difícil passagem
deixando a cicatriz
de viver as horas
a tua poesia nos diz
do Jardim do Paço
e doutros lugares
neste recanto da face atlântica.
Estranha condição do homem e da sua procura
no interior à luz!
Amada vida nunca descodificada,
matéria de inquietação,
mas prodígio
com o corpo do coração!

VAU DOS PESARES

Ó umbrosa gândara justamarítima, sombrosa
figura que o cortante pio da suindara enluta,
seca o choro da tristura que em mim deságua.
Ó proceloso aríete que anegradas águas farpa,
sê o trocarte que a tumorosa afeição punça,
serena a consternação que no peito supura.
Ó aquosa salva em que a desassisada pena
as palavras que dão vida aos versos prova,
de enganos adversos priva a alma do poeta.
Ó marítimo versejar, bel salvádego que trilha
árdego o poético negrume, a forçada vaga,
põe safa a amarra que ao pesadume me ata.
Ó vadoso mar que vela meu nodoso afeto,
do que gesto não sejas o abjeto sepulcro,
mas ventre do dessueto canto que recito.
Ó naufragoso oceano de luzidias letras lusas,
dá azo às albicastrenses linhas do grão poeta
que na solidão engendra a recôndita cantiga.



COMO POSLÚDIO...

Depois de mergulhar numa polifonia de vozes de poetas, as mais variadas dos lugares mais variados, seria trivial dizer que compõem um florilégio, seria lugar-comum, pois estes poemas não são ornamento de encómio, mas saem do tear das palavras, provavelmente as mais sentidas e as mais procuradas pensando em António Salvado, no entretecimento de uma homenagem que passa pela admiração ou pela gratidão de um prazer de leitura. Uma procura, que pode ser viagem de chegada ou de partida. Mas viagem. Abre-se uma janela para um *extenso continente* das palavras poéticas de António Salvado, numa deambulação à volta da *casa do amor*, dos cheiros vegetais, de vozes rubras de romã ou de verde de giestas, a teimar esperança nas raízes da terra, nos recônditos da noite abrindo-se para a luz, de todos os motivos que, consciente ou inconscientemente, serviram de *mote*, digamos, a estes poetas que edificaram a antologia, também ela *extenso continente*.

Cresceu a árvore que se foi espreguiçando por muitos ramos, braços que se estendem para um abraço, num ardor de sentidos com o estremecimento duma latência do viver, construindo um marco contra a morte. Lançaram-se pontes de palavras que se emaranharam entre poetas, consubstanciando uma memória gravada no tronco desta árvore, eternizando afectos e valores. O fogo das palavras incendeia outras palavras que se esculpem na merecida homenagem ao poeta António Salvado. É um legado que faz a jura de fé na poesia.

No poslúdio que sinto e assumo, é de toda a justiça uma referência a Maria do Sameiro Barroso, que tem o mérito de mentora e organizadora desta antologia, com a dedicação e sensibilidade que lhe atribuem os que

a conhecem e têm o privilégio de com ela privar. Poetisa reconhecida, investigadora entusiasmada, eis características que também a honram e distinguem na organização doutras antologias do mesmo género.

Os liames estão lançados para um voo de viagem e uma união. Termino com o extracto de um poema:

Entre instante e instante,

entre eu sou e tu és,

a palavra *ponte*.

(...)

OCTAVIO PAZ, «A Ponte»

Maria de Lurdes Gouveia Barata



ÍNDICE

Abdssalam Kharraz (Marrocos).....	p.33
Agripina Costa Marques (Portugal).....	p.34
Aída Acosta (Espanha).....	p.35
Albano Martins (Portugal).....	p.36
Alejandro Romualdo (Peru).....	p.37
Alexandre Bonafim (Brasil).....	p.38
Alfredo Pérez de Alencart (Espanha).....	p.41
Alice Macedo Campos (Portugal).....	p.45
Alice Spíndola (Brasil).....	p.46
Alvaro Alves de Faria (Brasil).....	p.47
Álvaro Cardoso Gomes (Brasil).....	p.50
Amadeu Baptista (Portugal).....	p.51
Américo Rodrigues (Portugal)	p.52
Amosse Mucavelle (Moçambique).....	p.53
Ana Maria Puga (Portugal).....	p.54
Ana Patricia Santaella Pahlén (Espanha)	p.55
Ana Pinto (Portugal).....	p.56
Ángeles Lence (Espanha)	p.57
António Arnault (Portugal)	p.58
António Cândido Franco (Portugal).....	p.60
Antonio Colinas (Espanha).....	p.61
António dos Santos Pereira (Portugal).....	p.63
António Fontinhas (Portugal).....	p.64
António Graça de Abreu (Portugal)	p.65
António José Queiroz (Portugal)	p.66

António Lourenço Marques (Portugal).....	67
António Miranda (Brasil)	68
António Ramos Rosa (Portugal).....	70
António Ribeiro (Portugal).....	71
António Vieira Pires.....	72
Araceli Sagüillo (Espanha).....	73
Arriete Vilela (Brasil)	74
Assumpció Forcada (Espanha, Catalunha).....	75
Astrid Cabral (Brasil)	76
Aurelino Costa (Portugal)	77
Aurélio Porto (Portugal).....	78
Barroso da Fonte (Portugal)	79
Boris Rozas (Espanha).....	80
Cândido da Velha (Portugal)	81
Carlos Aganzo (Espanha)	82
Carlos Felipe Moisés (Brasil).....	84
Carlos Guerreiro Gallego (Espanha).....	85
Carlos Lopes Pires (Portugal).....	86
Carlos Vaz (Portugal)	87
Clauder Arcanjo (Brasil)	88
Cláudio Lima (Portugal)	89
Cláudio Willer (Brasil)	91
Cristino Cortes (Portugal)	92
Cyro de Matos (Brasil)	93
Daniel Abrunheiro (Portugal)	95
David de Medeiros Leite (Brasil)	96
Delmar António Gonçalves (Moçambique)	97
Domingo F. Faílde (Espanha)	98
Dolors Alberola (Espanha).....	99
Elena Díaz Santana (Espanha)	100
Enrique Villagrasa (Espanha).....	102
Enrique Viloría Vera (Venezuela)	103

Ernesto Rodrigues (Portugal)	104
Ernesto Román Orozco (Venezuela)	105
Eugénio Beirão (Portugal)	106
Fátima Pitta Dionísio (Portugal)	107
Fernando Botto Semedo (Portugal)	108
Fernando de Castro Branco (Portugal)	109
Fernando Esteves Pinto (Portugal)	111
Fernando Gil Villa (Espanña)	112
Fernando Grade (Portugal)	114
Fernando J. B. Martinho (Portugal)	116
Fernando Sabido Sánchez (Espanha)	117
Fina Rodríguez Palau (Espanha, Catalunha)	118
Floriano Martins (Brasil)	119
Frank Estévez Guerra (Gáldar, Gran Canaria)	120
Fulgencio Martínez (Espanha)	121
Gabriel Impaglione (Argentina - Itália)	123
Gabriel Jiménez Emán (Venezuela)	125
Gabriela Rocha Martins (Portugal)	127
Gisela Ramos Rosa (Portugal)	129
Gloria Sánchez (Espanha)	130
Gonçalo Salvado (Portugal)	131
Guillermo Juan Ibáñez (Argentina)	132
Helena Villar Janeiro (Espanha, Galiza)	134
Inês Lourenço (Portugal)	135
Isabel de Rueda (Espanha)	136
Isabel Leonor Forte Salvado (Portugal)	137
Isabel Mendes Ferreira (Portugal)	139
Isabel Miguel (Espanha)	140
Isabel Pavón (Espanha)	141
Ivan Ribeiro (Brasil)	142
Ivo Machado (Portugal)	144
Ivo Miguel Barroso (Portugal)	145

Javier Alcaíns (Espanha)	147
Javier Burguillo (Espanha)	148
Jean-Paul Mestas (França)	149
Jesús Fonseca Escartín (Espanha)	150
Jesús Losada (Espanha)	151
Joana Lapa (Portugal)	152
João Camilo (Portugal)	153
João-Maria Nabais (Portugal)	154
João Mendes Rosa (Portugal)	156
João Rasteiro (Portugal)	157
João Rui de Sousa (Portugal)	159
João de Sousa Teixeira (Portugal)	160
Joaquim Cardoso Dias (Portugal)	161
Jorge Cadavid (Colômbia)	162
Jorge Fragoso (Portugal)	163
José Agostinho Baptista (Portugal)	164
José Amador Martín Sánchez (Espanha)	165
José António Valle Alonso (Espanha)	168
José Carlos González (Portugal)	169
José d'Encarnação (Portugal)	171
José do Carmo Francisco (Portugal)	172
José Dias Pires (Portugal)	173
José-Emílio Nelson (Portugal)	175
José Félix Duque (Portugal)	177
José Jorge Letria (Portugal)	182
José Ledesma Criado (Espanha)	184
José Manuel Capêlo (Portugal)	185
José María Muñoz Quirós (Espanha)	186
José Miguel Santolaya Silva (Peru)	187
José Pulido (Venezuela)	188
José Ribeiro Marto (Portugal)	190
Juan Carlos López (Espanha)	191

Juan Rosco (Espanha)	192
Juan Ángel Torres Rechy (Espanha)	193
Julião Bernardes (Portugal)	196
Júlio Vaz Carvalho (Portugal)	197
Leocádia Regalo (Portugal)	198
Leopoldo López. Samprón (Espanha)	200
Luís-Cláudio Ribeiro (Portugal)	202
Luis Filipe Castro Mendes (Portugal)	203
Luís Filipe Maçarico (Portugal)	204
Luís Frayle Delgado (Espanha)	205
Luis Guillermo Alonso (Espanha)	206
Luís Quintais (Portugal)	208
Luís Serguilha (Portugal)	209
Luísa Freire (Portugal)	210
Luísa Ribeiro (Portugal)	211
Luís-Cláudio Ribeiro (Portugal)	212
Magela Colares (Brasil)	213
Manuel Barata (Portugal)	214
Manuel Silva Terra (Portugal)	215
Manuela Azevedo (Portugal)	216
Marcelo Gatica (Chile)	217
Margarita Arroyo (Chile)	218
Maria Augusta Silva (Portugal)	220
Maria José Leal (Portugal)	221
Maria de Lurdes Hortas (Brasil)	222
Maria de Lurdes Gouveia Barata (Portugal)	223
Maria do Sameiro Barroso (Portugal)	224
Maria Lucília F. Meleiro (Portugal)	225
Maria Teresa Dias Furtado (Portugal)	226
Mariana Ianelli (Brasil)	228
Mário Hélio (Portugal)	229
Marta López Vilar (Espanha)	230

Máximo Cayón Diéguez (Espanha)	231
Miguel Aguilar Carrillo (México)	232
Miguel Serras Pereira (Portugal)	233
Miguel Veyrat (Espanha)	234
Nicolau Saião (Portugal)	235
Nydia Bonetti (Brasil)	237
Osacar Rodriguez (Espanha)	238
Patricio González (Espanha)	240
Paulo de Tarso Correia de Melo (Brasil)	241
Paulo Jorge Britto e Abreu (Portugal)	242
Paulo José Miranda (Portugal)	243
Pedro Saborino (Portugal)	244
Pedro Tarquis (Espanha)	245
Péricles Prade (Brasil)	246
Raúl Vacas (Espanha)	247
Remo Ruiz (Espanha)	249
René Arrieta (Colômbia)	250
Ricardo Gil Soeiro (Portugal)	251
Ricardo Marques (Portugal)	253
Ricardo Paseyro (Uruguai)	254
Rizolete Fernandes (Brasil)	255
Rui Almeida (Portugal)	256
Rui Miguel Duarte (Portugal)	257
Ruy Ventura (Portugal)	258
Santiago Aguaded Landero (Espanha)	259
Santiago Redondo Vega (Espanha)	260
Saturnino Alonso Requejo (Espanha)	261
Sidney Rocha (Brasil)	263
Soledad Sánchez Mulas (Espanha)	265
Sonia Luz Carrillo (Peru)	267
Stella Leonardos (Brasil)	268
Stefania di Leo (Itália)	269

Sylvia Miranda (Peru)	270
Teresa Rita Lopes (Portugal)	271
Teresinka Pereira (Brasil)	274
Tereza Tenório (Brasil)	275
Tiago Nené (Portugal)	276
Tomás Acosta Píriz (Espanha)	277
Vergílio Alberto Vieira (Portugal)	278
Verónica Amat (Espanha)	280
Victor Oliveira Mateus (Portugal)	281
Wagner Ribeiro (Brasil)	282
Wender Montenegro (Brasil)	283
Xenardo Ovín (Espanha)	285
Xesús Rabáde Paredes (Galiza)	287
Zé das Berças (Portugal).....	288
Zeilton A. Feitosa (Brasil)	289

